



INRC MARAJÓ

---

Inventário Nacional de Referências Culturais

Dossiê das Festividades de São Sebastião na Mesorregião do Marajó

Belém, dezembro de 2010

---



PRESIDENTE DA REPÚBLICA

**Luiz Inácio Lula da Silva**

MINISTRO DA CULTURA

**Juca Ferreira**

PRESIDENTE DO IPHAN

**Luiz Fernando de Almeida**

DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

**Maria Emília Nascimento Santos**

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL

**Márcia Sant'Anna**

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO

**Dalmo Vieira Filho**

DEPARTAMENTO DE ARTICULAÇÃO E FOMENTO

**Márcia Genésia Gonçalves Roleemberg**

PROCURADORIA FEDERAL/ IPHAN

**Antonio Fernando Alves Leal Nery**

SUPERINTENDENTE REGIONAL NO PARÁ

**Maria Dorotéa de Lima**

COORDENAÇÃO TÉCNICA – IPHAN PA

**Carmem Silvia Viana Trindade**

COORDENADOR ADMINISTRATIVO

**Raimundo Nonato dos Santos Cardoso**

EQUIPE TÉCNICA IPHAN  
DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL

SUPERVISÃO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL  
**Ana Gita de Oliveira**

**SUPERINTENDÊNCIA IPHAN PA**

SUPERVISÃO TÉCNICA  
**Ítala Byanca Morais da Silva**

REVISÃO FINAL  
**Ítala Byanca Morais da Silva**  
**Maria Dorotéa de Lima**

EQUIPE CONTRATADA  
Coordenação Geral  
**Líliam Cristina da Silva Barros**  
Pesquisadores  
**Ana Luiza Leal**  
**Líliam Cristina da Silva Barros**  
**Vanda Pantoja**

ASSISTENTES DE PESQUISA  
**Thaís Araújo**  
**Verena Abufaiad**

REDAÇÃO DO DOSSIÊ  
**Líliam Barros**  
**Vanda Pantoja**

FOTOGRAFIAS

**INRC/Marajó**

**INRC/São Sebastião**

**CAPA Catarine Moreira**

## SUMÁRIO

1. Introdução	08
2. Apresentação do sítio inventariado	18
2.1. Delimitação e Localização	18
2.2. Disputa pelo Marajó – os primeiros habitantes	19
3. Religiosidade Marajoara	31
4. As Festividades de São Sebastião no Marajó: uma abordagem etnográfica	35
4.1. A história de São Sebastião	35
4.2. A Devoção de São Sebastião no Marajó	36
5. Bens culturais das festividades	74
5.1. Celebrações	74
5.2. Formas de expressão	83
5.2.1. Repertórios musicais; lutas; histórias e milagres; grupos artísticos; instrumentos rituais	83
5.3.- Ofícios e Modos de Fazer	90
5.4. Lugares e Edificações: igrejas, capelas, residências e itinerários	92
6. O repertório de ladainhas nas festividades de São Sebastião na Ilha do Marajó.	96
6.1. Contextos em que se reza a ladainha	96
6.2. Os rezadores	103
6.3. Motivo pelo qual se reza	
6.3. Caráter simbólico no contexto da reza da ladainha	108
6.4. Processo de transmissão desse repertório	110
7. O processo de “patrimonialização” das Festividades de São Sebastião no Marajó	113
8 - Considerações Finais	116
Referências bibliográficas	119

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização da Mesorregião	09
Figura 2 - Frente do Museu do Marajó em Cachoeira do Arari.	11
Figura 3 - Altar religioso com várias imagens de santos católicos e instrumentos ligados à prática da pajelança e da umbanda. Município de Anajás	33
Figura 4 - Imagem de São Sebastião conhecida pelos moradores como peregrina, pois é a imagem que acompanha as procissões por ocasião da festa. Cachoeira do Arari	37
Figura 5 - Imagens de São Sebastião de vários Municípios da Mesorregião. Da esquerda para direita, Muaná, Breves, Muaná, Chaves e as duas últimas de São Sebastião da Boa Vista	37-38
Figura 6 - Altar com várias imagens católicas. Município de Currealinho	44
Figura 7 - Pessoas chegando à cidade de Cachoeira do Arari para os festejos de São Sebastião	58
Figura 8 - Ruas e residências de Cachoeira do Arari ornamentadas para os festejos de São Sebastião	68
Figura 9 - Três momentos da Procissão dos Vaqueiros em Cachoeira do Arari	69
Figura 10 - Detalhes dos mastros dos homens, das mulheres e crianças em Cachoeira do Arari	70
Figura 11 - Mastro de São Sebastião pronto pra ser “hasteado” na cidade de Portel	75
Figura 12 - Consumo do leite de onça no contexto da festa em Cachoeira do Arari	77
Figura 13 - Banda de músicos de Cachoeira do Arari em três momentos	

da festa: em frente à Matriz, no interior da igreja e animando a festa do Arraial	80
Figura 14 - As aparelhagens complementam a festa do santo nas sedes sociais e bares da cidade. Cachoeira do Arari	80
Figura 15 - Procissão de Encerramento em Cachoeira do Arari	82
Figura 16 - Aspectos do Arraial de São Sebastião na Cidade de Cachoeira do Arari	83
Figura 17 - Três momentos da Luta Marajoara: luta entre crianças, espectadores se posicionando para assistir a luta e a luta entre homens adultos. Cachoeira do Arari	85
Figura 18 - Altar doméstico com várias imagens de santo. S Sebastião da Boa Vista	88
Figura 19 - Bandeiras em Homenagem a São Sebastião em Cachoeira do Arari	90
Figura 20 - Integrantes as Comissão de São Sebastião. Cachoeira do Arari	91
Figura 21 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição, local onde acontecem os festejos de São Sebastião em Cachoeira do Arari	93
Figura 22 - Capela dos Vaqueiros em Cachoeira do Arari de onde tem início a Procissão dos Vaqueiros e, em Portel, capela do santo no bairro do Muruci	94
Figura 23 - Residências enfeitadas com balões, bandeiras e fitas com as cores do santo em Cachoeira do Arari	95
Tabela - 1 Lista das Festividades por Município	15 -17

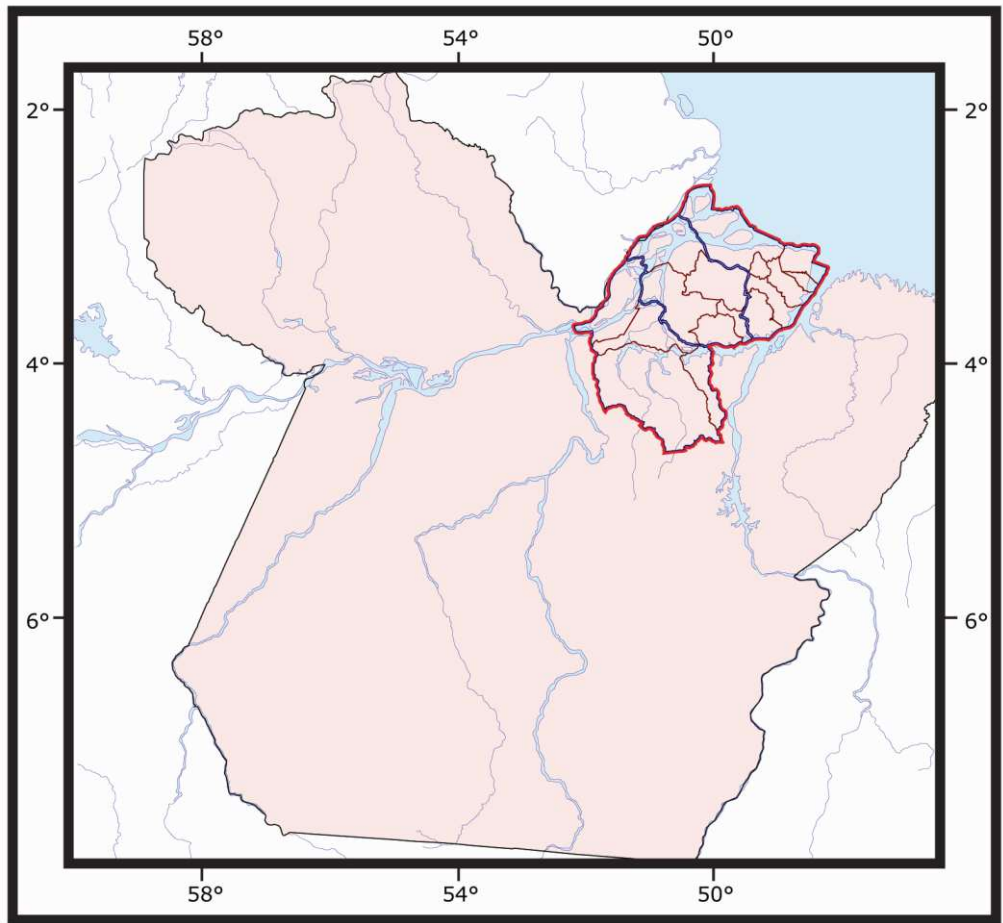
## INTRODUÇÃO

No ano de 2002, atendendo a convite da Comissão Organizadora da Festividade do Glorioso São Sebastião, técnicos do IPHAN participaram, em Cachoeira do Arari, de uma oficina de planejamento da organização da festa para o ano de 2003. Nesta ocasião, foi solicitado pela Comissão aos representantes do IPHAN que explicitassem os procedimentos do processo de registro de um bem como patrimônio cultural brasileiro. Após a explicação foi manifestada a vontade de que essa celebração fosse assim reconhecida, o que levou-nos então a propor entre as ações para o ano de 2004 a realização do Inventário das Referências Culturais do Marajó como primeiro passo desse processo, como veremos em seguida.

A Mesorregião do Marajó é uma das seis mesorregiões do Estado do Pará, é formada pela união de dezesseis municípios e subdividida em três microrregiões: Microrregião do Arari, Microrregião do Furo de Breves e Microrregião de Portel.

Portanto, com o intuito de atender a demanda apresentada ao IPHAN em 2002, foi realizado, entre 2004 e 2009, o Levantamento Preliminar das Manifestações Culturais do Marajó, incluindo essas três microrregiões, no qual foram identificados mais de 800 bens culturais. O levantamento foi realizado em três etapas correspondentes a essas micro-regiões componentes da Mesorregião. As etapas foram realizadas em momentos distintos e oportunizaram diversas ações que envolveram a realização de encontros entre agentes culturais, debates, inserção de certos setores produtivos em exposições regionais, além da produção de material contendo os resultados da pesquisa, como CD-ROM e DVD produzidos e entregues nas escolas e instituições públicas do Marajó e para os entrevistados durante as pesquisas de campo, e duas publicações que estão no prelo também com os resultados dessa pesquisa.





**LOCALIZAÇÃO DA MESORREGIÃO DO MARAJÓ NO ESTADO**

**ESCALA 1:20.000.000**

**LEGENDA**





-  Limites da Mesorregião
-  Limites das Microrregiões
-  Limites dos Municípios
-  Hidrografias

Figura 1 - Mapa de localização da Mesorregião

As idas e vindas da equipe de pesquisadores responsáveis pelo Levantamento junto às comunidades gerou um diálogo em torno da questão do patrimônio cultural do Marajó, especialmente no município de Cachoeira do Arari, onde se constatou, de fato, uma das festividades de santo de maior expressão mais expressivas da região. A razão da maior proeminência desse município nos dados obtidos pelo Levantamento está diretamente relacionada à realização no ano de 2007 do Inventário da Festividade do Glorioso São Sebastião, no município de Cachoeira do Arari, na ilha do Marajó, realizado em decorrência do desejo manifestado em 2002 ao IPHAN pela Comissão organizadora da festividade e formalizado apenas em 2008 pelo Museu do Marajó.

O Museu do Marajó como proponente do Registro merece um esclarecimento: Fundado pelo padre Giovanni Gallo, em 1972, na cidade de Santa Cruz do Arari, no arquipélago do Marajó/Pará e transferido, em 1984, para a cidade de Cachoeira do Arari, também no Marajó, instalou-se em um galpão de uma indústria de extração de óleo vegetal, desativada, aonde funciona até hoje.

Italiano de Turim, Giovanni Gallo veio para o Brasil, em 1970, como sacerdote da Companhia de Jesus, iniciando sua atuação no Brasil pelo Maranhão. Em 1972 foi transferido para o Marajó, Santa Cruz do Arari, onde encantou-se pela cultura e pelos marajoaras. Inconformado com as dificuldades enfrentadas pela população vislumbrou na cultura marajoara a possibilidade de transformação daquela dura realidade, constatada ainda hoje pelos baixíssimos índices de desenvolvimento humano (IDH). Fundou então o Museu do Marajó, onde a partir dos elementos da cultura local situa o Marajó no tempo e no mundo. Esse Museu, assim como a população marajoara, vem enfrentando uma série de dificuldades para se manterem vivos. Gallo faleceu em 2003, mas o Museu persiste, com muitas dificuldades e, junto com ele ficou ali plantada uma semente e o reconhecimento de que a cultura é uma das grandes possibilidades de novos e melhores tempos para o Marajó e sua gente, sendo o Museu o porta voz dessa e de outras demandas locais. A relação entre o Museu e a Festividade de São Sebastião é muito estreita, pois a comissão organizadora da celebração tem

membros da diretoria do Museu e vice-versa. Acrescente-se ainda o fato de que a Comissão não tinha personalidade jurídica, mas hoje, registrada como Irmandade dos Cavaleiros de São Sebastião endossa o pedido do Museu para o registro da Festividade do Glorioso São Sebastião como patrimônio cultural brasileiro.



Figura 02 - Frente do Museu do Marajó em Cachoeira do Arari.

Explicitada a participação do Museu do Marajó nesse processo, retomamos o inventário da festividade, em cujo decurso e a partir dos resultados deste, foram produzidos um DVD denominado “O Glorioso”, o relatório final, o preenchimento do banco de dados, o livro “Folias de São Sebastião: um estudo da transmissão musical”, e este Dossiê.

Além da etnografia pormenorizada dos bens culturais associados à festa de São Sebastião, o inventário possibilitou a percepção de diversos aspectos em situação de vulnerabilidade, tais como questões em torno da organização da festividade, os repertórios musicais e a infra-estrutura local. A

partir desta verificação, e no âmbito deste processo, foi realizado pelo Iphan o “Seminário sobre a Preservação da Festividade do Glorioso São Sebastião” entre os meses de outubro e dezembro de 2007, em Cachoeira do Arari. Esta ação teve como objetivo dialogar com a comunidade e com os responsáveis pela organização da festividade acerca das questões que envolvem um bem em processo de “patrimonialização”, bem como as dificuldades e conflitos que se colocam para a reprodução dessa manifestação cultural.

A grande incidência de celebrações a São Sebastião no Marajó identificada pela pesquisa levou à complementação, nos primeiros meses de 2009, de informações relativas às celebrações a São Sebastião nos outros municípios do arquipélago. Esses dados foram obtidos de duas maneiras: com uma equipe de quatro pesquisadores que retornou aos 11 municípios da Ilha para completar as informações e com uma segunda equipe deslocando-se aos municípios da Microrregião de Portel para início do Levantamento Preliminar nessa região. O propósito de tal iniciativa foi o de obter o maior número de informações possíveis de outras festividades de São Sebastião e assim poder avaliar a possibilidade de estender o pedido de registro de um município apenas, para o restante do arquipélago. É, portanto, nesse sentido que este dossiê visa um panorama das festas de São Sebastião do arquipélago do Marajó, dado a recorrência dessa festividade em muitas outras localidades do arquipélago. Ressalta-se, entretanto, que o inventário detalhado se deu apenas no município de Cachoeira do Arari, de onde partiu a solicitação do registro.

De posse do material dessas pesquisas foi possível observar que a devoção a São Sebastião ocorre de diversas maneiras e com diversos níveis de força em todos os municípios pesquisados. Foram registradas 45 festividades em honra a São Sebastião, sendo que uma delas não ocorre há cerca de 30 anos. Apenas nos municípios de Ponta de Pedras e Bagre não foi identificada essa festividade. Além das festividades, foram identificados pelo levantamento complementar sete bens culturais associados recorrentes, para os quais foram abertas fichas de identificação: Corrida de Cavalos (Caju-Una, Soure), Ladainhas (ocorrem em todos os municípios), Banda de Música 1º de Maio (Jubim, Salvaterra) e Tiborna, uma bebida típica da festa (Passagem Grande, Salvaterra). As festividades possuem elementos rituais compartilhados que serão descritos

nos capítulos seguintes, mas possuem idiosincrasias que as tornam únicas em seus contextos, ligadas aos aspectos culturais locais. As celebrações de maiores proporções, que envolvem grande complexo estrutural com diversos setores da economia e cultura, como município, Igreja, associações locais e outras instâncias são a do Glorioso São Sebastião, em Cachoeira do Arari; a de São Sebastião da Vila do Arapixi, em Chaves, ambas na região dos Campos; a de São Sebastião da Boa Vista, na localidade homônima; e a de São Sebastião, em Breves, ambas na região dos Furos. As demais são de menores proporções e dividem-se entre aquelas vinculadas ou não à Igreja, já que muitas possuem caráter familiar e não estão oficialmente ligadas às paróquias locais.

O processo histórico de ocupação do Marajó, envolvendo a participação da Igreja Católica na região desde o século XVII, contribuiu para a formação de um modelo de festa de santo (provavelmente presente em outras áreas da Amazônia<sup>1</sup> cujos elementos presentemente encontram-se viva e dinamicamente na festividade de Cachoeira do Arari, envolvidos numa rede de valores culturais específicos que circunscrevem o imaginário marajoara.

A partir da análise estrutural das festividades e dos aspectos simbólicos que as envolvem, esse dossiê apresenta um panorama fundado numa matriz histórica das festas de santo no Marajó, comum ao longo da primeira metade do século XX, cujos valores culturais permanecem num *continuum* dinâmico em seus processos de transmissão envolvendo elementos rituais, práticas, imaginário e bens culturais associados. A Festividade do Glorioso São Sebastião, em Cachoeira do Arari, irradia tais valores para as demais festividades, seja pelo trânsito dos foliões entre festividades menores, seja pelo trânsito de gravações (comuns na atualidade) ou mesmo pelo “ouvir falar”. A troca simbólica de repertórios e instrumentos musicais, comidas, adereços e objetos rituais é frequente neste modelo de festa de santo, sendo comum, conforme relatado nas entrevistas, nos idos da primeira metade do século XX, o encontro entre comissões de santos tanto na região dos Campos, quanto na região dos Furos.

A troca sempre presente nessas manifestações está na base do

---

<sup>1</sup> Cf. Barros, 2003.

processo de reprodução dos valores culturais dessas festividades. Percebe-se que, atualmente, a Festividade do Glorioso São Sebastião em Cachoeira do Arari apresenta este papel de fornecedora e, ao mesmo tempo, receptora de trocas simbólicas e isso se deve principalmente ao papel dos foliões e rezadores, uma vez que alguns residem em municípios próximos e, pela própria natureza de sua atividade, andam pelas redondezas rezando e cantando folias para os santos.

A interpretação dos dados levantados nas pesquisas realizadas pelo Iphan no Marajó possibilitou inferir que as festividades de São Sebastião investigadas em profundidade expressam, de forma bastante significativa, a religiosidade popular do marajoara, sendo esta decorrente do processo de colonização, de um relativo isolamento geográfico e das conseqüentes dificuldades destas condições associadas à ausência prolongada de sacerdotes em muitas localidades, o que ainda é muito freqüente no Marajó e em outras regiões da Amazônia.

Segundo essa perspectiva compreende-se que a solicitação de registro feita pelo Museu do Marajó, endossada pela Irmandade dos Cavaleiros de São Sebastião de Cachoeira do Arari, reafirma essa interpretação, podendo ser identificada como uma forte referência cultural de diversos grupos sociais que habitam o arquipélago, uma vez que a devoção a este santo, a princípio fortemente vinculada à atividade do vaqueiro e à proteção do gado, acabou por estender-se para outros grupos de forma indiscriminada. É, portanto a partir desse entendimento e dessa constatação que se indica o registro das Festividades do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari, São Sebastião da Vila do Arapixi de Chaves, São Sebastião da Boa Vista e São Sebastião de Breves, todos na Ilha do Marajó, no estado do Pará, como patrimônio cultural brasileiro, na categoria celebração, podendo ser estendido para todas as demais localidades onde foi identificada a festividade.

Em seguida, veja-se o quadro com todas as festividades a São Sebastião identificadas na o arquipélago do Marajó.

### Soure

<b>Bem Cultural</b>	<b>Vinculação à Igreja</b>	<b>Localidade</b>
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Sede do município
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Caju-Uma
Festa de São Sebastião	Não, devoção familiar – vigente	Sede do município
Festa de São Sebastião	Não, devoção familiar – vigente	Sede do município
Festa de São Sebastião	Não, devoção familiar – vigente	Pedral

### Salvaterra

<b>Bem Cultural</b>	<b>Vinculação à Igreja</b>	<b>Localidade</b>
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Passagem Grande
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Pingo D'Água
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Vila Ceará

### Curralinho

<b>Bem Cultural</b>	<b>Vinculação à Igreja</b>	<b>Localidade</b>
São Sebastião da Borracha	Não, devoção familiar – vigente	Sede do município
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Rio Canaticum
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Rio Matuacá

### São Sebastião da Boa Vista

<b>Bem Cultural</b>	<b>Vinculação à Igreja</b>	<b>Localidade</b>
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Sede do município
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Comunidade de São Sebastião
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Comunidade de São Sebastião

### Breves

<b>Bem Cultural</b>	<b>Vinculação à Igreja</b>	<b>Localidade</b>
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Sede do Município
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Rio Mapuá Mirim
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Arame
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Três Bocas
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Jaburu
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Ilha do Mutum
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Canta Galo
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Tajapuru

**Continua para as demais**

**Ponta de Pedras**

<b>Bem Cultural</b>	<b>Vinculação à Igreja</b>	<b>Localidade</b>
Festividade de São Sebastião	A festa não ocorre há mais de 50 anos – memória	Sede

**Santa Cruz do Arari**

<b>Bem Cultural</b>	<b>Vinculação à Igreja</b>	<b>Localidade</b>
Festividade de São Sebastião	Sim – vigente	Jenipapo
Ladainhas	Sim – vigente	Jenipapo
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Sede
Ladainhas	Sim – vigente	Sede

**Muaná**

<b>Bem Cultural</b>	<b>Vinculação à Igreja</b>	<b>Localidade</b>
Tríduo São Sebastião	Sim – vigente	Sede
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Comunidade de São Sebastião

**Anajás**

<b>Bem Cultural</b>	<b>Vinculação à Igreja</b>	<b>Localidade</b>
Novena de São Sebastião	Sim – vigente	Sede
Festa de São Sebastião	Não – vigente	Marinheiro do Anajás
Festa de São Sebastião	Não – vigente	Pedras
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Carumbé do Anajás

**Chaves**

<b>Bem Cultural</b>	<b>Vinculação à Igreja</b>	<b>Localidade</b>
Festa de São Sebastião do Arapixi	Sim – vigente	Vila do Arapixi
Festa de São Sebastião de Viçosa	Sim – vigente	Carás de Viçosa – Ilha Cavianinha
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Rio Corredor – Ilha Cavianinha
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Sede

**Afuá**

<b>Bem Cultural</b>	<b>Vinculação à Igreja</b>	<b>Localidade</b>
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Sede
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Ilha do Jurupari – rio Santa Cruz
Festa de São Sebastião	Sim (paróquia de Macapá) – vigente	Ilha do Pará



Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Rio Xarapucú
Festa de São Sebastião	Sim – vigente	Rio Piraiauara

**Conclusão para a última**

**Bagre**

<b>Bem Cultural</b>	<b>Vinculação à Igreja</b>	<b>Localidade</b>
Não foi verificado		

**Portel**

<b>Bem Cultural</b>	<b>Vinculação à Igreja</b>	<b>Localidade</b>
Festa de São Sebastião	Não - vigente	Sede do município
Festa de São Sebastião	Não – vigente	Comunidade Tabatinga, Rio Pacajá

**Melgaço**

<b>Bem Cultural</b>	<b>Vinculação à Igreja</b>	<b>Localidade</b>
Festa de São Sebastião	Sim, não acontece há cerca de 40 anos - memória	Sede do município
Festa de São Sebastião	Não – vigente	Comunidade São Sebastião

**Gurupá**

<b>Bem Cultural</b>	<b>Vinculação à Igreja</b>	<b>Localidade</b>
Festa de São Sebastião	Não – vigente	Comunidade Nossa Senhora de Nazaré

**Tabela 1 Lista das Festividades por Município**

**2. Apresentação do sítio inventariado**

## 2.1. Delimitação e localização

A microrregião do Arari é formada por sete municípios: Cachoeira do Arari, Chaves, Muaná, Ponta de Pedras, Salvaterra, Santa Cruz do Arari e Soure. Em 2006 sua população estimada era de 127.950 habitantes e sua área corresponde a 28.948,830 Km<sup>2</sup>. A Microrregião do Furo de Breves é formada pelos municípios de Afuá, Anajás, Breves, Currealinho e São Sebastião da Boa Vista, sua população estimada em 2006 era de 187, 176 habitantes e sua área é de 30.094,393 Km<sup>2</sup>.

A Microrregião de Portel é composta por quatro municípios, Portel, Gurupá, Melgaço e Breves, a população estimada no ano de 2006 era de 110.037 habitantes e sua área corresponde a 45.096,07Km<sup>2</sup>. No território da mesorregião está contida a Ilha do Marajó, área que compreende as microrregiões do Arari e do Furo de Breves. Esta Ilha situa-se no extremo norte do Brasil, na foz do Rio Amazonas, limitando-se com o Oceano Atlântico. Está compreendida entre os meridianos de 48º e 51º Oeste e entre os paralelos de 0º e 2º Sul, com uma superfície de 49.606 Km<sup>2</sup>. Insere-se no conjunto de ilhas que formam o maior arquipélago flúvio-marinho do mundo, com uma área total de cerca de 62.000 km<sup>2</sup>, juntamente com as Ilhas de Caviana (com 5 mil km<sup>2</sup>) e Mexiana (com 1,5 mil km<sup>2</sup>) (IPHAN, 2004;2009).

A grande área observada para registro foi o arquipélago do Marajó, envolvendo as três micro-regiões que o compõe – do Arari, do Furo de Breves e de Portel – esta última já na parte continental, contabilizando ao todo 16 municípios. Tais fronteiras espaciais são fluidas em se tratando de festas de santo em função mesmo do caráter de troca, mencionado. No entanto, o Marajó compreende um complexo em torno das festividades em honra a São Sebastião que tem como núcleo irradiador a Festividade do Glorioso São Sebastião, em Cachoeira do Arari, na micro-região do Arari, nos Campos.

## **2.2. A disputa pelo Marajó - os primeiros habitantes**

Quase um século antes da fundação da cidade de Santa Maria de Belém, exploradores espanhóis já haviam estado na foz do Amazonas e arredores da ilha do Marajó. O descobrimento da foz do rio Amazonas por Vicente Yanez Pinzón (1500) é descrito por Papavero (2000). A viagem de Francisco Orellana no Rio Amazonas abaixo foi descrita por Frei Gaspar de Carvajal (1545) e aponta os arredores da ilha do Marajó (PAPAVERO, 2000, p.31).

Esse período é marcado por tentativas de identificação e incorporação de territórios do litoral brasileiro por exploradores estrangeiros, especialmente espanhóis, holandeses e portugueses. A partir do século XVI a presença portuguesa tornou-se mais enfática, com a fundação da cidade de Santa Maria de Belém por Francisco Caldeira Castelo Branco e estabelecimento de fortes militares em áreas de interesse geopolítico. A partir de então teve início o processo de colonização da bacia amazônica, até então ameaçada pela presença de estrangeiros na foz do grande rio. Camilo Caldeira Castelo Branco iniciou a fila dos Capitães Mores que governaram o Pará até 1626, subordinados ao Maranhão e, em nível macro, ao Governo Geral do Brasil. Somente em 1737 foi assentada no Pará a sede do Governo Geral das duas províncias e somente em 1772 as duas províncias foram separadas. Em 1623, Bento Maciel Parente e Luís Aranha de Vasconcelos tomam os fortins flamengos ainda existentes em Santo Antônio de Gurupá e Nossa Senhora do Desterro. Tais ações significaram mais um passo no sentido de cristalizar a ocupação portuguesa no norte do Brasil. Durante os séculos XVII e XVIII, a defesa da costa atlântica na barra de Belém e foz do Amazonas se deu a partir de três zonas fortificadas: o Forte do Presépio em Belém; a Fortaleza de Santo Antônio em Gurupá e o Forte de São José, origem da cidade de Macapá.

Paralelamente à ocupação militar do território houve as ações missionárias, uma outra face da colonização amazônica. Os primeiros missionários a fixarem-se na região foram os franciscanos em 1617 e, logo em seguida, Capuchos de Santo Antônio, Carmelitas, Mercedários, Capuchos de São José e de Nossa Senhora da Piedade. Em 1626 houve a primeira tentativa de estabelecimento dos jesuítas no Pará, o que só viria a concretizar-se em 1653

com a chegada do pe. Antônio Vieira. Tais ações missionárias foram responsáveis pela introdução das práticas católicas na região, incluindo as festividades em honra aos santos e os repertórios musicais conectados a elas.

Desde os primeiros tempos da ocupação estrangeira no Pará, o Marajó sempre significou um grande objetivo e desafio para os colonizadores em função da sua localização politicamente interessante e das inúmeras riquezas naturais que os europeus acreditavam existir na ilha. Muitas crônicas apontam a ilha do Marajó, naquela época Ilha Grande de Joannes, como inexpugnável.

A Ilha Grande de Joannes era habitada por comunidades indígenas de tronco lingüístico tupi, as crônicas apontam especificamente os Nheengaíbas e Aruãs. Tais comunidades indígenas já haviam entrado em contato com exploradores holandeses e estabelecido relações comerciais, portanto, consideravam portugueses como invasores. Do outro lado, os colonizadores portugueses concebiam a vitória contra os Nheengaíbas e Aruãs uma conquista extremamente importante, significando a própria tomada do poderio holandês e cristalização da ocupação portuguesa.

O período que compreende a fundação da cidade de Santa Maria de Belém até o estabelecimento definitivo das missões jesuítas foi marcado por tentativas de “pacificação” e/ou batalhas sangrentas contra essas comunidades indígenas. Pe João Felipe Bettendorf (1990, p.25) menciona o contato com esses grupos indígenas da capitania de Joannes). A atuação dos padres da Companhia de Jesus foi determinante na realização do intento de conquista da Ilha Grande de Joannes. A primeira tentativa de contato com essas comunidades indígenas foi feita pelo padre Luiz Figueira em meados do século XVII em que morreu tragicamente vítima dos índios Aruãs. A “pacificação” desses índios significava, para os jesuítas, uma legitimação para estabelecimento definitivo da Companhia no Pará (AZEVEDO, 1999, p.64). A necessidade de conquista do Marajó estava relacionada com a garantia do poderio português na nova terra, (*ibid*, p.69).

Os missionários jesuítas compreendiam essa necessidade, e, portanto fizeram uma segunda tentativa de contato com os índios do Marajó, na verdade, uma batalha com uma expedição composta por cento e dez portugueses e todos

os índios disponíveis (*ibid*, 1999, p.69-70) tendo como missionário João de Souto-Maior. Bettendorf faz uma descrição das etnias que habitavam a Ilha Grande de Joannes e de como feita a expedição ao lugar:

Como Deus Nosso Senhor tinha escolhido o Padre João de Souto Maior, não só para illustrar as cidades com seu exemplo e doutrina, mas ainda para levar a luz de Nossa Santa Fé aos sertões de muita gentildade que há em o Estado do Maranhão, foi eleito por Missionário do Padre Antônio Vieira, subprior e visitador de toda a missão para ir aos Ingaibas, em tempo que o Governador André Vidal de Negreiros mandou dous cabos com uns cento e doze brancos e unas novecentos índios, em umas trinta e sete canôas, para irem castigar os Aruans da costa que tinham morto o Padre Luiz Figueira e seus companheiros naufragados, e juntamente para fazerem pazes com os Ingaybas em as ilhas da terra a dentro, indo por cabo da tropa da costa Agostinho Corrêa, o da terra a dentro Pedro da Costa Favella. Está a ilha de Joannes, que comprehende as ilhas dos Ingaygas e muitas outras nações, atravessada em o rio das Amazonas, e quase de maior grandeza de terras que todo o Reino de Porrrugal. Habitam-na sete nações, cada uma de língua diferente e de maneira que vivendo em a mesma ilha, no meio do rio, se não entendem uns aos outros, tendo muitas vezes guerras entre si. Os nomes das nações são: Joannes ou Sacacas, Aruans, Mapuazes, Mamaianázs, Puxis e Boccas. . . (BETTENDORF, 1990, p.90)

Segundo a crônica de Bettendorf, depois de três meses, a expedição militar desenganou-se de vencer os índios por meio das armas, tendo a “pacificação” se dado através de ato do padre João de Souto Maior, que entregou ao principal da primeira aldeia tomada um crucifixo significando uma promessa de paz. Três dias depois desse fato, a tropa retornou.

Tal situação de insubordinação dos índios da Ilha Grande de Joannes era de todo desfavorável ao estado pelo fato desses índios comercializarem peixe-boi com holandeses que haviam se fixado pela banda do norte (redondezas do estado do Amapá). Segundo a crônica de Bettendorf, planos de guerra contra tais índios foram organizados no governo de D. Pedro de Mello tendo o pe. Antônio Vieira proposto que, antes da guerra, fosse oferecida uma oportunidade de estabelecimento de paz entre ambas as partes. Em 1658 pe. Antônio Vieira despachou dois índios principais (ambos da nação Ingayba) a todas as nações Ingaybas dando notícias que não mais haveria cativeiros ou guerras contra os da sua nação e que ficariam esperando por resposta. No dia de cinzas chegaram os

dois índios embaixadores acompanhados de mais sete principais de outras nações (*ibid*, 1990, p. 136-137). O encontro formal entre os representantes Ingaybas e as autoridades do estado do Grão-Pará e Maranhão se deu na festa de São João. Tempos depois, a dezesseis de agosto, pe. Antônio Vieira foi ter com índios da nação Ingaybas cinco dias depois de ter sido iniciada a viagem e de pronto tais índios apresentaram ao grupo a imagem que havia sido deixada com eles há quatro anos pelo pe João de Souto Maior.

Como se vê, somente depois que Antônio Vieira já havia se fixado em Belém, em 1659, a conquista da Ilha Grande de Joannes foi efetivada, fato descrito por Bettendorf (1990, p. 94). A partir de então foram divididos os padres da companhia entre as diversas missões no Pará, assim, ficou o pe. Manuel Nunes, como subprior dos Ingaybas, acompanhado pelo pe. João Maria Gorsony.

Em 1724 a Província do Pará foi elevada à categoria de diocese pela Carta Régia de 24 de maio de 1724, cuja divisória territorial com a província do Maranhão foi demarcada pelo rio Gurupi e, com a província de Goiás, pela cachoeira do Tocantins. A diocese foi dividida em três Vigararias Gerais, sendo a primeira a da Metrópole da Província, que abrangeu, entre outros, os diversos lugares da Ilha Grande de Joannes: os lugares de Breves, Cachoeira, Condeixa, Chaves, Monsarás, Mondim, a Freguesia do Muaná, Monforte, o lugar de Ponta de Pedras e as Vilas de Salvaterra e Soure.

A introdução do gado *vacum* como base econômica local remonta a esse tempo da ocupação missionária, tendo sido os religiosos mercedários os primeiros a estabelecerem fazendas de gado *vacum* e cavalares na ilha. Tal iniciativa recebeu solavanco quando, em 1702, foi determinado “aos moradores do Pará que transmutassem das suas roças para ilha o seu gado *vacum* e cavalar trazido de cabo Verde em 1644” (BAENA, 2004, p.273). Tais incentivos concorreram para o aumento da produção bovina local, que apenas conheceu decréscimo durante o triênio de 1756 a 1759 por conta de cinco fatores enumerados por

A 1ª são as onças, que pream o que podem. A 2ª são os atoleiros, que sorvem as reses, que por eles acertam de passar. A 3ª a falta de aplicação de medicamentos ao gado moroso, porque a ninguém lhe

importa ter a notícia das moléstias mais ordinárias dos gados, seus sintomas e curativos. A 4ª os salteadores, que há tempos não cessam de fazer excursões sobre as manadas e rapinar gado, e descozer-lhe a carne para secar e recolher em pacotes., e a 5ª os fazendeiros, uns que banqueteam com manjares de quantas rês podem agadanhar. (*ibid*)

A presença africana no Marajó como um todo está relacionada com a necessidade de escravos para o trabalho nas fazendas. Vicente Salles (1988) faz um mapeamento das áreas de mocambos do Pará e menciona que o terceiro maior deles se localiza no rio Anajás, na região do município de Muaná:

O terceiro, tido como o mais considerável se localizava no rio Anajás, na ilha do Marajó, e se compunha não apenas de escravos mas também de soldados desertores e de criminosos foragidos. Declarava-se, ainda, que havia 4 outros mocambos no rio dos Macacos, um dos quais nas terras de André Corrêa de Picanço e outros nas de José Furtado de Mendonça, juiz ordinário da vila de Chaves. (SALLES, 1988, p. 206),

As expressões culturais relacionadas com a herança africanas estão dispostas, principalmente, nas danças e gêneros musicais como, por exemplo, o Lundu e a dança do Pretinho da Bacabeira. As ruínas de engenhos em fazendas outrora produtoras de cana - de - açúcar mantém viva a lembrança dos tempos da escravidão na história oral local. Alfred Russel Wallace, quando de passagem pela ilha Mexiana na metade do século XIX<sup>2</sup>, identificou algumas manifestações culturais em meio a uma comunidade de negros escravos. Wallace descreve minuciosamente a cena em que os negros entoavam hinos em ação de graças após a caçadas aos jacarés

os negros, à noite, depois da caçada aos jacarés, entoaram diversos hinos, numa espécie de ação de graças por terem escapado daquelas medonhas mandíbulas.

No dia seguinte, todos estiveram atarefados derretendo a gordura e transformando-a no óleo que abastece as lamparinas de todas as propriedades de Mr. C. (WALLACE, 1979, p. 67).

---

<sup>2</sup> Wallace chegou na foz do Amazonas em 1948 (Wallace, 1979).

Ainda na descrição sobre a fazenda em que ficou hospedado, Wallace menciona o ofício do vaqueiro, em que os empregados da fazenda eram “jovens negros e mulatos de porte atlético”, na lida com o gado. Segundo o autor, a população da ilha consistia em cerca de 40 pessoas, sendo uns 20 escravos e o restante de negros livres e índios que trabalhavam na fazenda. A pecuária despontava como principal atividade econômica, tendo como trabalhadores negros escravos, livres e índios, cujo pagamento consistia em farinha e permissão para cultivar hortaliças nos terrenos próximos às suas habitações. Na descrição do cotidiano dos trabalhadores, Wallace oferece um rico panorama das manifestações culturais locais:

À noite, os negros ficam em seus casebres tocando e cantando. Seu instrumento é uma espécie de viola primitiva, da qual tiram apenas três ou quatro notas, repetindo-as horas a fio, na mais enfadonha monotonia. Em cima dessa pobre melodia, improvisavam uma letra, geralmente relacionada com os acontecimentos daquele dia. Os feitos dos brancos são os temas mais freqüentes dessas canções (WALLACE ,1979, p. 68).

Sobre expressões religiosas, Wallace descreve ofícios católicos realizados por velhos negros na capela da fazenda.

Nas noites dos sábados, os trabalhadores tomam parte nos ofícios religiosos, realizados num cômodo decorado à maneira de capela, com um altar alegremente enfeitado com imagens da Virgem e do menino, e com diversas pinturas e estatuetas dos santos, rodeada de coloridos adornos. Algumas dessas imagens foram feitas pelo Sr. Leonardo, um excelente autodidata. Quando se acendem as velas e tudo está pronto para a cerimônia o efeito é idêntico ao que se vê em muitas capelas das pequenas cidades. Dois velhos negros dirigem as cerimônias, espalhando-se os demais pelo cômodo, ajoelhados ou de pé. Seus cânticos, ao que presumo, são uma parte do ofício de vésperas da Igreja Católica Romana. Todos os presentes participam com grande fervor das preces, conquanto não compreendam uma só palavra do que estão respondendo (*ibid.*).

A prática de tais ofícios religiosos, de certa maneira desvinculados da diocese, ainda permanece em diversas localidades na micro-região do Arari, acompanhados do mesmo repertório de ladainhas em latim, aprendidas de ouvido e transmitidas por gerações.



Em outro momento, Wallace relata um fato ocorrido durante sua estadia naquela fazenda, em que uma criança recém-nascida estava na expectativa para ser batizada. Com esse intuito, a criança foi levada a Chaves, localidade mais próxima onde poderia haver um padre. Desafortunadamente, o padre estava doente e não pôde realizar o batismo. Tal acontecimento foi o assunto para ser comentado em gênero musical já comentado anteriormente, baseado em improvisos com acompanhamento de viola:

Naquela mesma noite, ei-los cantando durante três horas sua costumeira música, narrando toda a história da infrutífera viagem, segundo deduzi dos trechos que consegui compreender. Cada fato era transformado num verso, que todos depois repetiam por diversas vezes. Assim, houve uma hora em que um deles cantou:

‘O padre estava doente e não podia vir.

O Padre estava doente e não podia vir.’

CORO

‘O Padre estava doente e não podia vir’

Depois a música continuou durante algum tempo só com os instrumentos, enquanto eles ficavam tentando lembrar-se de algum fato que pudesse ser transformado em refrão. Foi aí que um deles cantou:

‘Ele disse para voltar no dia seguinte,

Para ver se ele estava passando melhor.’

CORO

‘Ele disse para voltar no dia seguinte,

Para ver se ele estava passando melhor.’

E assim continuaram até que a história chegou ao fim. Não pude deixar de estabelecer um paralelo entre essa letra e as trovas dos antigos bardos, que levavam ao conhecimento do povo os curiosos fatos de sua época, transformando-os em letras de músicas que eram por eles cantadas de maneira apropriada e entusiástica. (WALLACE, 1979, p. 68 - 69)

Interessante notar o nível de importância do batismo de uma criança para a comunidade local, fato apontado por Wallace. As pessoas acreditavam que a criança poderia morrer caso não fosse batizada, eis o motivo pelo qual era justo e necessário que se refletisse sobre aquele fato expressado em forma de música.

Segundo Bezerra Neto (2001, p. 25) os primeiros escravos africanos foram introduzidos na Amazônia no século XVII por ingleses, com o intuito de

promover sucesso econômico com o plantio de cana. Mesmo utilizando a mão - de -obra indígena, os donos de fazendas reclamavam a introdução da escravatura negra. No século XVIII, com a adoção do regime do “Directorio” para o trato com a população indígena, e que acabou esvaziando os antigos aldeamentos, houve ainda maior carência de mão-de-obra.

No tempo em que Mendonça Furtado assumiu o governo da Província do Grão-Pará, o cacau era o principal produto de exportação da região amazônica,urgia a otimização dessa produção com a inserção do trabalho escravo africano que a partir de então, passou a substituir lentamente a mão – de obra indígena. Com o tempo, Belém tornou-se não só um centro receptor de escravos negros como, também, um centro distribuidor na região amazônica. Segundo Bezerra Neto (2001, p.44) as principais etnias que desembarcaram na Amazônia pertenciam a nações do grupo banto (Angola, Congo, Bengulea, Cabinda, Moçambique, Moxicongo, Mauá ou Macua, Caçante), nações do grupo Sudanês (Mina, Fânti-Achânti, Mali ou Maí ou Mandiga, Fula, Fulupe ou Fulupo, Bijogô ou Bixagô), nações do grupo Guiné - Sudanês (Calabar ou Carabá e Peuls). Ainda segundo o autor, provavelmente durante o século XVIII, a maioria da população negra na Amazônia era de escravos africanos. As primeiras gerações de cativos negros nascidos na região apareceram nas últimas décadas do século XVIII, a partir de um contato étnico multifacetado (BEZERRA NETO, 2001, p.45).

As áreas em que a mão-de-obra africana foi mais utilizada era em terras do entorno de Belém, onde estavam as terras apropriadas para a agricultura e pecuária: a região do baixo Tocantins; o território do Amapá; o arquipélago do Marajó; as terras do baixo Amazonas; e a zona de fronteira com o Maranhão no Nordeste do Pará.

As terras do Marajó circunscritas à micro-região do Arari foram as que primeiro sofreram o processo de colonização, representando, principalmente, pela atividade missionária de diversas ordens religiosas, em especial os Jesuítas. Os missionários não restringiam suas atividades tão somente à catequese, como também ao cultivo de produtos agrícolas e gado vacum. Logo tornaram-se

grandes proprietários de terras em que empregavam mão-de-obra indígena e negra. Bezerra Neto menciona a presença negra nessas fazendas (*ibid*, p.75).

Posteriormente, com a expulsão das ordens missionárias, tais propriedades foram transferidas a particulares. Surgiram então grandes nomes de famílias como Bezerra, Chermont, Lobato, Miranda e Montenegro. Foi justamente na área dos campos que se desenvolveu a agricultura da cana - de - açúcar, arroz, café, milho, algodão, mandioca e cacau, além do desenvolvimento da pecuária. Bezerra Neto destaca o predomínio da lavoura canavieira (*ibid*, p.77).

A criação de gado *vacum* foi otimizada pelo crescente mercado em Belém e pelo desenvolvimento da exportação de artefatos em couro e de couros secos. Ao longo do século XVIII teve início um processo de doação de sesmarias para a criação de gado, principalmente nas adjacências do rio Arary e áreas situadas nas ilhas de Caviana e Mexiana. Justamente nas fazendas de gado houve a inserção da mão-de-obra negra, geralmente no ofício de vaqueiro (BEZERRA NETO, 2001, p. 80; WALLACE, 1979). Atualmente, a região dos campos, no Marajó, tem a pecuária bovina e bubalina como importante setor da economia local presente, sobretudo, no imaginário das populações locais, embrenhando-se nos autos populares como o do boi-bumbá, nas chulas, nos carimbós, nas lendas e em outras manifestações culturais marajoaras.

As festas de santo aglutinam diversos estratos populacionais do ambiente marajoara, envolvendo desde os pescadores e vaqueiros, até funcionários públicos, comerciantes e fazendeiros. De certa forma, as festas de santo oferecem um pano de fundo para as relações sociais, seja no tocante à própria estrutura destas festividades, organizadas em componentes hierarquicamente colocados<sup>3</sup>. A população de baixa renda geralmente é composta por pescadores e vaqueiros. Estes, em geral, residem nos “retiros”<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Os componentes das festividades podem ser organizados segundo classificação comum a outras localidades da Amazônia (Barros, 2003): festeiros, juizes de mastro, promesseiros; ou segundo critérios de classificações ligados à organização paroquial (diretoria de cozinha, do arraial, das ofertas, de louvor), ou ainda segundo critérios organizacionais ligados a associações e irmandades (presidente, secretário, tesoureiro).

<sup>4</sup> Retiros são casas afastadas da “casa grande” ou “casa principal” das fazendas marajoaras. Geralmente são ranchos simples, em madeira rústica, edificados sobre grandes pilastras de madeira para quando das cheias dos rios.

Ambos sobrevivem com uma renda média de um salário mínimo. Os “retiros” são edificadas em local estratégico, em área de sítio com árvores frutíferas e outros meios de subsistência como pequeno canteiro de hortaliças, víveres, além de um “curral” onde o gado é tratado para vacinas e ferras. Este tipo de habitação é mais comum na região dos Campos e geralmente são edificações em madeiras, do tipo palafita, em função das cheias dos rios, quando os campos tornam-se navegáveis e as águas beiram as varandas das casas.

As comunidades pesqueiras normalmente localizam-se às margens das praias, como é o caso da comunidade do Pesqueiro, em Soure. Em alguns casos estas se organizam em sindicatos ou associações, e no próprio Pesqueiro. Outras vezes comunidades tradicionais de pescadores; bem como comunidades de remanescentes quilombolas localizam-se no interior das fazendas constituindo muitas vezes situações de conflitos. Esses grupos populacionais guardam os conhecimentos tradicionais de manejo com o meio ambiente, bem como, a produção artesanal e imaterial, passadas de geração em geração.

Na região dos Furos, a economia da pesca é a mais comum, além do extrativismo vegetal como o palmito, o açaí, a madeira, e nos tempos idos da primeira metade do século XX, a seringa. A pesca do camarão também é um fator importante na economia desta região, verificada principalmente em Afuá, na área das ilhas.

Em todo o Marajó o serviço de saúde pública é precário em função das grandes distâncias entre as localidades e a dispersão populacional em meio às grandes áreas de fazendas. Este fato, aliado aos conhecimentos tradicionais em torno da medicina tradicional, torna comum a presença de curandeiros, benzedores, parteiras, pajés, umbandistas e outras denominações em torno da cura e da terapêutica. Durante o Levantamento Preliminar das Manifestações Culturais do Marajó foi observada a intrincada rede de conhecimentos envolvendo o meio ambiente, o universo sobrenatural e as práticas religiosas, além de bens culturais associados como os repertórios musicais, da dança, a culinária e etc.

O conhecimento do meio ambiente perpassa, entre outras coisas, a própria produção artesanal como, por exemplo, entre as paneleiras de Vila do

Ceará, em Salvaterra, que vincula esta prática de fazer panelas de barro às diversas fases lunares antes da peça ir ao forno. Tais exemplos oferecem uma pincelada sobre a complexa teia de relacionamento entre conhecimentos tradicionais envolvendo meio ambiente, práticas culturais, religiosidade, economia e práticas terapêuticas. Neste contexto, as erveiras, parteiras, curandeiros em geral participam dos processos de cura e terapia, lado a lado com a alopatia, quando as comunidades têm acesso a esta última. Em muitos casos, a única alternativa é a medicina tradicional mesmo.

O imaginário religioso marajoara está presente nestes procedimentos terapêuticos, impregnando os fundamentos das práticas medicinais tradicionais. O universo sobrenatural permeia o cotidiano do marajoara, sem separação entre o mundo visível e invisível.

Em entrevista com a pajé Zeneida Lima<sup>5</sup> é citada a existência dos *Caruanas*, identificados como forças brutas da natureza, e dos *caruás*, seres humanos que se “encantaram”, que povoam o mito de surgimento do mundo (segundo relatos da própria pajé) e agem nos processos de cura durante as sessões de pajelança. Tais seres fazem parte da natureza e estão sempre presente no cotidiano do marajoara.

Muitos relatos relacionam as práticas medicinais tradicionais aos conhecimentos dos antepassados indígenas que habitaram a região. Interessante mencionar que os entrevistados geralmente se referem aos habitantes indígenas como antepassados remotos, no máximo, mencionam que sua “bisavó” era “índia pegada com corda”.

Questões sociais graves como precários serviços de educação e saúde até de segurança alimentar afligem os marajoaras. O acesso à educação é problemático, especialmente para as comunidades que vivem nos interiores dos municípios que muitas vezes precisam deslocar-se em embarcações (no caso da região dos furos) ou a cavalo ou bicicleta (no caso da região dos campos).

---

<sup>5</sup> Realizada durante Levantamento Preliminar das Manifestações Culturais do Marajó, em 2004.

Os serviços de saúde são inexistentes ou precários. Nas sedes municipais há hospitais públicos e postos de saúde, mas nas localidades mais distantes a medicina tradicional ainda é o meio mais recorrente de terapêutica. (retire o ainda)

Em meio a este cenário adverso, situações gritantes de exploração sexual infantil, prostituição, tráfico de drogas, degradação ambiental e poucos recursos de saúde e educação são moeda corrente, além da violência e falta de estrutura de saneamento básico. Tais flagelos foram observados durante o Levantamento Preliminar e durante os inventários sem, contudo, serem o foco das observações, apenas tangenciando em suas relações com os bens culturais identificados.

Associe-se a essas dificuldades a questão do acesso, incluídos os meios de transporte e os problemas de comunicação que precisam ser urgentemente solucionados, de modo a criar condições para que as questões vinculadas à saúde e educação sejam solucionadas. Também o fornecimento de energia ainda é problemático em grande parte da Mesorregião

Neste contexto, as festas de santo possuem um amplo significado de promessa e alcance de graças. Especialmente a devoção a São Sebastião que, tal como se verá neste, é chamado de advogado e protetor dos fazendeiros, vaqueiros, pescadores e seringueiros do Marajó.

### 3 – A Religiosidade Marajoara

As devoções aos santos e santas do catolicismo popular representam aquilo que o francês Marcel Mauss (2003) chamou de reciprocidade. De forma simplificada entende-se por reciprocidade a necessidade que o homem tem de realizar trocas; seja com homens ou com deuses, no intuito de fazer alianças e assim possibilitar a reprodução do próprio grupo.

Em parte da Amazônia Brasileira, particularmente na Mesorregião do Marajó, as características ecológicas do lugar, aliadas às graves dificuldades de acesso e locomoção que fazem com que a distância entre cidades seja maior do que realmente é. Nesta situação, as festas de santo se constituem numa referência de deslocamento para a população local, ou seja, impossibilitados de se deslocar muitas vezes por ano pelo interior do próprio arquipélago, os marajoaras, como são conhecidos os habitantes da região, aproveitam as ocasiões dos festejos de santo para realizar uma série de serviços que têm o tempo da festa como principal calendário motivador. Assim, é muito comum que os calendários festivos religiosos coincidam com datas de casamentos, batizados, início de namoro, reencontro entre parentes e amigos e, caso a celebração seja realizada na sede do município, o festejo ainda pode coincidir com idas ao médico e ao comércio, entre outros serviços somente capazes de ocorrer nas sedes municipais.

Além de constituírem importantes momentos de sociabilidades não apenas entre as famílias consanguíneas, mas entre toda a comunidade devota do santo, as festas são também momentos para reafirmar os laços entre essa comunidade, católica, mas também adepta de outros cultos, e seu Deus. O santo ou santa é a figura que intermedia essa relação.

Os festejos religiosos, como a maioria dos rituais do catolicismo popular brasileiro, são momentos de fé e festa; para o devoto popular é difícil ver de forma separada as missas, rezas, ladainhas e procissões, das festas de barracões, dos arraiais e dos festejos que acontecem em torno dos mastros dos santos que se festeja.

Para o devoto, a “festa do santo” só se completa nessa alternância de momentos de grande contrição, proporcionado pelos momentos litúrgicos e os de grande distração, comum nos espaços festivos onde se come, bebe e dança em homenagem ao santo.

No arquipélago do Marajó, muitas festas de santo do catolicismo popular exemplificam essas situações, pois todas as festas, guardando particularidades bastante locais, possuem uma estrutura que pouco varia de uma para outra. Por exemplo, nas narrativas essas festas sempre são mencionadas como “antigas”, com um longo tempo de acontecimento, na memória local foram “inventada pelos antigos” e ao longo do tempo sofreram mudanças, mas sem deixar de acontecer. Os mais velhos quando indagados insistem em responder que “no meu tempo não era assim” ou, “ ah, no nosso tempo era uma beleza”. Esses comentários quase sempre vêm acompanhados de uma estrutura que compara as festas de “antigamente” com as de hoje.

A relação entre devoto e santo é sempre mediada pela necessidade de troca, seja essa troca material ou simbólica, ou ainda, ambas. No entanto, não consideramos que a situação de pobreza material que acarreta tantos flagelos nos Marajós seja a razão única de tanta fé e devoção. Mas a natureza das trocas que são realizadas entre devotos e santos apontam para a situação de pobreza e abandono que caracterizam a vida da população pobre marajoara. Isso leva à ocorrência de promessas com o objetivo de alcançar graças, sobretudo, matérias, mas não apenas estas.

Não são apenas aspectos objetivos que envolvem a gama de necessidades que tecem as relações entre devotos e santos. Talvez o principal aspecto que perfaz esse enraizamento esteja relacionado com a dimensão do sobrenatural. No Marajó, o mundo visível é imbricado no mundo invisível, pode-se dizer que ambos coexistem. Essa realidade é relatada em vivências cotidianas em que os seres humanos se encontram com os encantados residentes nas baías, nos rios, nas praias, nos igarapés e nas florestas. As “feras” do Lago Guajarás ou do Lago Arari, os encantados das praias de Soure e Salvaterra, as forças brutas da natureza, denominadas Caruás, presentes nas matas e praias de Soure relatadas por uma pajé local. Todo esse imaginário que povoa a natureza marajoara e a vida dos seres humanos se apresenta como referência de um mundo sobrenatural que perpassa o cotidiano das pessoas ou vice-versa, que é íntimo, que apresenta, também, uma característica dual – temor/respeito e consideração/devoção. O trânsito entre esses mundos é possível, através da magia e da religião e seus mediadores são os pajés, padres, pastores, umbandistas e curandeiros em geral.





Figura 03 - Altar religioso com várias imagens de santos católicos e instrumentos ligados à prática da pajelança e da umbanda. Município de Anajás.

Diferentemente de uma concepção eclesiástica do catolicismo onde esse contato somente poderia ocorrer através de um mediador autorizado, isto é, um sacerdote, no catolicismo popular as santas e santos constituem meios que podem ser, através da observação de alguns códigos, democraticamente acessado por todos, sem a necessária presença do sacerdote ou da instituição igreja. Santos e santas também se fazem presentes em práticas religiosas que não as estritamente católicas. Podem ser encontrados nos altares, nas orações e nos rituais de umbanda, pajelança e cura, refletindo o sincretismo que permeia a religiosidade marajoara.

O sincretismo e a diversidade religiosa é outro importante ponto a ser destacado no contexto religioso amazônica como um todo. Ao longo do processo de formação social os habitantes dessa região foram forjando, a seu modo, um repertório religioso que envolve religiões de matriz africana, européia e indígena. Nesse contexto, por mais que se observe um catolicismo dominante, há uma

grande diversidade nas práticas religiosas que envolvem múltiplos pertencimentos religiosos, a exemplo do que foi verificado no Levantamento durante pesquisa de campo na localidade de Jubim, distrito de Salvaterra, em que um aluno de uma escola pública local desenhou em seu trabalho de religião os templos de devoção de seus pais – a igreja evangélica e a casa de um pajé local. Isso nos autoriza dizer que pessoas que pertencem a diferentes práticas religiosas, inclusive não cristãs a exemplo da pajelança, sobretudo no contexto dos festejos religiosos, quando os pajés se apresentam também como devotos dos santos, se identificam com suas histórias de vida, com sua atuação tão próxima de seus ofícios e os recebem em suas casas arranjando sempre um cantinho junto aos outros santos que compõem a “côrte do céu”.

Uma das manifestações culturais/religiosas mais importantes verificadas no arquipélago, com grande recorrência nos 16 municípios onde foi realizado o Levantamento é a aquela em homenagem a São Sebastião. Antes de adentrarmos o universo específico das festas vamos ver um pouco a história do santo com o intuito de tentar compreender as razões da recorrência da devoção ao mesmo na Ilha.

## **4 – As Festividades de São Sebastião no Marajó: uma abordagem etnográfica**

### 4.1. A história de São Sebastião

Sebastião foi um dos soldados romanos morto no século III a mando do imperador Diocleciano no contexto de perseguição romana aos cristãos . Seu culto teria surgido no século IV e atingido seu ápice apenas nos séculos XIV e XV tanto na Igreja Católica como na Igreja ortodoxa.

A história de vida de São Sebastião como de todos os santos populares é tecida em meios de fatos heróicos e sofrimento, sendo a idéia de martírio uma constante. O martírio de Sebastião inicia quando ele é condenado a morrer crivado por flechas pelo imperador Diocleciano no contexto de perseguição romana aos cristãos. A condenação tinha como razão o fato do soldado ser considerado pouco severo com os cristãos com os quais lidava.

Milagrosamente, mesmo tendo sido atingido por várias flechas, simbolo constante em suas iconografias, não morreu, sendo socorrido por Santa Irene que cuidou de suas chagas. Sobreviveu à morte e reafirmou suas crenças. Levado novamente à frente do imperador Diocleciano, foi novamente condenado a morte por espancamento, ainda assim não teria morrido, só morreria posteriormente transpassado por uma lança.

Próximo ao local de sua morte foi posteriormente construído uma basílica em sua honra. Esta, durante a Idade Média, tornou-se centro popular de devoção e peregrinações.

Em Portugal há, pelo menos, 92 igrejas que o têm por orago. No Brasil é padroeiro de 144 paróquias, inclusive na cidade do Rio de Janeiro, cujo nome canônico é São Sebastião do Rio de Janeiro. A adoção desse nome é justificada pelo fato de que a primeira grande vitória das armas portuguesas contra os franco-tamoios, na região da Guanabara - a batalha de Uruçumirim -, travou-se a 20 de Janeiro, dia em que se comemora o santo.

#### 4.2. A devoção a São Sebastião no Marajó

Dados do Levantamento Preliminar do INRC- Marajó revelam que a devoção ao santo ocorre em 14 dos 16 municípios pesquisados. Apenas nos municípios de Bagre e Ponta de Pedras a celebração não foi identificada na atualidade. Sendo que em Ponta de Pedras esta aparece como bem de memória que remete há cerca de 30 anos.

A introdução da devoção específica a este santo na Ilha não é tema claro, mas supomos, segundo Varella (2005) que esteja relacionada ao processo de colonização na região.

De acordo com Varella o culto a São Sebastião surgiu na Idade Média, quando epidemias de peste bubônica devastavam a Europa. Sebastião, o centurião pagão que sofreu perseguição por sua conversão ao cristianismo e sobreviveu apesar de ter o seu corpo cravado de flechas, passou a ser considerado o protetor contra a peste. E, nessa condição teria sido apresentado aos indígenas da Ilha do Marajó pela catequese jesuíta.

Dessa forma, as origens da devoção popular a São Sebastião na ilha do Marajó remontam ao período da colonização portuguesa no local. A partir do ensino da Língua Geral ou *Nheengatu* (baseada principalmente no tupi-guarani gramatizado conforme o latim), como meio de comunicação entre os padres e os povos de línguas diversas que habitavam a região, expandiu-se o catecismo católico, cuja transmissão, nas palavras do autor, “se mesclava à cultura indígena de modo a *converter* esta em reforço da religião do colonizador”. (VARELLA, 2005). Ainda segundo o mesmo autor a catequese dos índios apresenta o santo protetor das pestes, notavelmente assimilado ao Sebastianismo disseminado pelos jesuítas.

Na região o santo ganha, através das mãos de artistas locais, uma estética toda particular seja nas bandeiras ou nos bustos feitos de gesso.



Figura 04 - Imagem de São Sebastião conhecida pelos moradores como peregrina, pois é a imagem que acompanha as procissões por ocasião da festa. Cachoeira do Arari



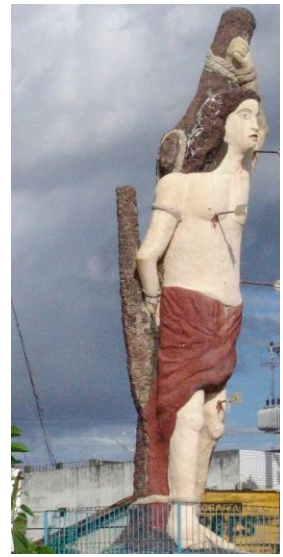
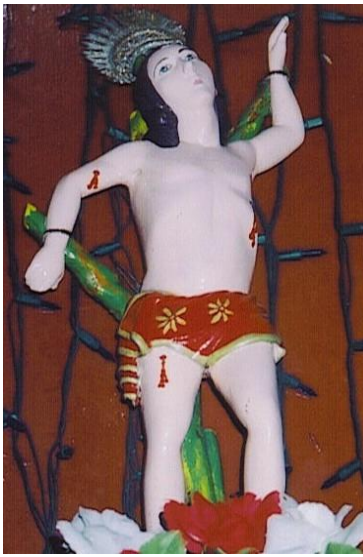


Figura 05 - Imagens de São Sebastião de vários Municípios da Mesorregião. Da esquerda para direita, Muaná, Breves, Muaná, Chaves e as duas últimas de São Sebastião da Boa Vista.

Além disso, a propagação do culto e do messianismo valeu-se de elementos folclóricos do ciclo de Folia de Santo, tradição onde o sagrado e o profano se misturam. Os foliões são intermediários entre o povo e o clero – isto é, entre a terra e o céu. A música misturando o popular e o culto (o canto gregoriano vulgarizado, por exemplo) representaria o barroco já em sua derradeira “onda” afastada da “divindade” (VARELLA, 2005). Atualmente este repertório musical vem sofrendo alterações em sua forma de transmissão e encontra-se em situação de vulnerabilidade em virtude do contexto de grandes transformações culturais da região, incluindo aspectos relativos ao crescimento das igrejas evangélicas de várias denominações e a rigores da própria igreja católica, além das transformações no campo simbólico que acompanham as mudanças nos sistemas culturais.

A expansão do culto no Marajó teve ainda uma intenção política. Segundo Varella, a coroa pretendia associar a imagem de São Sebastião, centurião romano, a de D. Sebastião, rei de Portugal, tragicamente morto em batalha no Marrocos no século XVI. Difundindo-se, assim, a crença que, a exemplo de São Sebastião preservado da morte pela graça de Deus, D. Sebastião iria ressuscitar e proteger os cristãos contra a guerra, e o gado contra a peste. Além disso, Varella (2005) menciona que a difusão do mito interessava ao império, que tinha como homem forte do governo o “poderoso ministro de dom

José I, Sebastião José de Carvalho e Mello, Conde de Oeiras, depois Marquês de Pombal”.

Por influência da Renascença o Santo, antes retratado como um homem idoso de barbas se transformou num jovem desnudo com traços andróginos, supliciado por flechadas. Essas feições, certamente, têm contribuído para que comunidades católicas de homossexuais também se identifiquem com o mesmo no Brasil todo (MEDEIROS, 2008).

Mas é o devoto, de fato, o responsável pela manutenção da devoção ao longo do tempo, em geral, as atribuições de milagres ao santo geram a fé e a devoção e, por conseguinte, a realização das festividades tal como é possível observar a partir do relato de Dona Raimunda, ex-presidente da diretoria da Festa de São Sebastião de Vila Ceará, Salvaterra:

Ana Luiza: Desde quando ocorre essa celebração?

milagres D. Raimunda: Há mais de 100 anos tem ocorrido todos os anos. Só nesse que não vai ter.

Ana Luiza: Quais os motivos da celebração?

D. Raimunda: Alguns que ocorreram.

A atribuição de milagres a São Sebastião é uma constante, tal como demonstra o relato de seu Haroldo Matos, de Passagem Grande, Salvaterra:

Ana Luiza: Quais os motivos da celebração?

- Invocação religiosa e fé.

Ana Luiza: Existem histórias associadas à celebração?

- É que ele fazia muitos milagres ai pelo Marajó, e ai ganhava gado, boi e depois que ele morreu ficou muito boi ai pra dentro do Marajó, só que quando procuravam as ordens que os donos davam, tinham dado fim e não tinha como correr atrás só com a cara. Ele vinha coberto de ouro de dentro do Marajó. Eram pessoas doentes que se pegava com ele e até doenças de gados e ai acontecia o milagre e até hoje as pessoas se pegam com ele e dizem que alcançam o milagre.

Ana Luiza: Quais as origens da celebração?

D. Raimunda: Não sei. Sei apenas que tem mais de 100 anos

Aliada a expressão de bênçãos, a natureza guerreira de São Sebastião favorece a comoção coletiva como uma referência de atitude frente às adversidades da vida. São Sebastião lutou e morreu lutando, sua imagem é presa

a um tronco e seu corpo é perfurado por flechas, no entanto, sua expressão é sempre de tranquilidade e beleza<sup>6</sup>.

A dura realidade marajoara acima mencionada como baixo índice de desenvolvimento humano, alto nível de mortalidade infantil, prostituição, difícil acesso à saúde, educação e cidadania, propiciam um contexto gerador de tensões emocionais que encontra na festividade um lócus de expansão, seja através das mediações com o sobrenatural em situações mais coletivas, caso das procissões, novenas, ladainhas e missas, seja através do contato mais privado como aqueles que envolvem a visita do santo nas residências – uma grande honra receber um guerreiro amoroso e temido – ou ainda nos arraiais e nas festas dançantes com aparelhagens em altos decibéis.

Os relatos orais apontam como características do santo, o fato de ser protetor do gado, dos vaqueiros, guerreiro e “milagreiro”, tal como é possível observar na entrevista com o senhor José Ribamar, de Pingo d’Água, Salvaterra:

Ana Luíza: Quais as origens da celebração?

José Ribamar: Esta celebração teve origem com a festividade da irmandade, há mais de 100 anos. Não sabemos ao certo a data, apenas que é muito antiga. São Sebastião é o protetor do rebanho, padroeiro dos injustiçados e patrono dos militares.

Segundo palavras do padre Raimundo Aguiar, o município de São Sebastião da Boa Vista apresenta graves problemas sociais, os quais emergem paradoxalmente em meio à estrutura festiva da homenagem a São Sebastião:

Pe Raimundo - Essa questão é muito forte.

Lilium - O senhor acha que a cidade está preparada para esse aumento para todas essas questões ligadas a festividade?

Pe Raimundo - Não, inclusive é um trabalho muito grande que a gente tem, inclusive nos temos uma preocupação muito grande. Boa Vista era a cidade mais hospitaleira de toda essa região aqui, você chegava e fazia de conta que você era conhecido, o pessoal te tratava bem. Mas hoje uma situação complicada também chegou em Boa Vista, temos muitas drogas, muita prostituição, muito roubo, muito assalto, a pessoa

---

<sup>6</sup> Especialmente a partir da Renascença quando São Sebastião se transforma em motivo de pintura para vários artistas, até então sua representação era a de um sujeito mais velho e com barbas.



que vem de fora que chega aqui e não sabe é muito fácil dele ser assaltado. Então nós temos essa preocupação muito grande e não tem hoje estrutura nesta questão de segurança para o pessoal que vem de fora. Inclusive está com dois anos, um pessoal que veio pra cá, eles foram num barco daqui e quando chegou do outro lado da baía anunciaram o assalto. Assaltaram todo mundo que estava no barco, o dono do barco levava 16 mil reais de outras pessoas para comprar mercadoria e roubaram no barco de linha. Há dois anos atrás. Essa questão é muito delicada.

Liliam - a questão da saúde?

Pe Raimundo - É a questão da água, nos não temos uma água potável para o pessoal que vem de fora, pra ninguém daqui e com isso acarreta muito na questão da saúde.

Em outras situações, São Sebastião é visto como o “advogado” do povo e, através desta função, promove os milagres e concede as graças aos fiéis, tal como aparece no relato de Dona Palmira, de Anajás:

Dona Palmira: eu trabalho numa comunidade católica, mas nossa festa lá é Nossa Senhora da Conceição. Eu rezo ladainha, também a Dona Raimunda, que vocês já entrevistaram, e seu Francisco Oliveira, na comunidade das Pedras festeja São Sebastião. Eu tenho muita confiança nos pedidos que a gente faz pra São Sebastião, que até agora a gente tem sido atendido. Sabemos que não é ele, mas ele é nosso advogado. Eu comecei a rezar a ladainha eu acho que eu deveria ter uns 15 anos.

É nessa condição de protetor e “advogado” que São Sebastião convive com as populações marajoaras. Mas essa convivência não é apenas imaginária, ela tem implicações na vida real das pessoas, como marca dessa aliança real e não apenas virtual entre devoto e protetor, pode-se dizer que a imagem do santo é uma espécie de materialização dessa relação. Assim, paradoxalmente, as imagens dos santos ganham uma dimensão no catolicismo popular, que extrapola a materialidade ao mesmo tempo em que são objetos de materialização da fé

No Marajó as imagens dos santos são geralmente de propriedade das famílias que organizam as festividades, são plenas de histórias, milagres e simbolismos, até mesmo relacionados com sua origem, tal como demonstra o relato de Dona Julieta, a respeito da imagem da Festividade da Comunidade de Pedral, em Soure:

Ana Luiza: a senhora sabe de onde vem a imagem, quem foi que doou a imagem?

D.Julieta: essa imagem, que tá até lá na casa da minha filha, foi uma promessa da minha mãe. Nós tínhamos um lote de porcos que moravam todos lá. Aí eles foram embora prum lugar longe que chamavam Camburupy (atualmente fazenda de Alacid Nunes). Nós perdemos a esperança. Aí minha mãe disse que se São Sebastião trouxesse os porcos nossos de volta, ela mandava capar um barrasquinho, vendia e “trocava” por um São Sebastião, mandava fazer um oratório e uma banca pra colocar o oratório. Aí quando foi um dia, eu tava no campo e vi eles se levantarem todos debaixo duma árvore. Chamei o meu pai e ele disse pra gente pegar os porcos. O dito barrasquinho tinha fugido, foi embora. O único. Enquanto não é capado, é barrasco. Aí passou uns dias, veio um senhor, empregado, e disse pra minha mãe que o porquinho tinha aparecido lá. Aí ela falou pro senhor que quando tivesse bom era pra ele capar e avisar ela. Quando ficou bom ele capou e trouxe pra ela. Ela vendeu e “trocou” ele. Porque nesse tempo a gente dizia “trocar”, e não “vender”, porque era santo (Entrevista E, 2008).

Algumas imagens, segundo relatos orais, são muito antigas e relatam do século XIX, tal como a imagem da Festa de São Sebastião organizada pela Igreja Matriz de Soure:

Ana Luiza: Quais as origens da celebração?

- Não sabemos, mas a imagem é antiga, é de 1800 e pouco e foi doada por uma família.

Ana Luiza: Existem histórias associadas à celebração?

- Sim, pois esta festividade acontece porque a igreja tem São Sebastião como seu padroeiro.

Um aspecto interessante de se observar é o fato de as festividades sempre se iniciarem a partir de um envolvimento simbólico com as imagens, seja pelo fato das mesmas terem sido “achadas” ou por terem sido intermediárias ou propiciadoras de milagres. Normalmente as imagens constituem o eixo principal da festividade, ou por serem antigas e pertencentes às primeiras famílias realizadoras das festividades na localidade em questão, ou por pertencerem, na atualidade, às famílias que realizam as festividades. Nos primeiros casos, pode ocorrer da imagem ainda estar de posse da mesma família ou ter sido doada para a paróquia local, como no caso da festividade na cidade de São Sebastião da Boa Vista.

As imagens de santos também propiciam outro aspecto importante a ser considerado no repertório das festas de santo: o caráter intimista da relação entre o santo e seus devotos. Ainda que a festividade ocorra sob a tutela da paróquia local, os devotos possuem um relacionamento próximo e íntimo com o santo, num nível familiar.

Essa proximidade com o santo permeia o cotidiano das pessoas e possibilita um acesso facilitado com a dimensão espiritual ou, em outras palavras, sobrenatural. No entanto, tal aproximação com o sobrenatural se dá sempre através de algum ritual, sejam as missas, as procissões, as ladainhas, na realidade, através da festividade e dos bens associados a ela e às práticas derivadas dessa devoção. A imagem de São Sebastião está sempre presente nos altares, sua devoção sempre é um fato nas residências, ainda que existam outras imagens reverenciadas.

Provavelmente essa proximidade e nível de relacionamento se dê em função das associações locais ao perfil e caráter de São Sebastião, transferindo a atuação e atitudes do santo ao universo próprio de cada região em que ocorrem as festividades. São Sebastião normalmente é tido como protetor, pai, professor, amigo íntimo, aquele a quem pode se recorrer a qualquer momento, em qualquer situação. Ele possui atributos específicos, tal como o perfil de guerreiro, por exemplo, mas sua atuação se espalha em todos os níveis da vida cotidiana dos marajoaras.



Fig

Figura 06 - Altar com várias imagens católicas. Município de Curralinho.

As características de mártir do soldado e santo Sebastião, sem dúvida, são muito importantes no imaginário católico e contribuem para que a devoção ao mesmo seja uma das mais expressivas de todo o arquipélago do Marajó. Não apenas no imaginário dos devotos, mas também na concepção de mártir que a Igreja Católica atribui ao próprio santo. Na opinião do Bispo da Diocese de Ponta de Pedras, D. Aléssio Saccardo, a devoção ao santo está relacionada também à identificação subjetiva entre as características do santo e a de seus devotos.

A lealdade, a fortaleza, a constância... que são virtudes muito importantes, por exemplo, no Marajó, por isso nos encontramos no Marajó tanta devoção a São Sebastião (Aléssio Saccardo, entrevista agosto, 2007).

A igreja Católica tem se utilizado das devoções populares aos santos para evangelizar.

O santo é uma espécie de evangelho vivo, para evangelizar um povo analfabeto não adianta distribuir bíblias, a gente poderia contar a história de Jesus, mas o missionário não é presente o tempo todo pra fazer isso, então ele deixa uma imagem viva, assim como nas catedrais góticas pintavam toda a catedral, todos aqueles vitrais, aquelas pinturas. Pintavam o quê? Cenas do antigo e do novo testamento para que o povo entrando na igreja, olhando para as paredes pudesse ler as Sagradas Escrituras que ele não tinha condições de ler no livro. Assim a imagem que mais fala no evangelho, que mais nos aproxima de Jesus é Nossa Senhora. De fato o Círio em Belém de Nossa Senhora de Nazaré é certamente, entre tantas festividades, entre tantas celebrações a maior porque não tem nada como Nossa Senhora que nos fale de Jesus. Depois de Nossa Senhora nos temos os santos, cada santo é um evangelho vivo (D. Aléssio Saccardo, entrevista agosto, 2007).

No imaginário popular São Sebastião é entendido como muito corajoso e piedoso, mas também muito severo com os seus e até “vingativo” com aqueles que não cumprem sua parte no trato com o santo (promessa). Na Cidade de Cachoeira do Arari, as narrativas locais nos falam de um santo muito poderoso e querido, daí a festa ser conhecida como a festa do “Glorioso São Sebastião”, mas, por outro lado, são comuns as estórias sobre “vinganças” imputadas pelo santo àqueles que duvidam de seu poder ou tentam enganar o mesmo, prometendo uma coisa na hora de contrair a promessa e fazendo outra na hora de pagá-la. Um dos feitos mais ofensivos para com o santo é a recusa em recebê-lo em casa por ocasião das *esmolações*, como no relato do senhor Lino de Cachoeira do Arari.

Já foi penalizado muito fazendeiro que quando São Sebastião chegou na porteira da fazenda, olha manda voltar que a gente tá trabalhando e não vamos atender santo nenhum ai começava a quebrar uma por uma das rês que tava sendo laçada ai o cara ei manda o santo voltar e dava uma, duas rês. Aconteceu muito isso aqui...(prof. Lino. Entrevista em 17 de janeiro de 2007).

Outras histórias semelhantes são relatadas nos textos locais da cidade de Cachoeira do Arari.

O santo é respeitado pelo povo, as pessoas sentem temor pelas histórias contadas, das provações que algumas pessoas passam ao desrespeitarem o santo. Um dos meus informantes, o folião Luis, contou que nas suas andanças pelos campos do Marajó na fazenda do Liberato, um vaqueiro quebraria a imagem quando essa chegasse na fazenda, que daria uma surra nos foliões...no outro dia foi trabalhar e quebrou o

pé, o patrão chamou a atenção dele e hoje ele é muito amigo da gente (Bagança de França, 2000, p, 31).

Mas, se por um lado o santo é lembrado por suas vinganças contra aqueles que duvidam de seus poderes, ele é, também, muito mais festejado pelas promessas que foram atendidas, como relata Dona Maria Lúcia no município de Cachoeira do Arari.

Graças a Deus tudo que eu já pedi pra ele já alcancei, eu pedi que eu tombasse e alevantasse minha casa, podia até não fechar direito, mas que desse pra mim morar que eu ia, quando ele chegasse da esmolação dele, ai mandar rezar uma ladainha (...) graças a deus a casa ta aí, eu espero que ele me ajude pra fazer como eu desejo...(Maria Lúcia. Entrevista em 13 de janeiro de 2007)

Dessa forma, dentro da esfera cotidiana do relacionamento entre os devotos e São Sebastião observa-se o caráter dual de sua personalidade em torno da bênção e dos castigos. As narrativas demonstram o misto de temor /respeito e amor/devoção que compõem os relacionamentos com o santo. Essa dualidade é expressada em torno dos acontecimentos naturais, como chuvas e trovoadas, enchentes e incêndios, ou desastres ocorridos com pessoas desrespeitosas, como morte, traumatismos, sumiços e outros.

Para além do castigo, São Sebastião é a própria expressão do amor, compaixão e carinho, segundo os marajoaras. Os relatos de cura, paz e prosperidade relacionados com sua devoção são o motor que move as festividades. A fé na promessa de coisas boas permeia as expressões artísticas associadas às festividades e fundamenta todo o sistema cultural em que se imprime a devoção.

Nos municípios onde foi verificada as festas a São Sebastião foi possível verificar que a imagem de São Sebastião é associada às características locais regionais. Dessa forma, na região dos campos, o santo é referenciado como sendo padroeiro dos vaqueiros e o imaginário referente à festividade está situado nos campos e alagados típicos da região, além de bens associados ligados à atividade dos vaqueiros e de fazendeiros. Já na região dos furos, a

imagem de São Sebastião percorre rios e igarapés em “cascos” ou “montarias” com suas comissões ou apenas acompanhada pelos rezadores. Nesta região o santo é reverenciado como protetor dos seringueiros, pescadores e agricultores, na realidade, atividades ligadas ao extrativismo, cultivo da terra ou pesca.

O imaginário relacionado com as festividades nessa região percorre os fundos dos rios ou o interior das florestas. Um exemplo dessa ligação é a Festividade de São Sebastião da Borracha, em Curralinho, cuja origem está vinculada à atividade do seringueiro segundo relatou seu Jorge, pescador e presidente da festividade, que narra a origem de sua relação com o santo:

Seu Jorge - O nome da festa de São Sebastião da Borracha porque é a lenda que eles contam porque eu não conheci o primeiro dono, já vim conhecer o terceiro. Já é quarto comigo. A gente não é parente nem aderente do dono, mas através do santo eu fui pro lado dele e hoje em dia ele esta comigo.

Líliam- Como é essa historia?

Seu Jorge - Ele foi encontrado no mato na banda de Oeiras numa estrada de seringa. Era não sei o que Cabaíba o nome do dono do santo. Parece que era Manoel Cabaíba.

Um senhor que estava presente – todo tempo que ele passava ele ouvia aquela zoada, aquele mungango lá até que ele foi olhar e lá estava aquela imagem colada. Ai ele chamou a filha.

Líliam -E isso foi mais ou menos em que ano?

Seu Jorge- Bom ai é que eu não sei. Vou contar só um pedaço da historia que eu sei. Quando eu era bebê me deu doença do tempo que hoje em dia e essa entorte que dá em criança. Fica com paralisia facial. Quando eu me conheci chamavam de doença do tempo essa doença que dá em criança. Aí deu em mim e minha mãe muito apavorada... aí eles ouviram só em conversa assim que tinha esse santo. Agora eles não sabiam nem pra que lado nem pra que rumo. Aí ela apavorada fez uma promessa para esse santo. De rezarem uma ladainha pra este santo e rezar novena na nossa casa. Teve negócio de curador, benzedor, e eu sobrevivi e graças a Deus e estou vivo ate hoje. Quando eu melhorei um pouco e minha mãe foi falar com meu pai, ele ficou até meio chateado e falou umas coisas pra ela de como seria, pois não sabiam nem se era verdade inteiramente. Correu um bocado de tempo e eu já estava com a idade de 8 a 9 anos quando tiveram noticia dele, pra cá pra perto do Jararaca. Papai foi lá falar com o responsável por tempo indeterminado, era quinze noites às vezes, consignado cada qual com suas noites. Se, por exemplo, fossem essas oito casas aqui em seguida não poderia passar mais nem menos. O papai falou com o cara e ele disse: - Olha meu amigo, é tudo consignado. - O filho dele disse: - Olha papai na noite de tal dia vai estar desocupado.- Ele olhou pro papai...E faltavam dois dias, isso ele estava lá pra vila do Jararaca. Um interior

daqui, dá umas 3 horas de barco. e nesse tempo era só remo ainda. O papai combinou tudo com ele e ficou de mandar buscar no dia seguinte. Dai pra frente nos ficamos fazendo todos os anos. Eu estava na idade de uns 8 a 9 anos e vou fazer 45.

Líliam - .Mais de 30 anos.

Seu Jorge - se Deus não mandar o contrario vou fazer 45 agora em abril. De lá pra cá eu falhei um ano, no ano em que meu pai morreu.

Dessa forma a religiosidade local, mesmo constituindo certo padrão de recorrência tendo em vista a devoção ao santo ser a mais verificada na Ilha, apresenta certas particularidades que também estão relacionadas à ecologia e a história do lugar, refletindo as relações entre cultura e natureza nas formações sociais.

Diante da imbricação das dimensões do visível e do invisível, do caráter dual de São Sebastião, do entrosamento dos diversos momentos rituais das festividades, observa-se uma complementaridade. Ainda que haja uma força institucional representada pela Igreja preocupada em dissociar a parte sagrada (missas, ladainhas, louvores) da parte “social” representada pelo arraial, leilões, bingos e bailes, no imaginário dos devotos, a devoção ao santo está preche de todos esses elementos juntos, misturados, dissolvidos como um só acontecimento.

A reação das comunidades às proibições e limites no conteúdo daquilo que é denominado pela Igreja por “profano” ou “social” é sempre acompanhada de cismas e ponderações. Ainda que as transformações sociais dos últimos tempos – talvez últimas três décadas – no Marajó tenham levado a sérios problemas sociais, incluindo prostituição de mulheres, violência sexual infantil e tráfico de drogas, os devotos não vêem a parte “profana” ou “social” das festas como um das causas desses problemas.

Em alguns casos, os próprios membros das comunidades estabelecem uma distinção entre os momentos das festividades, atribuindo a denominação “sagrado” e “profano”:

Ana Luiza: Há instrumentos musicais próprios desta celebração?



D. Raimunda: Na festa profana, toca aparelho de som com caixa pequena e na música ao vivo são tocados instrumentos musicais bumbos, tarô e corneta para a peregrinação e animação da festividade.

A estrutura geral da festividade compreende alguns aspectos em comum entre as manifestações em homenagem a São Sebastião que foram identificadas no Marajó. As festividades contam com um período preparatório chamado de “esmolação” que consiste na peregrinação de um pequeno grupo de devotos, denominados “foliões”, pelas regiões ao redor do local da festividade coletando donativos para o santo. O período de “esmolação” pode ser curto como uma semana ou bem longo como seis meses (Vila do Arapixi e Cachoeira do Arari). O relato do folião Anderson, folião da Festividade de São Sebastião do Arapixi, demonstra claramente essa dinâmica da esmolação:

Líliam – bom, vamos por partes, primeiro, como é a sua atuação como folião na festa?

Anderson – Começa uma peregrinação no início de agosto. No dia 04 de agosto a gente vai até o dia 09 de janeiro quando a gente encerra já aqui dentro da vila. Agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro a gente já está se aproximando aqui da vila pra festa. A gente vai pro Ganhão, localidade próxima daqui, há duas horas de viagem, aí vem pelo Cajueiro, que é uma fazenda, aí a gente faz aqui a foz do rio e sai aqui em outras localidades, Camaruntuba, Coatá, Cajú, Cururú e Arapixi novamente. Aí a gente vai de casa em casa em cada localidade. Geralmente no Ganhão mesmo a gente passa um mês e nove dias. São muitas casas.

Thaís – e todas as casas recebem o santo?

Anderson – é a maioria das casas, onde é católico, que a gente sabe ou que outras pessoas informam, por que é uma coisa assim: você está peregrinando com o santo, você está aqui, vamos supor, aqui na casa da dona Vera, você reza uma ladainha, amanhã você já tem que ficar lá na casa da dona Roseane. Se você chegar oito horas ou nove horas da manhã, você não pode mais ir de lá, só no outro dia.

Thaís – então obrigatoriamente tem que ser um dia inteiro na casa de uma família?

Anderson – com certeza.

Líliam – como vocês sabem as casas que tem que ser visitadas?

Anderson – A gente já tem uma programação, devido a muitos anos, né, a gente já tem uma base de cabeça, a gente já faz um cálculo de cabeça pra poder ir de casa em casa. Seguramente a gente está sabendo que todo ano a gente tem que ficar ali. Aí já está certo. Hoje a gente fica na

casa de uma pessoa, amanhã na casa de outra pessoa, é assim que funciona.

Líliam – são sempre os mesmos lugares, essa peregrinação nunca muda?

Anderson – não. Em alguns anos ele já foi em Mocoões, em 2004 a gente foi em Mocoões, que é uma localidade também. Anos atrás quando o pai da minha avó ainda existia, ele ia em Vila Sacramento, em Santa Cruz do Arari.

O início da festividade geralmente é celebrado com uma alvorada e missa de abertura e a levantação do mastro, iniciando o ciclo de comemoração. O período da festa propriamente dita tem uma duração média de uma semana a dez dias. Em algumas localidades há uma negociação da Igreja para diminuir este período tendo em vista o número reduzido de moradores.

Ao longo do período da festividade podem ocorrer ladainhas à noite, com festas dançantes no Barracão ou Pavilhão do Santo ou Santa, um arraial cheio de barraquinhas de comidas e bebidas, brinquedos e barraquinhas de vendas de confecções e miudezas em geral. Esse arraial normalmente é montado ao redor da Igreja, na Praça Matriz e ruas dos arredores.

Em algumas festividades como as de São Sebastião da Boa Vista e de Breves, a estrutura paroquial conta com grupos animados de música que cooperam no dinamismo das missas. Tais grupos são formados por jovens e costumam tocar repertório do hinário católico mais conhecido, com um grupo instrumental geralmente composto por teclado, guitarras, violões, alguma percussão, além de vozes. Particularmente em Breves, além dos grupos musicais, existem os corais e a Liga Católica – um grupo de senhores de meia idade a idosos que promove rezas e canta a ladainha durante a festividade e períodos de esmolação. Além disso, há outros grupos musicais ou ministérios, como relata a secretária da Paróquia de Breves, Andréia:

Andréia: Fest Sebastian...é Sebastian fest. E a rave católica no último dia.

Líliam: e aí quais são os grupos musicais que se apresentam?

Andréia: todos os ministérios. Nós temos muitos ministérios. Em cada bairro tem ministérios e corais.

Líliam: é mesmo? E mais ou menos quantos ministérios?

Andréia: são por volta de dez. dez ministérios e dez corais.

Líliam: ah, então tem muita gente pra cantar?

Andréia: muita gente. Tanto é que agora só foram três. O “Divina luz”, do bairro do Aeroporto, o “FO” do bairro da Castannheira, e o “Júbilos”, da Cidade Nova.

Líliam: FO?

Andréia: é, Força da Oração.

Andréia conta, ainda, que antigamente os bailes eram animados por grupos de jazz, compostos por trompete, trombone e outros instrumentos de metais e percussão. Em respeito a este assunto, foram contatados músicos antigos em São Sebastião da Boa Vista e em Breves, que relataram a ocorrência de “grupos de jазze” cujo repertório musical era constituído de gêneros musicais dançantes como mazurca, bolero, valsas, Fox-trote, sambas e marchas. Tais grupos atuavam como animadores dos bailes que ocorriam nas casas das famílias após a reza da noite e, também, no interior da igreja, acompanhando os corais nas ladainhas cantadas ou “ladainhas por música”, tal como relata seu João de Deus (Janjão), músico de Breves. Seu Alonso, rezador de Anajás, conta como eram as festas de santo na sua meninice no interior de Anajás:

Líliam: então o senhor diz que naquela época não havia escândalos, brigas... como era?

Seu Alonso: não, não. A gente fazia essa novena da Trindade Santa, aí quando chegava a festa, todo mundo era animado, era uma alegria muito bonita, muito falada. Aparecia muita gente de longe lá. Todo dia se matava dois capados, conforme a pressão do mordomo. Tinha juiz de mastro, juiz da festa, os mordomos da novena... Durava 10 dias, 10 noites. A filha do dono da vila era rico, era comerciante rico...aí a menina de 12 anos era muito assanhada. Ela fez contato com a gente pra dançar as 10 noites de novena. Eu tinha um cunhado biriteiro que tocava clarinete, tinha acompanhamento de pau e corda. Nós fazíamos a novena, e, quando terminava, todo mundo caía lá no salão. E era brincadeira a noite inteira. Era música do passado: valsa, quadrilha, bolero, mazurka. Nós dançávamos muito. Hoje não tem mais músicos de pau e corda. Não tinha esses aparelhos, nada. Nem rádio tinha.

Líliam: e a ladainha? Continua a mesma?

Seu Alonso: ah, a ladainha nunca mudou. Ela não pode mudar.

No relato do seu Francisco Malato, de Ponta de Pedras, verifica-se que neste município, há 50 anos atrás quando ainda havia a Festividade de São

Sebastião, as noites eram animadas pelos grupos instrumentais locais, compostos por instrumentos de metais, que tocavam músicas animadas no coreto da praça central. Em Breves essa prática também era comum, segundo os relatos do senhor João de Deus, músico e compositor de Breves. Os coretos eram os espaços das bandas de música até meados do século XX e, segundo os relatos acima mencionados, elas costumavam tocar sempre ao meio dia e às seis horas da tarde, sempre depois das ladainhas.

As procissões acontecem em praticamente todas as festividades, à exceção das que ocorrem na beira dos rios, caracterizadas pela assistência da comunidade no barracão improvisado. Tempos atrás eram comuns as procissões fluviais, no entanto, em função de inúmeros acidentes ocorridos em diversos pontos de festividades na Ilha do Marajó, as paróquias passaram a desestimular essa prática.

O final das festividades é marcado pela derrubada dos mastros, procissão principal e missa solene, ou, em alguns casos, ladainha final. As comunidades que realizam a festividade desvinculada da paróquia não apresentam missas na estrutura de suas festas, uma vez que o padre só aparece naquelas que estão vinculadas à Igreja. As festas dançantes coroam o final da festividade, prolongando-se até a madrugada do dia seguinte.

A organização das festividades sempre conta com a presença de uma instituição gestora, vinculada ou não à estrutura da Igreja. Em alguns casos, como em São Sebastião do Arapixi, existe a Irmandade, criada no início do século XX. Outro exemplo é a festividade de Passagem Grande, em Salvaterra, onde foi criada a Sociedade Beneficente São Sebastião em 2005, cujos sócios são os próprios participantes e organizadores da festa. Em outros casos, como o da Festividade do Glorioso São Sebastião, em Cachoeira do Arari, existe uma Associação recentemente registrada como irmandade, e situações ainda, como o da Festividade de São Sebastião da Boa Vista, onde a presidência da festividade é assumida pela própria Igreja.

Já as festividades de caráter familiar apresentam um outro tipo de modelo gestor. Geralmente a hierarquia obedece a critérios de herança familiar

ou, em alguns casos, de força política no seio da comunidade ou mesmo de poderio econômico local. A estrutura organizacional gira em torno dos cargos de presidente, vice-presidente, juiz de mastro, festeiro, mordomos, promesseiros e outros, variando de caso para caso.

A presença desses cargos/funções sociais na estrutura organizacional da festividade acaba por refletir no seio da festividade a estratificação social que permeia aquela micro sociedade. Muitas vezes há envolvimento políticos locais, transferindo relações de poder político para essa estrutura organizacional. Tal fato ocorre tanto nas festividades vinculadas à Igreja quanto nas de caráter familiar. Em alguns casos foi observada uma grande resistência da Paróquia em manter essa situação e, por outro lado, grande resistência por parte dos grupos historicamente enraizados neste processo que mistura fé, devoção e política.

Tais questões relacionadas com o poderio político econômico das localidades que terminam se infiltrando na estrutura organizacional das festividades tem suas bases nos processos históricos ligados com o surgimento das localidades no Marajó. Muitas vezes a história dos municípios se confunde com uma história de devoção e relacionamentos com a Igreja Católica, envolvendo, entre outras coisas, a doação de terras para a Igreja por parte de famílias proeminentes na época. Outro aspecto a ser considerado é o fato de que antes, em finais do século XIX e início do XX, tais famílias normalmente mantinham as festividades financeiramente, pois não havia ainda a Diocese de Ponta de Pedras e nem a Prelazia do Marajó.

Segundo os relatos do Padre Raimundo Aguiar, da Paróquia de São Sebastião da Boa Vista, inicialmente, as famílias importantes e autoridades políticas locais eram os responsáveis pelas festividades, tanto em relação aos gastos quanto em relação à manutenção da tradição. Geralmente a presidência das festividades ficava entre os nomes de famílias com maior poder econômico e politicamente influentes na localidade. Este modelo só vai ser modificado a partir da criação da Diocese de Ponta de Pedras, em que pouco a pouco as paróquias foram se articulando e passaram a gerir as festividades e congregando-as:

Líliam - isso a mais ou menos quanto tempo padre?

Pe Raimundo - 1846 no sítio do senhor Manoel Moraes Nunes. O sítio seria aqui próximo da sede. Inclusive nós vamos ter aqui tudo diferente dos outros municípios. Isso é importante pra vocês pra quem vai pesquisar os outros municípios...é formado o município tudinho, depois entra o padroeiro. Aqui é o contrário, tem primeiro o padroeiro, depois as pessoas vão fazendo as casas, ali vira uma vila, depois vira uma cidade, mas é em torno já desse santo. Então aqui tem primeiro o padroeiro, e esse santo vai ser o padroeiro da cidade. Totalmente o contrário dos outros municípios. Então, as pessoas festejando, fazendo isso, foi uma época em que ficou na mão dessas pessoas. A festa do padroeiro com o passar do tempo passa pra mão política. São os prefeitos que realizam porque ninguém aqui tinha o conhecimento dos padres, são eles que vão buscar os padres. Então eles são os presidentes da festa.

Líliam - porque antes não tinha padres residentes?

Pe. Raimundo – porque os padres começam a chegar em 68. Porque essa área aqui de seis municípios fazia parte da arquidiocese de Belém, os padres vinham...você pega o registro de batismo aí durante muito tempo o padre que trabalhava em Belém, você pode ver o nome dele num registro numa paróquia, padre Emílio por exemplo. Você vê o nome dele em registro de batizado antigo em todas essas cidades. Ele era uma das pessoas que vinha para...só vinha naquele dia, chegava na véspera da festa e terminava ele ia embora.

Líliam - padre um pergunta, então nesse tempo se instalou a diocese de Ponta de Pedras?

Pe Raimundo - Ponta de Pedras. Aí começa essa mudança que chegam os padres mas ainda vai por um certo tempo, uns cinco ou dez anos ainda a presidência da festa da paróquia os prefeitos. Na década de 70, no final, é que isso muda. Por exemplo, você, não vai encontrar presidente de festa num programa desses.

Líliam - a presidência é da igreja.

Pe Raimundo - a presidência é da igreja. A igreja hoje é quem promove a festa. Hoje todas as festas são promovidas pelas pessoas da paróquia. Inclusive tem gente do interior que faz parte dessa comissão. A partir da década de 70 a comunidade assume mais ainda tem muito papel de presidente. Com o passar do tempo vai mudando, também porque não é muito fácil mudar de uma hora pra outra. Mais recentemente houve uma outra mudança muito grande que mexe com toda a estrutura também. Quando era o prefeito que fazia a festa, o pessoal vinha só pra participar, se dava lucro ou se não dava lucro, ninguém estava preocupado com isso. Com o pessoal assumindo, essa questão da contabilidade passa pelas mãos das pessoas. A outra mudança aconteceu há dois anos atrás. A contabilidade passou pra mão da igreja a partir de 90. De dois anos pra cá a nossa diocese, numa reunião do conselho paroquial, nós somos divididos assim, a paróquia tem um conselho paroquial, a diocese tem o conselho diocesano, que são todos os padres, o bispo, uma irmã de cada congregação que está trabalhando aqui e dois leigos de cada paróquia. Nós somos seis paróquias então são doze leigos que estão no conselho.

Atualmente algumas das paróquias do Marajó contam com padres marajoaras, conhecedores da realidade das tradições locais, oriundos de famílias humildes. Segundo Padre Raimundo Aguiar, até a década de 60 o Marajó era dirigido por padres italianos em sua maioria, que desconheciam a realidade local. O clero marajoara, por assim dizer, começou a se formar a partir da década de 90, ainda segundo informações do referido padre.

A devoção a São Sebastião nas diversas localidades do Marajó constitui uma intrincada rede de comunicação e trocas entre o movimento da festividade principal na sede do município e o seu interior, como nas festividades das sedes de Breves, São Sebastião da Boa Vista e de Cachoeira do Arari. Ainda que no interior desses municípios haja uma festividade própria ou uma representação da grande festividade da sede, há uma interlocução permanente entre essas festividades menores do interior e aquelas da sede.

Os membros das comunidades fazem promessas e geralmente participam da festividade da sede do município. Começam a chegar no início da manhã do primeiro dia da festividade trazendo carregamentos de ofertas para o santo como patos, frangos ou outros víveres, muitas frutas, farinha, barcos de miriti de todos os tamanhos, além de seu estoque simbólico de bens culturais relacionados com a festividade. A população procedente do interior geralmente possui parentes na sede dos municípios, em cujas casas se hospedam e permanecem durante de todo o período da festividade. Esses momentos constituem acontecimentos especiais, pois representam uma oportunidade de confraternização geral com amigos e parentes, acerto de contas com o santo e oportunidade de consumir os produtos industrializados e até importados que ficam à venda nas barraquinhas de comerciantes no arraial.

As devoções familiares do interior ou mesmo das pequenas comunidades vinculadas à Paróquia, estabelecem uma relação de interdependência com a festividade da sede do município. Essa interdependência está diretamente relacionada com a dimensão da festividade das sedes, com a teia de relacionamentos entre parentes e amigos, com a fé no poder da imagem que fica nas Igrejas das sedes e com a estrutura catequética atual da Igreja Católica baseada nas CEBS – Comunidades Eclesiais de Base – que congregam

todos os membros de todos os distritos das paróquias. Um exemplo disso está demonstrado no relato do senhor Benedito Malato, de São Sebastião da Boa Vista, sobre o seu envolvimento com a festividade e seu trânsito entre o interior e a sede do município:

Líliam - De que interior?

Seu Malato Rio Pracau Mirim, é bem distante daqui, três horas e meia de viagem.

Líliam - Lá você tinha alguma ligação com a festividade de São Sebastião?

Seu Malato - Tive, eu sempre fui coordenador de Comunidades Eclesiais de Base, as CEBS e pelo motivo de participar de uma coordenação, nós participávamos de Assembléia Paroquial aqui nesse salão do Centro Catequético. Mesmo quando eu morava lá tinha vezes que eu vinha e ficava semanas planejando o ano todo da vida da paróquia. O pessoal me indicava, era por indicação.

[ . . . ]

Líliam - E lá seu pai já era envolvido com a festividade?

Seu Malato - Já, desde que eu me entendi o papai já era envolvido com essa vida de comunidade, se envolvendo em festividade sempre com o nosso padroeiro aqui e dando muito incentivo nas comunidades eclesiais de base do interior também.

Líliam - Como é que as pessoas se organizam no interior?

Seu Malato - Na verdade, de uns 4 anos pra cá as comunidades estão se organizando através de distritos. Por exemplo, o distrito 6 do qual faz parte a comunidade que eu atuava fazem parte 5 comunidades eclesiais de base. A gente motiva para que as comunidades estejam todas com 10, 12 pessoas para que a gente possa fazer um plano de trabalho de um ano. Quando foi pra essa festividade agora, nós nos reunimos no dia 27 de dezembro e vimos planejar a nossa noitada aqui que foi no dia 12.

Líliam - Cada comunidade tem uma noite?

Seu Malato - Cada distrito tem uma noite. São oito distritos.

Verena - Esses que são os noitários?

Seu Malato - É, são os noitários.

Líliam - Cada distrito envolve várias comunidades?

Seu Malato - São 64 Comunidades Eclesiais de Base e são 8 distritos.

Esse deslocamento populacional implica numa abrangência geográfica que transcende o raio de atuação da festividade na sede do município, incluindo os distritos até mesmo distantes. Esse raio ampliado de influência da festividade tem a ver, também, com a abrangência geográfica das esmolações, que



percorrem as regiões das proximidades da sede. Em alguns casos, como o da Festividade do Glorioso São Sebastião em Cachoeira do Arari, a esmolação chega a percorrer vários municípios.

Para além da relação sede-distritos, soma-se um terceiro lócus de abrangência das festividades – a capital paraense. Belém é o alvo dos filhos do Marajó que saem em busca de melhores oportunidades de estudo, trabalho e atendimento à saúde. Dessa forma, constituiu-se uma teia de dependências simbólicas entre parentes e amigos instalados em Belém e nos municípios de origem. Esse movimento em torno da devoção a São Sebastião margeia, inclusive, aspectos específicos da região marajoara como o transporte de navio ou balsa. Durante o período das festividades, o transporte já precário torna-se mais difícil ainda e alvo da ação de meliantes.

Já foi dito que os rios e os campos permeiam o imaginário marajoara em torno das festividades em honra a São Sebastião. Tais referências circunscrevem, ainda, as noções geográficas e simbólicas locais, que ditam o tempo das cheias, dos alagados, das safras e da seca no Marajó, transferindo imperativos práticos para o andamento das festividades, como por exemplo, os transportes, as chuvas, a poeira e o ciclo da festividade. Este é o caso da Festividade de São Sebastião em Afuá, onde o período de realização da festa foi transferido de janeiro para julho por conta das grandes chuvas do início do ano. Os bens culturais se relacionam com as características locais e com a vida do marajoara, um exemplo disso é a Corrida de Cavalos que ocorre na Festividade de São Sebastião no Caju-Una, em Soure, tal como relata o senhor Cláudio Penante (seu Brito):



Figura 07 - Pessoas chegando à cidade de Cachoeira do Arari para os festejos de São Sebastião.

Ana Luiza: e você participa desde quando?

Brito: desde 94, participando da corrida. Mais ou menos de 96 pra cá já me convidaram. Desde aí...porque a corrida de cavalo é um atrativo pro homem do campo. Ele vem trazer o cavalo dele pra participar da corrida. Quando esse cavalo ganha, pra ele é um prazer muito grande. "Poxa, quem foi que ganhou esse ano a corrida lá no Caju-Una?" "O cavalo de fulano" Aí essa fazenda já fica conhecida. É tipo uma vitrine do seu produto. É uma corrida. Aí com isso a fazenda começa a vender mais cavalo, porque fica famosa... "ah, os cavalos da fazenda são bons, ganham corrida.

Na região dos furos, as comissões, freqüentes durante os anos de 1960, perfaziam o trajeto entre os rios, passando pelas comunidades ribeirinhas que já aguardavam a visita do santo, segundo os relatos de Padre Raimundo Aguiar:

Pe Raimundo - inclusive tem uma literatura que eu brinco muito com o padre que eu vou pro interior e eu canto. Eles diziam...Eu brinco

muito com os jovens e as crianças que dizem que o papai é atrasado e que a mamãe é cafona. Estamos lá década de 18, 19 e tem uma melodia que a gente brinca que os foliões cantavam:

- *cheira cravo cheira rosa,*
- *cheira flor de miriti,*
- *se não matarem o capado grande,*
- *são Sebastião não fica aqui.*

Isso é uma literatura que vai e você não sabe se isso aconteceu ou se não aconteceu e isso vai nesse período em que eles andavam num bando de cinco ou seis pessoas. Então quando eles chamavam "pernoitar", pernoitavam na casa do irmão, porque o santo tinha toda uma irmandade. Lá no Mutuacá onde eu morava tinha...Eu não fazia parte dessa irmandade ele chegava e visitava a minha casa, mas ele não dormia onde não era irmandade, se eu fosse irmão então ele dormiria na minha casa. Eles tinham a relação de todo mundo, dormia lá, mas naquela casa o dono da casa era obrigado a arcar com toda a despesa pra eles. E ai surge essa literatura que cantavam que tinha que matar o capado grande se não o santo não ficava lá. E para as pessoas o santo era a coisa mais importante não podia acontecer de a pessoa não visitar a casa de um católico e se eu fosse irmão e chegasse lá seis horas não poderia recusar de...O pessoal todo mundo tava querendo que o santo ficasse ali. Então tinha muitas melodias, essas de chegada e deve ter muitas outras que devem ser perdidas.

Lilium - padre, esse caminho que o santo fazia ele era fixo ou mudava?

Pe Raimundo - não porque no caso daqui, ele é um pouco até melhor de se trabalhar do que o campo, o campo é mais complicado.

Lilium - aqui é pelos furos.

Pe Raimundo - É, então você pega vai daqui pra Currálinho tem a mesma direção, vai pro Canaticum, volta, cada vez que entrava no Canaticum tinha que fazer aquilo lá, cada vez que entrava no Mutuacá tinha que fazer o caminho de volta, então eles faziam o mesmo percurso.

Os relatos orais demonstram num tempo passado, por volta da década de 60 ou 70, o encontro das comissões de vários santos – tantos quantos os da “corte do céu” – nos campos e nos rios. Os senhores idosos falam de comissões que vinham de Abaetetuba, de Curuçá com São Benedito Achado, de Gurupá, o São Benedito de Gurupá. O encontro dessas comissões era ditado pelo ciclo das festividades, pelo calendário local que situa cada uma delas. Nesses encontros os foliões entoavam as folias uns para os outros, cruzavam as bandeiras e trocavam instrumentos musicais. Tais comissões chegavam a esmolar até na costa de

Marajó, no rio Arapixi, e a comissão de São Sebastião de Arapixi, por sua vez, chegava a esmolar até Santa Cruz do Arari. Segundo relatos orais de uma ex-foliã do Arapixi, dona Marieta, a devoção a São Sebastião nesta localidade surgiu com os pretos velhos, provavelmente no século XIX, época de seus avós:

Líliam – e no tempo dos seus pais já tinha a festa?

Marieta – Hi, já querida, já esta festa é antiga. É antigo, dos meus avós, das minhas avós.

Líliam – e a senhora sabe como surgiu essa festa?

Marieta – Surgiu dos pretos velhos que vieram fazendo essa festa. Ele é antigo esse santo. Esse santo, ninguém viu e ninguém sabe. Aliás quando eu me entendi a minha mãe nos trazia. Ela amava a festa de São Sebastião. Então nós viemos se entendendo nessa religião.

Esse itinerário das comissões cooperava para uma dinâmica de trocas e intercâmbios musicais entre os próprios foliões que aprendiam novas folias uns com os outros. Atualmente ainda se verifica esse intercâmbio em um grau bem menos freqüente, mas foi identificado entre foliões de Cachoeira do Arari (que haviam aprendido novos cânticos de ladainha com rezadores de Ponta de Pedras) e com foliões de Vila do Arapixi (que havia aprendido novas folias com foliões de Cachoeira do Arari). Provavelmente esse círculo foi fundamental para a difusão do formato das comissões e para a transmissão dos repertórios de folias e ladainhas, bem como dos procedimentos técnicos em relação ao instrumental utilizado nas comissões (viola, violão, tambor, triângulo).

No extremo norte do Marajó, quase em Macapá, na Ilha do Pará, pertencente ao município de Afuá, foi identificado um repertório de folias, organizadas em torno de uma comissão de foliões, cujo instrumental inteiro é confeccionado na própria localidade, valendo-se de recursos naturais como cedro para a feitura da viola, couro de gato maracajá para o tambor e embaúba para o milheiro. Esse repertório de folias é dedicado a Nossa Senhora do Livramento, São Bráz e São Sebastião, segundo o informante seu Sabá Santana. Devido à proximidade com Macapá, há a participação do Marabaixo nessas festividades, que já ocorrem há mais de cem anos segundo Seu Sabá Santana. A inovação com o Marabaixo teria sido introduzida há cerca de cinco anos, de acordo com o Seu Sabá.

O calendário cíclico das festividades se resume a preparação e oferta para São Sebastião. A preparação ao longo do ano ocorre seja através de reuniões das CEBS, ou dos membros das diretorias, seja através do percurso da esmolação com os foliões. O período da preparação pode ser comparado com o período da sementeira, em que se plantam as bases para a realização de uma boa colheita. Representa o período de realização das promessas, período de início de um processo de comunicação com a dimensão do sobrenatural. A festividade em si representa o período da colheita, ou melhor, o período da coroação dessa colheita, em que os devotos já podem agradecer ao santo pelo recebimento de suas graças. É o outro lado da comunicação. Nesse entremeio, é possível ter sempre o apoio dos rezadores que, a pedido, podem fazer as ladainhas nas casas dos devotos, estabelecendo um meio de contato com o sobrenatural.

A percepção do tempo dos fatos entre os marajoaras se dá a partir das gerações, do tempo em que a “avó era mocinha” ou do tempo da “mãe de minha mãe”, falas que registram a memória das coisas importantes, tal como exemplifica dona Julieta, sobre a Festividade de São Sebastião na comunidade de Pedral, em Soure:

D.Julieta: ... eu me casei e vivi no São Geraldo, no Bom Jesus, de canto com o Gabriel, junto das mangueiras. Vivi no Bom Jesus por 38 anos. Criei meus filhos todos lá.

Ana Luiza: desde quando a senhora participa da celebração?

D.Julieta: quem começou a festejar ela foi a minha mãe, lá nos campos. De lá, veio pra cá pro Pedral, uma comunidade. Depois que ela morreu, eu tomei conta. Eu não lembro qual ano... tem uns quantos anos... porque quando eu nasci, ela já festejava. Eu to com 76, eu tinha uns seis anos quando ela começou a festejar. Eu compartilhava, porque eu morava lá, né?

Verena: então começou lá dentro da fazenda?

D.Julieta: foi. Lá de onde chamam Fugêncio. De lá que vem festejando.

Ana Luiza: até hoje a senhora participa?

D. Julieta: até hoje.

Segundo o Padre Marcos Gnoatto, da Paróquia de Currealinho, as festas de santo têm importância na vida dos marajoaras dado o seu caráter familiar:

Em Curralinho existem duas comunidades que possuem festas ligadas a Igreja Católica. No entanto, não são festas como as de Cachoeira do Arari ou de São Sebastião da Boa Vista. Apenas celebram a missa e depois convidam as pessoas para fazer um almoço.

Liliam - Qual a importância das festas de santo para os marajoaras?

Pe Marcos - Para os marajoaras as festividades de uma maneira geral representam o momento em que as pessoas se reúnem nas famílias. É uma festa familiar.

A relação de troca está presente em diversos momentos e práticas ligadas às festas de santo, como por exemplo, na troca de comida, na troca de função, na troca de papéis e até mesmo nas trocas emocionais envolvidas nos momentos de contrição nos pedidos de graça e recebimento destas.

As funções dos participantes das festividades retratavam e, em alguns casos ainda retratam, a estratificação social e as relações hierárquicas locais, tal como é possível observar no relato do senhor Francisco Malato, antigo morador do município de Ponta de Pedras, ao lembrar a festividade que ocorria lá há 30 anos atrás:

Francisco – Era. E eles faziam aquilo. Ninguém trabalhava (risos). Mas tinha o programa. Tinha um programa muito grande, com as classes das pessoas, dos sócios da festa. Era mordomo, era juiz auxiliar, juiz não sei o que... Era assim. Os mordomos eram as pessoas do povo. Os juízes eram as pessoas que tinha mais dinheiro, com mais poder econômico. Era assim. Juiz auxiliar era outra classe. Mas era muita gente! Todos os nomes constavam naquele programa. E tinha, então um homem que dirigia, apregoava o leilão, ele andava com um talonário, cobrando as doações desse pessoal que constava no programa.

O caráter familiar das festas de santo no Marajó, em especial das festividades de São Sebastião, misturam aspectos de fé e de hereditariedade. A devoção e compromisso de fazer a festa é passada de geração em geração, como um bem herdado. O relato de seu João Diniz, da Comunidade das Pedras, em Anajás, comprova isso e ainda demonstra a distribuição familiar e da vizinhança em torno das funções da festividade. Importante mencionar que seu João Diniz mora na beira do rio Anajás e seus parentes e vizinhos moram em casas ribeirinhas vizinhas à dele, onde o transporte comum é a canoa:

Seu João (56 anos): eu tenho muita fé no meu santo. Qualquer coisa eu tô fazendo promessa. Eu tinha uns porcos capados bonitos pra festa aqui, mas a doença matou tudo. Morcego devorou o espinhaço deles tudo. Morcego matou mais de 100 porcos, pelas bênçãos do céu.

Líliam: o senhor tava guardando esses porcos pro São Sebastião?

Seu João: era pra fazer a festa. Aí foi preciso comprar o boi esse ano.

Líliam: o seu pai já fazia essa festa?

Seu João: já, ixi... eu nem existia e ele já fazia festa. O nome dele era Manoel Oliveira Pantoja.

Líliam: e seu avô fazia essa festa?

Seu João: fazia. Esse santo aí era do vovô mesmo.

Líliam: o senhor então foi herdando. O seu pai e seu avô tinham devoção ao santo.

Seu João: isso. Papai morreu aqui em casa mesmo. Ele falou pra mim: "quando eu não puder mais festejar o santo, tem que fazer pelo menos a reza dele". Aí toda vez quando é 19 para 20 de janeiro a gente faz, vai trabalhando aí.

Líliam: como é a festa? Começa no dia 19...

Seu João: é, dia 19. Aí a gente levanta o mastro 4h da tarde. Quando é 7h, 8h, a gente manda rezar pra ele a ladainha. É a tiazinha lá embaixo no manelão (rezadeira já mencionada por D.Palmira). Depois da reza tem a dança até de manhã. No dia 20 não tem nada, só a derrubação do mastro.

Líliam: qual a madeira do mastro?

Seu João: é pará-pará, às vezes é pau de mastro mesmo que o cara tira aqui mesmo no terreno às vezes com 15 dias ou menos. O mastro fica aqui na frente com a bandeira. As bandeiras são todas feitas em Macapá, porque por aqui não tem quem saiba pintar bacana.

Líliam: o senhor guarda as bandeiras dos anos anteriores?

Seu João: é, a gente vai guardando. Cada promesseiro que pega manda fazer outra. Não é só uma bandeira não.

Líliam: e quem são os promesseiros?

Seu João: agora esse ano é o Zezé lá em cima, é um sobrinho meu, mas tem um outro que mora bem aí.

Líliam: quem são os componentes? Tem os promesseiros...

Seu João: eu sou o chefe da festa...

Líliam: o senhor é o presidente da festa, tipo assim...

Seu João: é. Eu compro porco, boi...esse ano eu comprei um boi de 420kg... de manhã, se a senhora quiser fazer a promessa, a senhora pula pra tirar a bandeira. Faz a promessa pro santo e tira a bandeira. E o mastro, o primeiro que pula no mastro é o juiz de mastro.

Líliam: o que o promesseiro faz? Ele doa alguma coisa pra festa?

Seu João: às vezes eles dão foguetes e mandam fazer a bandeira,

A maioria das festividades possui vínculos com a paróquia local, sendo esta responsável pela manutenção da festividade e organização da mesma. Os níveis de inserção da Igreja na festividade variam bastante entre as comunidades. Em alguns casos, como na Festividade de São Sebastião do Arapixi, em Chaves, a paróquia local está fazendo um esforço em retomar as rédeas da organização da festividade, tradicionalmente ligada a famílias poderosas locais.

A Festividade de São Sebastião da Boa Vista, por exemplo, tem a organização da festividade estruturada de forma hierárquica e complexa, envolvendo a própria estratificação paroquial, atrelando a presidência da festividade ao padre responsável pela paróquia.

No entanto, foi observado grande número de festividades familiares, ocorridas às margens da esfera paroquial e muitas vezes não reconhecidas pela igreja. Normalmente essas devoções familiares possuem um histórico de pelo menos cem anos de realização na família, recheados de narrativas de bênçãos e maldições impetradas por São Sebastião. A continuidade desse tipo de festividade depende das gerações que assumem a “propriedade” do santo e herdam toda a carga simbólica que permeia essa devoção. Observa-se, portanto, que não são meras realizações de festas, mas constituem um “baú” simbólico de bens culturais e referências simbólicas cristalizadas durante gerações na prática devocional<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Na estrutura do Catolicismo Popular, a figura do “dono” ou “dona” de santo é constante. Nos interiores do Marajó, muito mais que nas sedes dos municípios as festas de santo feitas por famílias “donas” de santo são muito comuns. Pela função que desenvolvem, essas personagens locais agregam em torno de si, e dos seus, muita importância e, por esse papel, possuem um status diferenciado na comunidade. A figura do dono ou dona de santa pode ser entendida como um resquício de antigas formas de relações religiosas onde a instituição Igreja, no caso da Amazônia especialmente a Igreja católica, esteve por várias razões fisicamente ausente, o que ocasionou com que as pessoas criassem formas próprias de gerenciar sua vida religiosa. Atualmente, mesmo com a presença mais firme da Igreja Católica nas cidades e vilas marajoaras as festas de santo de famílias ainda são muito comuns.



Independente de constituir uma festividade vinculada ou não à igreja, o caráter comunitário é um fato. Representa um aspecto impresso nas devoções desde os tempos da catequese cristã no Marajó. O envolvimento comunitário se dá não apenas durante o período efetivo da festividade, mas desde sua preparação, em meados do primeiro semestre. A própria estrutura organizacional da festividade exige um diálogo interno e representa um lócus de expressões emocionais dessas comunidades. Através dessa estrutura organizacional surgem as tensões sociais e se impõem as diferenças da estratificação interna da comunidade.

O caráter hereditário das tradições também é uma das características que fortalecem o envolvimento comunitário com os festejos, um exemplo disso é a Corrida de Cavalos que acontece na Festividade de São Sebastião do Caju-Una, tal como relata o senhor Cláudio Penante (seu Brito):

Ana Luiza: como você começou com essa atividade de corrida de cavalos?

Brito: ah, isso foi com meu pai, que era um dos organizadores da procissão do círio, na cavalaria, e ajudava também na organização da corrida de cavalo que fazia no domingo à tarde. Depois que o círio entrava, aí no domingo à tarde os cavalos vinham da fazenda pra acompanhar o círio e participar da corrida. Eu sempre acompanhei, sempre fui envolvido nesse processo desde criança. Acompanhava o círio na garupa do meu pai.

A transmissão familiar das tradições muitas vezes implica, também, no fim destas quando ocorre a morte de da pessoa responsável pela manutenção das festividades, tal como demonstra o relato do senhor Carlos Mendes, de Soure, sobre a Festa de São Sebastião que era organizada pela sua família:

Seu Carlos: era o dono da festa, o meu sogro. Ele se chamava Leonardo sua esposa era Dona Julieta, pais da minha esposa. Essa festa tem mais de 50 anos. Só eu tenho 73 anos e ela já existia lá. Esse santo vinha de geração. O primeiro dono eu não conheci. Era pai do meu sogro. Os pais do meu sogro foram os primeiros festeiros. O sítio (Caçador) era deles.

Ana Luiza: quando sua esposa morreu, o senhor parou de festejar?

Seu Carlos: nós trouxemos o santo pra cá... ficamos uns cinco anos aqui, aí acabou, porque ficou difícil., aí ela não continuou mais a fazer a festa.

Muitas vezes a família se identifica como proprietária da festividade, tanto em função da tradição familiar que permeia a celebração, quanto pelo fato da mesma ocorrer em terreno da propriedade da família e a imagem lhes pertencer há décadas, como relata o senhor Dico Aranha, da Festividade de São Sebastião de sua família, que ocorre em Soure:

Ana Luiza: Qual é a sua relação com o bem inventariado?

Dico Aranha: Sou organizador e coordenador da festividade, junto com minha família, pois a festividade é própria da família Aranha.

Ana Luiza: Existem grupos ou associações ligadas a esta celebração?

Dico Aranha: Não, apenas a família Aranha.

Outro aspecto que induz ao envolvimento comunitário é a possibilidade de reunião coletiva para experimentar o contato com o sobrenatural. As festividades funcionam como expressão maior desse relacionamento coletivo com São Sebastião, além de representar a catarse social diante da insegurança e adversidade do cotidiano no Marajó.

Os momentos de agradecimentos com curas, demonstrações de graças alcançadas, situações de confraternização ou até mesmo de brigas e flagelos, são faces desse processo de catarse social e representam os conflitos psicológicos e sociais que recheiam a vida do marajoara. Tal característica é tão marcante que, na Festividade de São Sebastião da Boa Vista, existe um momento destinado aos relatos de milagres atribuídos ao santo, no último dia, durante a Missa Solene. Neste momento os que receberam bênçãos relatam os milagres ocorridos por intermédio de São Sebastião, é um momento relatado como de muita emoção. Abaixo, uma descrição deste momento por Benedito Malato, músico da Festividade de São Sebastião da Boa Vista:

Líliam - Essa atividade como músico te ajudou a receber essas graças?

Seu Malato - Sem dúvida e por sinal ultimamente eu peguei um acidente com meu pai. Ele fraturou o colo do fêmur e eu fraturei também, trincou o osso do meu braço numa queda. O rapaz veio e nos derrubou

Seu Malato: ... com um mês eu levei meu pai de volta ao comércio.

Dentro do hospital, eu o levei numa cadeira de rodas e disse: "ó Pai, se for de sua vontade, quero que o meu pai saia andando daqui hoje". O fato de eu participar de um grupo da igreja não é o bastante pra eu dizer o tamanho do meu agradecimento. Em qualquer lugar que eu esteja vou

ter disposição de fazer esse trabalho de evangelização que tu sabes que eu gosto. Nós chegamos no consultório e pedimos ao meu pai que se levantasse e ele levantou, depois pedimos que ele afastasse a cadeira e andasse e meu pai andou, depois de um mês que colocaram a platina.

Líliam: o que demora de quatro a seis meses, não é.

Seu Malato: Foi uma graça. Nós chegamos de lá quinta-feira e eu falei ao padre que eu tinha uma graça para falar na igreja, que ficou lotada, e o povo tinha que ouvir esse testemunho. Na hora da ação de graças eu falei. Isso cada vez mais enriquece a gente.

## A Festividade do Glorioso São Sebastião do Arari

Como dito antes uma das festas mais expressivas em homenagem a São Sebastião acontece na cidade de Cachoeira do Arari há mais de cem anos, dizem seus devotos.

Por ocasião da festividade, Cachoeira do Arari vive em função do “Glorioso”. A cidade tem toda sua dinâmica alterada, muitos visitantes enchem a cidade, bares, restaurantes e pousadas, assim como o comércio em geral, tem na festa a grande oportunidade para realizar bons negócios. Por outro lado, devotos, igrejas e fiéis vivem seu grande momento religioso.

Igreja, Praça da Matriz, residências e as ruas por onde passam as procissões são ornamentadas com imagens do santo e por símbolos ligados a ele como fitinhas e balões nas cores vermelha e verde. Pode-se dizer que por ocasião da festa não há uma residência católica que não tenha a imagem do santo em sua sala, seja um santinho no altar, uma pintura, um cartaz da festa do ano anterior ou mesmo um calendário que reproduza a imagem de São Sebastião.



Figura .08 - Ruas e residências de Cachoeira do Arari ornamentadas para os festejos de São Sebastião.

A festa de São Sebastião, realizada de 10 a 20 de janeiro, é o evento mais importante da cidade, nem mesmo o Círio de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do lugar, atrai tantos participantes ou mobiliza tanto a comunidade como a festa do Glorioso.

A festividade envolve além do repertório religioso uma série de outras celebrações e atividades como cortejo de mastros, corrida de cavalo, competições de luta marajoara, bingo, arraial, entre outros. A importância do Santo na cidade de Cachoeira está de alguma forma ligada à tradição pecuarista da área visto que o Santo é considerado protetor do gado contra as pestes além de ser muito cultuado por vaqueiros e donos de fazenda.

Por ocasião da Festa há uma procissão específica, a Procissão dos Vaqueiros, na qual os cavaleiros sobre suas montarias<sup>8</sup> desfilam em procissão pela cidade com a imagem do santo e ao final do cortejo, homens e animais, são abençoados em frente à Matriz de Nossa Senhora da Conceição pelo padre visitante.

---

<sup>8</sup> Montaria que na Microrregião dos Furos, caracterizada por uma ecologia de rios e florestas, se refere às canoas, na Microrregião do Arari se refere aos animais de montar, especialmente aos cavalos.



Figura 09-Três momentos da Procissão dos Vaqueiros em Cachoeira do Arari.

Um dos pontos “quentes” da festa é o cortejo dos mastros que, em Cachoeira do Arari, são três: o dos homens o das mulheres e o das crianças. Da levantação ao momento da derrubada, os mastros em Cachoeira, um pouco menos o das crianças, obliteram o restante do ritual. Os mastros são “quentes” por duas razões: primeiro porque as pessoas “adoram ir” no mastro, já que essa ida envolve todo um cerimonial, desde a escolha da pessoa que vai ser juiz ou juíza do mastro, passando pelo corte e enfeite do mesmo, seu desfile pelas ruas, levantação e derrubação no último dia da festa. E, segundo, o que constitui um dos pontos de tensão entre clero e devotos, é a direta associação entre o cortejo dos mastros e o consumo de bebida alcoólica. É tradição na cidade o consumo do leite de onça<sup>9</sup> por ocasião da festa de São Sebastião, especialmente no cortejo do mastro<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Bebida de preparo caseiro, feita a base de álcool e etílico e leite de búfala, largamente no contexto da festa, especialmente durante o cortejo do mastro, durante o arraial é comercializado nas barracões de comidas e bebidas juntamente com o “frito do vaqueiro”, espécie de mistura de carne desfiada frita na própria gordura com farinha de mandioca.

<sup>10</sup> O fato de a bebida ser feita em casa dificulta o processo de controle da Igreja sobre o consumo da mesma, as pessoas costumam levar sua bebida para o cortejo dos mastros em embalagens as



Figura 10 - Detalhes dos mastros dos homens, das mulheres e crianças em Cachoeira do Arari

---

mais diversas com o intuito de disfarçar seu consumo, no entanto, depois de iniciado o cortejo acaba-se a preocupação em escondê-la.

Não há informações sobre a origem da celebração, sabe-se, no entanto, que a devoção ao Santo se confunde com a origem da cidade. A celebração é considerada pelos marajoaras como representativa da religiosidade amazônica-marajoara sendo um dos traços mais característicos a *folia* ou *esmolação*, realizada pela Comissão do Glorioso São Sebastião <sup>11</sup>.

Até a década de 1960 a prática da esmolação era gerida pelos leigos, eles “esmolavam” durante o ano todo pelas fazendas e localidades próximas com a imagem de São Sebastião e de vários outros santos. Com a presença mais firme da Igreja Católica no arquipélago a partir da organização da Prelazia do Marajó<sup>12</sup> em 1928 e, posteriormente, em 1963, da Prelazia de Ponta de Pedras que se transformaria em Diocese<sup>13</sup> em 1979, tendo sido seu primeiro bispo, o jesuíta Ângelo Rivato, em 1965, muita coisa mudaria na esmolação do “Glorioso” São Sebastião. Dentre essas mudanças destaca-se a vigilância sobre a atividade dos leigos que se dará a partir de então.

Com a presença mais marcante da Igreja no arquipélago se instala o conflito entre leigos e clero. O conflito entre membros da Comissão de Foliões e representantes da Igreja tem como fundamento o modelo de festa de santo praticado pelos foliões e aquele pensado pela Igreja. O auge da questão se dá com a proibição da prática de esmolação no ano de 1966, um ano após a nomeação do bispo. De 1966 até 1988 a Festividade de São Sebastião continuou a acontecer todos os anos, mas não a folia. Em 1988 por um conjunto de forças leigas<sup>14</sup>, a esmolação voltou a ser realizada, no entanto, nesse novo contexto, ela

---

<sup>11</sup> A Comissão de São Sebastião é formada por um grupo de devotos, todos homens, que cantam e rezam em louvor ao santo. O termo folião vem do fato das cantigas para o santo serem conhecidas como *folias*. Os foliões responsáveis por durante as peregrinações, conhecidas localmente como esmolações, arrecadar os donativos que custeiam a celebração. As peregrinações ou esmolações são realizadas nos meses de julho a dezembro na cidade de Cachoeira e municípios próximos como Muaná e Ponta de Pedras, e nos meses de maio e junho a Folia se desloca até Belém e Região Metropolitana.

<sup>12</sup> A Prelazia do Marajó compreende os municípios de Anajás, Breves, Melgaço, Bagre, Portel, Salvaterra, Soure e partes dos municípios de Afuá, e Pacajá. Atualmente tem a frente D. José Luis Azcona Hermoso desde 1987.

<sup>13</sup> A Diocese de Pontas de Pedras envolve os municípios de Cachoeira do Arari, Curralinho, Muaná, Ponta de Pedras, Santa Cruz do Arari e São Sebastião da Boa Vista, atualmente tem a frente o jesuíta Aléssio Saccardo desde 2002.

<sup>14</sup> Não está muito claro todo o percurso que envolve o retorno das esmolações, mas sabe-se que houve um forte componente político partidário nas negociações. Figura importante nesse processo

é toda pensada e gerenciada pela Igreja. As principais alterações se deram em dois pontos: os foliões passam a ser contratados e pagos pela Igreja, o que significa que é a Igreja que passa a cuidar das finanças da festa, transformando os foliões em prestadores de serviço, com pagamento de “salário” e tudo, e as folias deixam de acontecer com a imagem de vários santos ao mesmo tempo, sendo feita apenas com a imagem de São Sebastião. Isso ocorre em Cachoeira do Arari e na Vila Arapixi no município de Chaves. Na Ilha do Pará, em Afuá, há folias para outros santos.

Atualmente há em Cachoeira do Arari uma espécie de profissionalização do ofício de folião, os mesmos recebem “salários”, são indicados e “vigiados” pela Igreja que, mesmo não tendo um padre fixo, se faz presente com padre “visitante” por ocasião da festa, além de fazer questão de concentrar o processo de organização, gerência e contabilidade desta.

Nesse novo contexto, contrariando o passado recente, a Comissão de São Sebastião, os foliões, passa por um processo de valorização, visto que a Igreja a entende atualmente como um forte instrumento de evangelização católica, importante por chegar a lugares aonde a Igreja não chega. Isso porque durante as esmolações os foliões percorrem os lugares mais distantes do município sendo, de alguma maneira, a única forma de contato entre a Igreja e os católicos que não podem se deslocar até um templo na sede municipal.

Tendo em vista essa importância nos anos de 2007 e 2008, em Cachoeira do Arari as esmolações foram realizadas com o auxílio de um “Livro de Peregrinações”, o mesmo revela em seu conteúdo, grande preocupação em “orientar” o folião na hora da feitura da folia, tentando dessa forma evitar interpretações que “deturpem” o evangelho. O livro foi idealizado por um leigo ex-seminarista e membro fundador da Irmandade dos Cavaleiros do Glorioso São Sebastião<sup>15</sup>. Na localidade de Vila do Arapixi, no município de Chaves, onde

---

foi (é) Carlos Alberto da Silva Leão, político nativo, sócio fundador da Irmandade dos Cavaleiros do Glorioso São Sebastião e atualmente responsável pela Secretaria de Esporte e Lazer do Estado do Pará.

<sup>15</sup> Um fato observado na relação entre o bispo e os membros da irmandade é que estes últimos somente formaram o grupo quando houve concordância com o bispo, assim, em princípio a Irmandade não fará oposição radical às idéias da Igreja com relação à festa. Essa não deixa de



também existe a figura dos foliões, também é utilizado um caderno para o registro das “ordens” e localidades pelas quais o grupo de foliões passou. Na Ilha do Pará, em Afuá, não se obteve informação sobre esta questão.

O discurso de que a esmolação é importante instrumento de evangelização vem a reboque da fala de que as pessoas estão deixando a “igreja” para “virarem crentes”. Dessa forma, segundo a Igreja, incentivar a esmolação significa criar alguns mecanismos de defesa contra os evangélicos. Um fato muito evidenciado pelos moradores locais é a mudança de itinerários da esmolação nos anos mais recentes tendo em vista que algumas fazendas próximas não são mais visitadas porque as pessoas que tomam conta das mesmas “viraram crentes”, ou ainda, o fato da Comissão enfrentar problemas com a aquisição dos instrumentos de trabalho, pois o único morador da cidade de Cachoeira do Arari que domina o ofício da fazer violas, instrumento de corda fundamental na execução das folias e ladainhas, deixou de fazer o instrumento porque “virou crente”.

Por outro lado, o próprio imaginário em torno do ofício de folião e de sua sacralidade impõe castigos aos que rejeitam as comissões, seja através de malefícios como doenças, perda do gado, incêndios ou desastres naturais como trovoadas e alagamentos. Tais castigos, depois de infligidos passaram a influenciar positivamente os ex-católicos a receberem as comissões. Os relatos dessa natureza foram ouvidos principalmente em Cachoeira do Arari e Vila do Arapixi e podem representar uma estratégia social de controle do sistema religioso bem como uma estratégia de preservação do ofício dos foliões e tudo o que o cerca.

A eliminação de importantes pontos de esmolação, a exemplo das fazendas, se torna importante, do ponto de vista prático, porque se menos fazendas são visitadas, menor a arrecadação, o que poderia comprometer o orçamento da festa. A arrecadação do santo durante as folias é muito importante, pois é com parte dela que são financiados os festejos de Santo e de Nossa Senhora da Conceição no mês de dezembro.

---

ser uma estratégia política de Carlos Alberto Leão, um dos “mentores” da Irmandade, no sentido de não contrair inimizade com o bispo.

## 5 - Bens culturais das Festividades

Uma das características fundamentais da religiosidade amazônica e particularmente a marajoara é o aspecto festivo em torno da devoção aos santos e santas do catolicismo popular. Geralmente a devoção ao santo envolve uma série de atividades que, num ciclo que se repete todos os anos, pouco se diferencia dos festejos de um santo ou santa para outro. Em seguida, descrição sucinta de algumas dessas atividades presentes nas festas de santo do Marajó, organizadas de acordo com as categorias do INRC, quais sejam: Celebrações, formas de expressão, ofícios e modos de fazer, lugares.

### 5.1 Celebrações

Cortejos de mastros rezas, procissões, missas, bingos, leilões e arraiais.

#### Os Mastros

Um dos ícones de identidade das festividades de santo no Marajó é o mastro. No entanto, ele não está relacionado apenas à devoção a São Sebastião ou a devoções a outros santos masculinos. Durante a pesquisa foi verificada a presença de mastro também nas festividades de santas, a exemplo de Nossa Senhora da Conceição, na Ilha do Pará, em Afuá, e Santa Maria em Bagre. Os mastros são confeccionados a partir de troncos de madeira cuja metragem e diâmetro variam. São previamente cortados, pintados com as cores do santo, e enfeitados com a bandeira deste e, em alguns casos, são ornados também com frutas e flores. O ciclo que envolve o ritual em torno do mastro vai desde a sua retirada na mata, decoração, cortejo, levantação, e derrubamento ao final da festividade.

A partir dos relatos e das observações durante as pesquisas de campo foi possível perceber que o mastro está sempre relacionado à fartura, fertilidade da terra. É um elemento fundamental na estrutura que envolve os cargos da festividade, sendo o juiz de mastro uma das personagens mais importantes do sistema organizacional das festas. Os mastros delimitam, também, os espaços sociais como o da mulher, dos homens e das crianças. No entanto, nem sempre

os três mastros são levantados, a maioria dos casos apresenta o levantamento de dois mastros apenas – das mulheres e dos homens. Em algumas festividades, como a de Passagem Grande em Salvaterra, os mastros dos homens são levantados apenas em homenagens a santos e os mastros das mulheres, levantados apenas em festas em homenagem a santas.



Figura 11-.Mastro de São Sebastião pronto pra ser “hasteado” na cidade de Portel.

O juiz de mastro representa um cargo importante na estrutura da festividade. Ele é responsável por um elemento símbolo da festividade e que deve aparecer imponente e bem acompanhado por música, comidas e bebidas, ser erguido em local expressivo em frente à igreja, em uma praça importante da cidade, decorado com cores vibrantes e sendo um tronco bem forte, pesado e alto. Mesmo nas pequenas comunidades ribeirinhas o mastro está presente, salvo

raras exceções onde não existe terra disponível (trata-se de beira de rio, em que as casas são palafitas fincadas no rio), como o caso da Festividade de São Sebastião da Borracha em Currálinho onde o espaço de realização da festividade é na beira do rio.

Entre as bebidas mais típicas que acompanham o trajeto do mastro estão o leite de onça (preparado em Cachoeira do Arari), a Tiborna e o Macaco<sup>16</sup> (Passagem Grande/Salvaterra). Tais bebidas fazem parte do contexto da festividade tanto quanto da vida cotidiana das comunidades

Ana Luiza: vocês fazem só durante o ano todo ou só pra festividade?

Seu Djalma: a hora que quiserem. O pessoal gosta muito de tiborna. Eu queria que vocês vissem na hora do mastro aqui... o que tinha de gente.

Ana Luiza: as pessoas compram garrafão pra levar ou só a dose?

Dona Rosa: não, a gente dá. A gente só vende pro dono do mastro. Ele levou 50 litros. A gente cobra R\$1,00 o litro.

Ana Luiza: Antes da década de 90 vocês já faziam tiborna?

Seu Djalma: acho que antes, né, porque desde quando eu me entendo já tinha a "fazeção" de tiborna.

[ . . . ]

Verena: o resultado de todo esse trabalho então é o tucupi, a farinha de mandioca, a tapioca, a tiborna e a farinha da tapioca da goma.

Dona Rosa e Seu Djalma: isso mesmo.

Ana Luiza: e o público? Quem compra? Só as pessoas da comunidade ou tem gente de fora?

Seu Djalma: O pessoal dos mastros, nós usamos como energético no trabalho, a gente às vezes manda pra Belém também... é uma renda que entra, né... eu não tenho emprego, vivo da minha roça... Seu Djalma, Passagem Grande/Salvaterra, data / Verena).

---

<sup>16</sup> Bebidas feitas a partir da fermentação da mandioca, utilizadas durante o cortejo do mastro.



Figura 12 - Consumo do leite de onça no contexto da festa em Cachoeira do Arari.

A levantação e derrubada do mastro simboliza um ciclo vital de coroação da fartura e alcance de graças. Um ciclo simbólico de plantio ou sementeira e colheita. A derrubada, especialmente, representa o momento da fartura partilhado coletivamente, com músicas vibrantes e grande contingente populacional. De fato o ritual que circunda o mastro é um dos momentos mais congregadores de todo complexo que envolve a festa de santo. Há sempre, em graus diferentes, muita festa e ajuntamento de pessoas que mesmo não participando das funções de corte, enfeitamento, hasteamento ou derrubada participam de todo o ritual como expectadores, ou espécies de “testemunhas” do muito ou pouco esmero do juiz de mastro do da festa do respectivo ano. O levantamento do mastro representa sempre o início da festividade e sua derrubada, o final. Este ciclo envolve tanto a dinâmica interna da festividade quanto pode ser considerado uma metáfora do ciclo de promessa e alcance das graças, sementeira e frutificação, escassez e fartura. Tal imagem é traduzida pela fala do Padre Raimundo Aguiar, da Paróquia de São Sebastião da Boa Vista:

Padre - Então nos vamos ter muita festa no mês de dezembro, dia 08 N.S. Conceição, 13 de dezembro, Santa Luzia, nos vamos ter no dia 21, nos vamos ter no dia 25, o natal. Temos muitas festas nesse período porque para o povo daquela época a festa era um agradecimento de tudo aquilo que você tinha produzido. Chegava o começo do ano as pessoas faziam promessas, se o produto deles, no caso a lavoura, o

peçoal que trabalhava com a borracha, o peçoal que trabalhava com a madeira. Se o produto deles desse resultado chegasse o final do ano eles iam festejar. Todo mundo fazia promessa. Não tinha a questão que nos temos hoje, apesar da precariedade, na questão de hospital. Não tinha. Então todo mundo se valia demais da questão do benzedor, então por isso o santo e as imagens eram muito buscadas nos temos uma festa muito popular lá em Gurupá, que fazia milagre essa coisa toda. Então tem isto. Então a festa era um agradecimento a Deus daquilo que eu tinha conseguido. Então eu pedia a ele no começo do ano através das imagens, através do santo e eles me deram isto aqui, então agora eu vou festejar. Ele tinha um mastro, ele tinha uma bandeira. a pessoa pegava a bandeira e no outro ano então ele era festeiro. Era ele que ia fazer tudo. Então precisava ser pessoas que trabalhassem que tivesse recurso porque não tinha... a bebida ate onde eu me entendi também não tinha, e não tinha também cobrança na porta. Era tudo doado. Então isto era a festividade. A festividade aqui ela começou assim, tem aqui as famílias. Hoje ainda nós temos a primeira imagem que começou, dessas duas famílias que moravam um pouco mais lá embaixo e depois vieram pra cá. Entra o nome delas aqui. Vocês vão levar um programa desses que vai ajudar. Então eles vieram pra cá e como tinham a imagem, eles começaram esse festejo.

O acontecimento do mastro é sempre animado ao som de grupos musicais, dos quais as bandas de música são o ponto forte. Na Festividade do Glorioso São Sebastião, em Cachoeira do Arari, bandas eram contratadas de Colares, do Corpo de Bombeiros de Belém do Pará, de Ponta de Pedras e de outros interiores próximos, atualmente a localidade já conta com sua própria banda – a Banda de Música João Vianna. Em Salvaterra, a Banda de Música 1º de Maio é a que se destaca na atuação nas festividades religiosas, especificamente nas de São Sebastião, tal como é possível observar no relato de Rosinei Santana, regente da Banda de Música 1º de Maio de Jubim-Salaterra:

Ana Luiza: Quais as origens da atividade?

Nei:Essa banda tem mais de 200 anos e é a mais antiga do Pará. Chamava-se Banda Santa Cecília, depois de chamou Banda 1º de maio ou Banda de Jubim.

Ana Luiza: Quais são as principais etapas e participantes da atividade?

Nei:A banda toca no momento em que o mastro de São Sebastião é enterrado e toca acompanhando a procissão desse santo.

Ana Luiza: Quais são os recursos financeiros, capital e instalações utilizados?

Nei: Há a figura do festeiro que organiza a festividade visando lucro e a do juiz do mastro ou da bandeira que financia a festa

Ana Luiza: Quais são as matérias primas e ferramentas de trabalho utilizadas?

Nei: Os instrumentos musicais de banda, doados pela Fundação Carlos Gomes.

Durante o percurso do mastro as bandas de música costumam tocar marchinhas de carnaval ou outras músicas animadas, nos momentos mais solenes, como a esmolação, as bandas costumam tocar o Hino de São Sebastião e dobrados para homenagear o santo. Segundo o relato de Rosinei Santana, as bandas de música passaram a ter concorrência com as aparelhagens de som a partir de 1990.



Figura 13 - Banda de músicos de Cachoeira do Arari em três momentos da festa: em frente à Matriz, no interior da igreja e animando a festa do Arraial.



Figura 14 - As aparelhagens complementam a festa do santo nas sedes sociais e bares da cidade. Cachoeira do Arari.

### *As Rezas.*

São celebrações de caráter formal ou informal, isto é, ligadas a Igreja Católica ou não que fazem parte do ciclo de atividades que compõe o “tempo de festa” do santo ou santa. Geralmente as rezas são realizadas por leigos que participando de movimentos ligados à Igreja adquirem algum conhecimento da liturgia e passam a “gerenciar” essa atividade organizando seu calendário e ficando a frente da organização das mesmas. No geral essas atividades constam de encontros realizados nas casas de leigos para leitura de partes da evangelho, reflexão acerca de alguma história relacionada a vida do santo ou santa, cânticos, e feitura da reza em si que envolve geralmente terços e salve rainha. As rezas geralmente antecedem as festas, sendo uma espécie de preparação para as mesmas ou ainda, caso o santo não tenha muita expressão, pode constituir a própria “festa”.



## *As Procissões*

As procissões são cortejos realizados em homenagem aos santos celebrados. Envolve deslocamentos de um lugar para outro onde as pessoas cantam e pagam suas promessas, tudo acompanhando a imagem do santo ou santo em andor ou mesmo no colo de algum leigo ou leiga. Dependendo da festa as procissões podem iniciar o tempo da festa ou ainda finalizá-lo, ou ainda, uma mesma festa pode contar com várias procissões que se dão de início, durante a festa e no encerramento. Essa estrutura geralmente está presente nas festas de santo de maior envergadura que envolvem vários dias no festejo, as festas menos expressivas geralmente são compostas de procissões de encerramento.



Figura 15 - Procissão de Encerramento em Cachoeira do Arari

### *As Missas*

As missas são aquelas manifestações que do ponto de vista da igreja dão um caráter de formalidade aos festejos de santos e santas. Só podem ser realizadas em comunidades onde há padre.

### *Bingos e leilões*

São atividades envoltas no contexto da festa de santo as quais reforçam o caráter de sociabilidade das mesmas. Estão presentes tanto nas festas de maior expressão como naquelas mais simples. Em geral os bingos e leilões acontecem nos barracões dos santos ou santas e são realizados com objetos doados por devotos em pagamento de promessas. Animais de cria como porco, galinha e bezerros assim como bolos e frutas compõem os objetos ofertados em leilão ou sorteados em bingos.

### *Arraiais*

O arraial é o ponto de encontro certo no contexto das festas de Santo. Nas festas menores, o arraial se apresenta como poucas barracas. Proporcionalmente, naquelas de maior expressão, há um maior número de barracas e gêneros para a venda, pois depende do deslocamento de vendedores ambulantes de outras cidades ou estados para compor um dos quadros importantes dos arraiais que é o comércio de gêneros de vários tipos, como roupas, objetos importados e bijuterias, além das tradicionais barracas de comidas e bebidas, algumas vezes com pratos e bebidas típicas da festa em questão.



Figura 16 - Aspectos do Arraial de São Sebastião na Cidade de Cachoeira do Arari

## 5.2 - Formas de expressão

5.2.1. Repertórios musicais; lutas; histórias e milagres; grupos artísticos; instrumentos rituais

### *Repertórios musicais*

As festas de santo no Marajó, assim como na Amazônia, apresentam repertórios musicais relacionados com os rituais da festividade. Tais repertórios constituem herança da catequese católica, especialmente jesuíta, implementada ao longo da colonização da região. As músicas estão divididas em três grandes categorias: 1. rezas; 2. itinerário do santo; 3. traslado do mastro. Na primeira categoria – as rezas – observou-se a proeminência do repertório de ladainhas, de

extrema sacralidade e simbolismo no imaginário marajoara. Na segunda categoria – o itinerário do santo – observou-se a presença de um repertório musical específico e em situação de vulnerabilidade – as folias. As folias foram identificadas especialmente nas festividades em Cachoeira do Arari, em Chaves, na Vila do Arapixi e em Afuá, na Ilha do Pará. Nas demais localidades, as folias já fizeram parte das festividades e estão apenas na memória dos antigos, pois não houve a transmissão do conhecimento musical. Caracterizam-se por estarem associadas à prática da esmolação do santo, executadas por um grupo de músicos denominados foliões, e, como repertório musical, por apresentarem forma específica, diferenciações rítmicas e estilos de tocar. O grupo musical é formado por violas, violões, triângulos, tambores e, em alguns casos, reco-reco. A terceira categoria de repertórios musicais – o traslado do mastro – está representada pela atuação de grupos musicais formados por instrumentos de sopro, como bandas de música ou pequenos grupos com dois ou três instrumentos de sopro, em alguns lugares chamados regionais. Tais Grupos animam o cortejo dos mastros tocando músicas alegres como marchinhas de carnaval, sambas e outros gêneros musicais animados. Muitas vezes são contratados pela diretoria da festa, outras vezes são bandas da própria localidade.

### *Luta Marajoara*

Inseridas no contexto geral da animação do traslado do mastro, a luta marajoara foi identificada principalmente na região dos campos e com maior representatividade na Festividade do Glorioso São Sebastião. Acontece no corpo a corpo e tem como objetivo derrubar o adversário de costas na lama. Para alcançar tais objetivos os marajoaras dispõem de repertório significativo de lances e golpes.



Figura 17 - Três momentos da Luta Marajoara: luta entre crianças, espectadores se posicionando para assistir a luta e a luta entre homens adultos. Cachoeira do Arari.

### *Histórias e Milagres*

O imaginário marajoara incorpora o cotidiano na dimensão do sobrenatural, tendo em vista as atuações da “corte do céu” e dos demais habitantes desta dimensão, a exemplo dos encantados e *caruanas*. As histórias e milagres são relatos e testemunhas da vivência da população entre essas dimensões e da interligação entre meio ambiente, fé, cotidiano e realidade..

## *Bandas de Música*

As Bandas de Música fazem parte das festividades marajoaras, sejam elas cívicas ou religiosas e, especialmente, podem ser vistas como um dos principais locais de ensino de música formal no Marajó, assim como em todo o interior do Pará. Bandas de música como a 1.ª de Maio (antiga Santa Cecília) do distrito de Jubim, em Salvaterra, que tem mais de 200 anos de existência e representa um espaço de aprendizado musical na região dos Campos, assim como a Banda Antônio Malato, em Ponta de Pedras, e a Banda João Vianna, em Cachoeira do Arari. Todas possuem apoio do Governo do Estado através da Fundação Carlos Gomes. As bandas de música participam dos festejos a São Sebastião alegrando o percurso do mastro e, em alguns casos, ajudando na esmolação, juntamente com os foliões, como é o caso de Cachoeira do Arari. Na primeira metade do século XX, segundo relatos de músicos antigos do Marajó, era comum os grupos de pau e corda, também chamados de “regionais” ou “bandas de jazz” que costumavam tocar em bailes e no arraial durante as festividades. Tais grupos faziam o papel assumido nos tempos de hoje pelas “aparelhagens” e tocavam gêneros musicais da época como boleros, marchinhas, fox-trote, mazurca e outros. Ainda é possível encontrar músicos daquela época como o seu Miguel Santos em São Sebastião da Boa Vista e o senhor João de Deus, em Breves.

## *Grupos folclóricos e Parafolclóricos*

Os Grupos folclóricos diferem-se dos Parafolclóricos pela autenticidade em relação à tradição musical local, segundo categorias dos próprios músicos. Os Grupos Folclóricos são constituídos por músicos tradicionais, de comunidades tradicionais (remanescentes de quilombolas, por exemplo) que executam os gêneros musicais tradicionais de sua comunidade, como o lundu, carimbó, chula e outros. Os Grupos Parafolclóricos, por sua vez, são constituídos por músicos não necessariamente oriundos de comunidades tradicionais e que realizam releituras dos gêneros musicais tradicionais marajoaras, estilizando-os. Tais grupos apresentam-se inseridos principalmente no mercado turístico da região do Marajó,

mas fazem parte do palco das festividades com apresentações durante os arraiais.

### *Corais e bandas de igreja*

Praticamente todas as paróquias pesquisadas contam com pequenos grupos musicais responsáveis pela animação da igreja. No entanto, os municípios de Breves e São Sebastião da Boa Vista apresentaram um cenário particularmente interessante, com um movimento mais denso desses grupos.

A paróquia de São Sebastião da Boa Vista conta com um conjunto de três grupos musicais estáveis, oficialmente não ligados à Igreja, mas participante e atuante nas festividades, são eles: Celebração, Oásis e Intercessão. Os grupos unem-se e participam da festividade de São Sebastião da Boa Vista e promovendo um circuito musical pela cidade, envolvendo, inclusive, grupos musicais evangélicos chamados “Gospel”.

A paróquia de Breves, por sua vez, conta com cerca de nove corais de música além dos grupos musicais instrumentais denominados ministérios de música. Outro grupo interessante em Breves é a Liga Católica, composta por senhores idosos e respeitáveis que são responsáveis pela reza da ladainha durante as festividades de todos os santos, e por louvores que podem ser realizados nas casas de fiéis em qualquer período do ano.

#### **5.2.1. Instrumentos rituais utilizados na festividade**

##### *Fitas*

Os altares a São Sebastião geralmente são ornamentados com muitas fitas coloridas de cetim, flores naturais ou artificiais de todas as cores e mantos vermelhos e brancos. As fitas tem função especial ao longo da festividade, pois os fiéis costumam pegá-las, beijá-las, amarrando nelas seus pedidos. Ou deixam esmolas para o santo e, antes de tocar a imagem, tocam as fitas. Em dado momento, após a reza da ladainha, os foliões se arrumam em duas fileiras frente

ao altar e os fiéis se dirigem ao local ajoelhando-se e beijando as fitas do santo. Possivelmente o uso das fitas coloridas e as práticas vinculadas a elas fazem parte do modelo de devoção implementado pelos jesuítas, pois foi observado em outros contextos, como a Marujada em Bragança (Moraes et al, 2007) e em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas (BARROS, 2003; 2006).

### *Altars*

Os altares a São Sebastião normalmente são nas cores vermelha, branca e verde, ornados com flores e folhagens naturais nessas cores. Os altares tanto estão presentes na igreja onde ocorre a festividade quanto podem ser arrumados dentro das casas dos devotos durante a esmolação, quando o santo visita as casas, ou mesmo de forma permanente por aqueles que já possuem uma imagem. Durante a procissão do santo também é possível observar pequenos altares improvisados em frente às casas para homenagear a passagem do santo. Os altares decorados representam a própria presença da imagem do santo nas residências quanto a honra de recebê-lo em casa durante as esmolações.



Figura 18 - Altar doméstico com várias imagens de santo. São Sebastião da Boa Vista.



### *Imagem do santo*

É muito particular a relação dos leigos devotos do catolicismo popular com as imagens de santo. Tal relação é constituída de muito respeito e zelo, às vezes até de medo, mas também de muita informalidade como se o santo fosse um parceiro da terra e não algo que representa o sobrenatural. Histórias de relações informais entre devotos e santo são recorrentes na literatura sobre o tema, assim como também aquelas que reforçam a imagem do santo como um elemento essencial no trabalho religioso católico. Quando não há a imagem de um santo a comunidade acha sempre uma forma de “arranjar” uma. Essa tradição remonta longa data na região, Vieira (1980) ao fazer um estudo acerca da chegada dos primeiros missionários protestantes na Amazônia, particularmente no Pará, no final do século XIX encontra no diário de um desses viajantes a anotação de que populações ribeirinhas do interior da Amazônia teriam comprado grande quantidade dos reis e valetes das cartas de baralho como imagens de santo. Por ocasião do Levantamento Preliminar do Inventário Nacional de Referencias Culturais foram encontradas várias histórias que comprovam a importância da imagem do santo nos festejos religiosos. No Município de Chaves, por exemplo, uma raiz de madeira com formato de uma santa, foi denominada como Nossa Senhora da Mexiana e é cultuada por uma pequena comunidade. Quando da ausência de imagem, fotos e panfletos são usados.

### *Bandeiras*

As bandeiras também constituem uma herança do modelo de festas de santo implementado pelos jesuítas (NUNES PEREIRA, 1989) e seu uso é comum em toda a Amazônia (BARROS, 2003, 2006). As bandeiras em homenagem a São Sebastião costumam ser brancas com a imagem do santo ao centro. São confeccionadas por artesãos locais ou, em casos de localidades muito distantes dos centros urbanos ou ribeirinhas, mandadas fazer na cidade mais próxima. As bandeiras são usadas pelos foliões, sendo uma das funções destes a de bandeireiro. Segundo relatos, antigamente, quando as comissões se encontravam nos campos ou nos rios, os bandeireiros cruzavam as bandeiras e trocavam instrumentos musicais, num ritual de deferência, cantando as folias correspondentes a cada santo. Os Juizes de Mastro ou Festeiros também são

responsáveis por mandar fazer a bandeira do santo e o custo para tal já entra no orçamento de quem exerce esta função. A cada ano os festeiros mandam fazer nova bandeira para o santo.



Figura 19 - Bandeiras e devotos em Homenagem a São Sebastião em Cachoeira do Arari.

### 5. 3. Ofícios e Modos de fazer

5.3.1. Rezadores de ladainha, cargos e funções nas festividades; culinárias; artesãos e luthiers.

#### *Rezadores*

O ofício do rezador é o que mais se destaca em termos de importância simbólica para as festividades, pois acumula a função do responsável pelas rezas e de detentor do conhecimento do repertório de ladainhas. Uma descrição mais pormenorizada será feita nos itens referentes à ladainha.



Figura 20 - Integrantes as Comissão de São Sebastião. Cachoeira do Arari.

### *Cargos e funções nas festividades*

A organização das festividades no Marajó muitas vezes se deve a organizações denominadas de diretoria, comissão ou, simplesmente está, ligada a uma família e ao seu encargo. Em todos os casos, sempre já uma hierarquia ou divisão de funções. Em geral essas funções estão ligadas com os momentos rituais da festividade, tais como a “levantação” do mastro. De modo geral os cargos constam de festeiro, juiz de mastro, folião, bandeireiro, tamborineiro e rezadores, no entanto o aparecimento dessas funções varia de um local para o outro e foi observado em Afuá (Ilha do Pará), Cachoeira do Arari, Chaves (Vila do Arapixi), Anajás (Comunidade das Pedras), Currálinho (Festividade de São Sebastião da Borracha).

### *Artesãos e luthiers*

São os responsáveis pela confecção de elementos rituais da festividade, tais como as bandeiras, os instrumentos musicais, mastros e outros. As bandeiras, em algumas situações, são confeccionadas em localidades mais distantes ou mais urbanizadas (na Comunidade das Pedras, no Anajás, a bandeira é mandada confeccionar em Macapá). Os mestres que confeccionam instrumentos musicais são mais raros, em Cachoeira do Arari o único conhecedor da técnica de confecção da viola tradicional mudou de religião, além de estar com idade avançada. Em Afuá, na Ilha do Pará, foi identificado um construtor de instrumentos musicais (viola e tambor) conhecido por Sabá Santana e que está repassando o conhecimento para seu filho.

## **5.4 - Lugares e Edificações: igrejas, capelas, residências, itinerários**

### *Igrejas*

Nas cidades marajoaras a configuração espacial urbana que se desenvolve a partir de uma igreja e uma praça em torno da qual se distribuem os principais prédios da administração pública, sobretudo a municipal, é muito característico. Além de constituírem sinais do longo processo de ocupação católica na região as igrejas são importantes lócus de sociabilidade. Em especial

por ocasião das festas de santo as igrejas ganham vida e se tornam importantes ponto de convergência para os moradores locais. É para a igreja matriz que as procissões convergem assim como são estas que guardam durante o ano todo as imagens dos santos de devoção que são celebrados pelas comunidades.



Figura 21 -Igreja de Nossa Senhora da Conceição, local onde acontecem os festejos de São Sebastião em Cachoeira do Arari.

### *Capelas.*

Pequenas construções que servem para atender os serviços religiosos de comunidades menores que se situam longe da sede municipal e por isso tem dificuldade de frequentar a igreja Matriz. Também podem ser construídas para homenagear um santo diferente daquele que dá nome á Matriz. Para a população local as capelas são importantes locais de referencias para serviços

como reuniões comunitárias e às vezes funcionam como escolas para crianças do fundamental básico.



Figura .22 -Capela dos Vaqueiros em Cachoeira do Arari de onde tem inicio a procissão dos Vaqueiros e, em Portel capela do santo no bairro do Muruci.

### *Residências.*

As moradas dos leigos também são locais importantes de celebração para os santos e santas do catolicismo popular. Sobretudo por ocasião das festas de santo os lares que, durante o ano todo, reservam um lugar especial para o altar do santo em seu interior ganham especial atenção com reformas que podem envolver desde uma simples pintura até uma reforma ou ampliação mais elaborada. Quando das festas de santo são enfeitadas com balões e fitas das cores do santo ou santa homenageado, constituindo espaços sagrados onde são realizadas as rezas e ladainhas que antecedem os festejos religiosos.

### *Itinerários*

São percursos das procissões, mantendo-se de ano para ano, salvo motivos de força maior, podendo dizer, grosso modo, que constituem espécies de locais sagrados por quando dos trajetos das procissões. Em algumas cidades da Ilha esses trajetos são marcados por arcos com fotos e dizeres do santo, balões, fitas e bandeirinhas nas cores santas.



Figura 23 -Residências enfeitadas com balões, bandeiras e fitas com as cores do santo em Cachoeira do Arari.

## **6- O repertório de ladainhas nas Festividades de São Sebastião na Ilha do Marajó**

O repertório de ladainhas é uma herança do processo catequético católico na Amazônia. Estudos revelam que a prática musical entre as missões religiosas era comum na Amazônia e especialmente no Marajó (Salles, 1962; Barros, 2006). Foi parte integrante da liturgia católica proferida em latim até a década de 60 do século XX, quando o Concílio Vaticano II instituiu o ofício litúrgico em língua vernácula.

Esse repertório foi praticado nas Escolas Normais no Marajó durante a primeira metade do século XX e usado nas comunidades dos interiores e até mesmo das sedes dos municípios como forma de congregação religiosa aos domingos.

A partir da criação da Diocese de Ponta de Pedras e da instituição das Comunidades Eclesiais de Base, em meados da década de 1960 e início da década de 1970, as ladainhas perderam espaço para os cultos dominicais, alterando o seu contexto normal para um plano mais simbólico.

### **6.1. Contextos em que se reza a ladainha**

Nas viagens aos municípios que integram a Ilha do Marajó foi observado que em todos existe o ofício do rezador, de extrema importância no sistema religioso da região. O rezador é o agente cultural que possui o domínio do repertório das ladainhas. Esse repertório, conforme constatado pela investigação transita entre as diversas festividades, incluindo as de São Sebastião, e em vários contextos, envolvendo o familiar e o institucional paroquial.

O repertório de ladainha é constituído por cantos em latim e português ou apenas em português, normalmente é uma coletânea de 6 a 10 músicas. Possui estrutura coro-solista, ou seja, existe a figura do capitulador (o rezador ou rezadores) e o respondedor (a assistência local ou um grupo de mulheres que tem esta função). Em algumas localidades, como em Currálinho e Cachoeira do Arari, foi observada polifonia a três vozes, em Breves, foi observada polifonia a duas vozes. Outra variante é o uso do sistema tonal e modal, geralmente o



primeiro inclui as músicas cantadas em português e o segundo, as músicas cantadas em latim. Em função da extrema ligação com o texto, as músicas apresentam referência rítmica prosódica, o que inclui, também, o uso do reto-ono em momentos de recitativos do capitulador.

Em algumas localidades, como Vila Ceará e Pingo d'Água em Salvaterra, Marinheiro do Anajás, em Anajás, e em São Sebastião da Boa Vista, a ladainha é cantada em português:

Ana Luiza: Há músicas e orações próprias desta celebração?

D. Raimunda: Durante a procissão é cantado o Hino de São Sebastião com a banda, ladainhas em português, orações e cânticos.

Nessas localidades os relatos orais indicam que as ladainhas em latim eram comuns até meados da década de 60, quando foi determinado pelo Concílio Vaticano II que os serviços religiosos fossem realizados em língua vernácula.

A estrutura coro-solista recebe diversas denominações pelos rezadores – capitulador/respondedor; rezador/pegadeiras. Existem nomenclaturas para as divisões das vozes, quando é o caso, tal como se verifica na fala do rezador seu Jorge, de Currálinho:

Líliam - e são mais ou menos quantas músicas?

Seu Jorge - umas 4 ou 5.

Líliam -tem algum instrumento musical que acompanhe essas musicas

Seu Jorge -não, é só na voz.

Líliam - e todo mundo canta

Seu Jorge - todos que estão presentes. Tem o rezador, tem os que acompanham, os que capitulam. Tem ate quatro na frente e as "pegadeiras" atrás. Por exemplo, eu, ele, ele na frente, a senhora, a senhora responde.

Líliam - quem fica na frente são os rezadores e quem fica atrás são os respondedores.

Verena- a dona Apolônia é rezadora como o senhor

Seu Jorge - Como eu. Tem eu, tem ela, tem da minha família, meus irmãos e mais um colega meu.

As ladainhas podem ser cantadas a uma voz ou a várias vozes. Em Breves, Cachoeira do Arari, Afuá e Currálinho foram identificadas ladainhas a várias vozes, tal como relata um rezador de Breves, seu Dico Santos:

Líliam: E quem é o mais antigo, que já conhecia a ladainha?

Seu Dico: É um colega meu. A ladainha é rezada por cinco pessoas.

Líliam: São cinco vozes. E cada voz tem um nome? Quais são esses nomes?

Seu Dico: Isso. O baixo, o contra-baixo, o tenor, o contra-alto.

Líliam: Tem quantos tipos de ladainha?

Seu Dico: Da antiguidade só uma. Houve um ano que os padres quiseram acabar com a ladainha, mas é cultura e não pode acabar.

Líliam: Há jovens aprendendo?

Seu Dico: Sim.

Líliam: Então é uma coisa que não vai acabar.

Seu Dico: Não, não vai acabar.

Líliam: É muito importante pro povo daqui a ladainha?

Seu Dico: É. O pessoal antigo não faz mais e a primeira vez que nós fomos rezar eles choraram na igreja lembrando dos pais e parentes que rezavam.

Líliam: É da cultura do povo deles. Atualmente a igreja permite que seja cantada no meio da festividade?

Seu Dico: Sim.

Seu Cipriano, rezador de Afuá, explicou que a ladainha deve ser rezada a três vozes, constituídas da seguinte maneira: primeira voz, segunda voz e terceira voz, chamada de contra-alto. Quando não estão presentes todas as vozes, pode ocorrer a reza a apenas uma voz, sendo necessária, então, a presença de alguém para responder, geralmente uma mulher.

Em várias localidades foram identificado dois tipos de ladainha – a cantada e a rezada. Os relatos de rezadores de Breves (seu Janjão), de São Sebastião da Boa Vista (seu Miguel Santos), de Anajás (dona Palmira), de Cachoeira do Arari (dona Odila – esposa de seu Bebé) demonstram que a ladainha cantada é em latim e possui o ritmo prosódico enquanto a ladainha rezada é feita em português e nem sempre possui conteúdo melódico, sendo, em muitos casos, apenas falada. O relato de dona Palmira, transcrito abaixo, revela essa divisão, e fala sobre como eram as festas de santo antigamente, incluindo a prática da esmolação em botes, típicos da região dos furos a que pertence o município de Anajás:

Líliam: antigamente, quando tinha a ladainha, ela era junto com uma festa de santo?

Dona Palmira: isso.

Líliam: e como era essa festa de santo? Era igual hoje em dia?

Dona Palmira: era diferente, mas eu não lembro, só sei o que as pessoas contam. Meu pai conta que o dono do santo saía num bote, levava o santo, tocando...

Verena: ...fazendo esmolação...

Dona Palmira: é, esmolação. Eu não cheguei a ver. Isso não existe mais. Só o que continuou foi a ladainha.

Líliam: e ela mudou o som, as palavras?

Dona Palmira: mudou o som. Porque tinha gente que rezava assim mais cantada. A ladainha tem que ser cantada. Se ela for meio falada, ela não é cantada.

Líliam: são quantos tipos de ladainha?

Dona Palmira: são dois. A ladainha rezada e a ladainha cantada.

Líliam: é a mesma letra.

Dona Palmira: não, não é a mesma letra. A ladainha cantada é em latim e a rezada é em português.

A estrutura das ladainhas geralmente seguem a seguinte ordem: Introdução – Pai Nosso – Ave Maria – Glória – Kyrie – Oferecimento – Salve Rainha – Despedida. No entanto, foram identificadas algumas variações dependendo da localidade. Em Cachoeira do Arari, por exemplo, a estrutura da ladainha é composta por apenas seis cânticos, enquanto que em Anajás, a estrutura relatada por dona Palmira segue o modelo por ela citado. Em Afuá, o rezador seu Cipriano informou que a estrutura da ladainha muda conforme o motivo pelo qual se reza e pelo sexo do santo, variáveis que implicam em omissão de alguns elementos e introdução de outros. No caso de ser ladainha para santa, reza-se a “Salve Rainha”, no caso de ser ladainha para santo, retira-se este trecho, segundo explicou seu Cipriano, rezador de Afuá. Na ladainha de Afuá a estrutura é a seguinte<sup>1</sup>:

Liliam – Deixa eu entender: Começa com “agnus deus”; “oci tolis pecatus minis, miserere nobis”; aí depois vem “subitão presente”; aí vem a “Salve Rainha”; depois vem o “oferecimento”; depois vem “meus pecados perdoados”.

Cipriano – Outra coisa que eu quero explicar pra vocês: aqui tem ladainha pra rezar pra santos, pra rezar sexta-feira santa, e tem pra rezar no cemitério. Se eu for rezar uma ladainha no cemitério e vou usar quase

todo aquele livro. Se eu for rezar na sexta-feira santa, eu vou usar quase todas essas coisas aqui.

Líliam – isso é o “sacrários”.

Cipriano – Sim. Eu podia gravar pra vocês essas ladainhas. Eu to invocado quando eu vou rezar, porque quando eu chego na casa, eu to preparado pra rezar. Eu me preparo, faço minha oração, não como antes de rezar, tudo isso. Me preparo espiritualmente, desde a véspera. Se eu vou rezar amanhã uma ladainha, desde hoje começo a me preparar. Eu acho que tudo tem que ser assim, essa parte espiritual. (Entrevista)

Os cânticos também podem ser cantados em português ou latim, variando caso a caso em cada localidade, mas, geralmente, o Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha e Oferecimento, são em português, sendo em latim a introdução, Glória e Kyrie (que compreende, também, o Agnus Dei). Abaixo, dona Palmira, rezadora de Anajás, revela um pouco da estrutura da ladainha que ela canta:

Líliam: ela começa tipo com uma introdução, né?

Dona Palmira: é. Depois tem Pai Nosso, Ave Maria, em português, Glória ao pai, em latim, Kyrie, Oferecimento, Salve Rainha, mais um Oferecimento que é o final.

Líliam: em que momento aparece o nome do santo?

Dona Palmira: tem dois momentos, um no começo (Dona Palmira ilustra cantando) e um no final, quando a gente vai oferecer (Dona Palmira ilustra cantando).

Verena: ela tem trechos em latim, é? Porque essa é a cantada.

Dona Palmira: é, umas partes (Dona Palmira ilustra cantando)

Líliam: e a rezada é só falada?

Dona Palmira: é, só falada.

Líliam: como ela começa, a rezada?

Dona Palmira: ela começa “Senhor, tende piedade de nós. Cristo, tende piedade de nós”... aí começa... “Santa Maria, rogai por nós. Santa Mãe de Deus, rogai por nós...”

Segundo seu Antenor, rezador de Muaná, existem ladainhas em português e latim naquele município. O rezador relata, ainda, os instrumentos que acompanham a procissão e que, inclusive, são confeccionados por ele mesmo:

Antenor Nunes: Há o Hino de São Sebastião que é tocado pela banda de Muaná e são rezadas ladainhas em português e em latim por nós, rezadores de ladainhas.

Ana Luíza: Há instrumentos musicais próprios desta atividade?

Antenor Nunes: Há instrumentos musicais de banda, como trompete, saxofone e outros para a peregrinação e animação da festividade.

[ . . . ]

Ana Luíza: Há músicas e orações próprias desta atividade? Quais?

Chico Bi: Há o hino de São Sebastião que é tocado pela banda de música e ladainhas em português, rezadas por nós, rezadores de ladainhas.

Ana Luíza: Há instrumentos musicais próprios desta atividade? Quais?

Chico Bi: Há instrumentos musicais variados, muitos deles confeccionados por mim como violino, cavaquinho, banjo, viola, violão, tambor e reco-reco, dentre outros.

Na Vila de Arapixi, em Chaves, a ladainha era cantada dentro da igreja por um câro de moças acompanhadas por um grupo instrumental com regente. Segundo relatos de dona Joana, moradora antiga da localidade, o grupo era composto por instrumentos de metais como trombone, saxofone, pistão, clarinete, tocados por músicos locais. Ela conta que o maestro e o padre ensinavam os cantos pela “escala”, provavelmente rudimentos de escrita musical de tradição européia ocidental. Essa “escala” era preparada pelo próprio maestro, a mão e entregue aos músicos. O câro de moças era preparado pelo próprio regente, no entanto, houve uma vez em que foi contratada uma moça muito instruída em ladainha em latim, de Chaves, segundo relato da entrevistada. A partir deste acontecimento, ocorrido provavelmente na primeira metade do século XX, passou-se a cantar ladainhas em latim na Vila de Arapixi, em Chaves. Comentando sobre a importância da ladainha, o pároco da Paróquia de Chaves, Padre Silvio, mencionou a provável ligação histórica deste repertório com a liturgia católica antes do Concílio Vaticano II:

Líliam – e músicas e orações próprias?

Pe Silvio – Eu percebo o seguinte, antes do Concílio Vaticano II sabe que tinha as missas em latim, então o povo ainda que não aprendessem o latim assimilavam algumas coisas ao ouvirem e as pessoas aprendiam. Antes tinham os devocionais, os livretos de devoção, tudo em latim, às vezes tinha parte em português, se você pega, por exemplo, um

“Adoremus” antigo, você vai perceber que tem parte em latim e ao lado em português traduzido. E o povo conservou essa parte em latim, e hoje realmente você pode perceber que as pessoas cantam a ladainha em latim, claro que não é um latim autêntico, é uma mistura. Inclusive o Bispo sugeriu que nós pudéssemos gravar e depois ver de que forma nós podemos trabalhar isso aí, por que realmente já são poucas as pessoas que cantam. Os novos não têm a preocupação em aprender para conservar.

Líliam – a gente tem observado que é um repertório musical em situação de vulnerabilidade que corre risco de se perder.

Pe Silvio – é uma preocupação do Bispo e uma preocupação minha porque, querendo ou não, é uma riqueza que, ainda que dentro de suas limitações, o povo conservou isso aí. Em algumas paróquias, no interior de Portel e Anajás, ainda se conserva as quatro vozes. Isso que nós gostaríamos de ver se a gente conserva. (Entrevista)

Em Afuá, frei Cleto também explica o envolvimento simbólico e devocional das ladainhas no interior e o seu desuso a partir do advento das Comunidades Eclesiais de Base:

F. Cleto – Aqui não. Não se canta mais a ladainha na Festa de S. Sebastião, mas provavelmente se cantava antigamente, porque até hoje se canta na festa da padroeira (N. Sra. Da Conceição), a vozes, muito bonita! Mas só as pessoas muito antigas ainda cantam. É preciso de muito tempo para formar uma turma de cantores de ladainhas nos dias de hoje, até porque os cantores de ladainha já são muito idosos, porque a ladainha sobretudo acontecia há muito tempo. A fé católica no interior, eu também estive pelos interiores conversando com as pessoas, se manteve através das ladainhas, e através da reza do terço, porque antigamente não existia comunidades no interior. As comunidades estão com trinta e dois anos, que começaram aqui em Afuá.

A implantação das Cebs está relacionada com o desuso da ladainha, porque quando não existiam as CEB's, tinham os rezadores de ladainha e os rezadores de terço. E eles iam pelos rios, e o padre só ia uma vez por ano lá. Mas durante o ano todo, digamos que a fé se mantinha nas famílias através da reza do terço e das ladainhas. Porque, geralmente, eram pessoas que faziam promessas de cantar uma ladainha para o santo. Então chamavam os rezadores e então acontecia a ladainha. E normalmente depois tinha a festa, onde se convidava e se dava alimentação a todos os convidados. Depois que aconteceram as comunidades, cada qual com sua capela, seu centro comunitário, uma estrutura eclesial diferente, digamos que a ladainha perdeu bastante o seu espaço. Porém estou sabendo que as ladainhas ainda acontecem a nível particular de famílias, fora da comunidade tem famílias que cantam já por tradição, porque os pais cantavam, os avós deles cantavam, e eles continuam essa tradição familiar. Convidam os rezadores, organizam essa festa. Uma forma paralela e diferente à caminhada pastoral.

Lilium – Então o senhor acha que, de certa forma, ainda há uma importância simbólica da ladainha, atualmente, pras pessoas?

F.Cleto – É um gesto religioso muito importante, muito ligado ao passado.

## 6.2. Os rezadores

Os rezadores que foram identificados eram anciãos na maioria das vezes, salvo os casos de Vila do Arapixi, Anajás e Cachoeira do Arari. Possuem prestígio junto à comunidade pela sua sabedoria e dom, geralmente exercem um papel de liderança religiosa e estão vinculados à estrutura da igreja de coordenação de pastorais.

Possuem timbre de voz e tessitura vocal na maioria das vezes grave e volumosa, uma vez que sua voz precisa ser ouvida em todos os recantos do salão ou ambiente em que for rezada a ladainha. Como solista, precisa ter boa memória para não errar as entradas e as entonações. Nos momentos recitativos, precisa ser capaz de manter a afinação em uma única nota e a cadência final.

Costumam trabalhar em conjunto e serem chamados para atuar nas redondezas de sua comunidade, em outras festas, para pedidos de promessas, etc. É uma atividade gratuita mas em alguns casos há pagamentos, pelo menos o transporte, alimentação e hospedagem são dados pela família ou comunidade que convidou. Seu Cipriano relata quão requisitado é para rezar ladainha pelas redondezas de Afuá:

Lilium – Aí o senhor reza ainda ladainha? Continua rezando atualmente?

Cipriano – Rezo. Agora mesmo eu fui fazer a festa do São Damião lá no Xarapucu, na festa de São Brás.

Lilium – O senhor foi lá?

Cipriano – Eu passei a semana todinha lá. Fui eu que fiz a novena de São Brás tudinho, fui eu que fiz a levantação do mastro, fui eu que fiz a 'baixação' do mastro. Fui eu que fiz a procissão de São Brás. Dia 03 de fevereiro é o dia do santo, mas nós começamos dia 31 e terminamos dia 07.

Lilium – quer dizer que as pessoas sabem que o senhor reza e lhe convidam pra ir?

Cipriano – Ih, todo mundo. Eu vou rezar lá pra Ilha dos Camaleão, pra Ilha das Pacas, pra todas essas paragens. No ano de 2000, nós fomos

fazer a comemoração do Jubileu lá em Breves. Nós fomos 42 pessoas daqui. Tinha três rezador, lá. Eu com meu colega, um de lá de Breves, mesmo, e um de lá de Melgaço. Eu sei que graças a Deus eu ganhei em primeiro lugar.

O evento a que se refere foi organizado pelo frei Cleto, pároco de Afuá, seu Cipriano foi lembrado por outros rezadores e constituiu um acontecimento de grande importância – uma reunião de rezadores. Este fato por si só já indica que há um movimento dinâmico de um repertório.

Tal como foi explicado anteriormente, os rezadores, de modo geral, aprenderam com os pais ou algum familiar próximo, tendo se revelado com o dom e com o perfil adequado para assumir essa tarefa. Seu Cipriano, rezador de Afuá, explica como aprendeu a ladainha mesmo sem nunca ter estudado:

Cipriano – Eu aprendi com meu avô, e o meu pai ajudava apenas um pouquinho, e nós éramos cinco irmãos, e ninguém aprendeu. Apenas eu, graças a Deus, tive a imaginação de aprender a rezar ladainha. E eu acho que pra quem não tem o dom fica difícil. É difícil porque ela é complicada. A ladainha é complicada. Pelo menos ela é em latim, que nem eu não sei porque nunca estudei. Basta eu dizer isso pra vocês que eu nunca estudei. Eu aprendi uma lição com meu avô, e depois daí, eu fui, fui, e a comunidade graças a Deus me instruiu, aprendi vendo os outros ler. Por isso eu sou feliz, mesmo tando doente como eu estou – eu to doente – eu me sinto feliz por essa parte, porque eu rezo ladainha, rezo o terço, eu faço o novena, eu faço romaria, e dependendo de reza, só não faço consagrar porque não sou padre. Mas que se fosse depender de consagrar eu consagrava. Mas não sou padre, né.

Alguns rezadores aprenderam com mestres, como é o caso de dona Duchica, rezadora da localidade de Jenipapo, no município de Santa Cruz do Arari e de dona Odila, rezadora do município de Cachoeira do Arari. Ambas tiveram aulas em turmas organizadas apenas com moças, com professoras de ladainhas. Essas aulas eram feitas no próprio colégio onde estudavam.

Os rezadores têm grande fé nos santos e sabedoria sobre a personalidade destes, sobre a atividade de rezador e sobre os milagres e castigos que já ouvira falar encorajam os fiéis a manter esse repertório.



Atualmente verifica-se uma fragmentação no processo de transmissão desse repertório em alguns locais, ainda que haja esforço por parte dos rezadores em manter a tradição e ainda que a comunidade reconheça a importância desse repertório.

### **6.3. Motivo pelo qual se reza**

O repertório de ladainha pode ser cantado durante as festividades, em momentos específicos para isso, geralmente à noite. Pode ser cantado durante as esmolações, na casa dos devotos que recebem as imagens e pode ser cantado em situações desligadas das festividades, ao longo do ano, como parte de um ciclo de feitura de promessas que, certamente, serão pagas durante a festividade.

O objetivo de execução do repertório da ladainha é a feitura e promessa e alcance de graças. Tal como foi explicitado, constitui um procedimento de mediação com a dimensão sobrenatural, impetrado pelo rezador e experimentado coletivamente. A reza da ladainha também se dá como homenagem ao santo. É imbuída de sentimento de respeito e carinho. O trabalho de campo possibilitou observar a relação entre esse repertório e São Sebastião, mas não exclusivo a esse santo.

O contexto privilegiado da ladainha existe em função da presença da imagem, seja na Igreja, seja na casa das pessoas. A presença do santo, do rezador e o caráter solene e sacro da ladainha criam uma atmosfera de respeito e de dimensão ampliada, rumo ao sobrenatural. Nessa atmosfera privilegiada são feitos os pedidos de graças e rendidas as homenagens pelas graças alcançadas. Padre Raimundo Aguiar menciona a importância histórica deste repertório em meio às comunidades do interior do Marajó:

Pe Raimundo - os rezadores e que estão...inclusive o bispo nosso até se prontificou em ajudar eles no sentido de escrever tudo correto porque é uma mistura do latim. Eu fiz um trabalho com um grupo pra arrecadar... porque eu fiz essa passagem, eu vim da ladainha e passei pra comunidade. Eu ajudei a rezar ladainha em latim e no local eu busquei um grupo para que eles pudessem aprender, não é pra eu aprender porque eu tenho outro trabalho pra fazer. Pra mim tá muito forte essa questão que até 70, de 1500 ate 1970 esse pessoal aqui do Brasil, a única maneira que eles tinham de se relacionar com Deus era a ladainha, não tinha a missa. Porque as missas mesmo começam na década de 70. Será que esse povo se perdeu? A gente acredita que vai se salvar...Será que a ladainha não foi um meio de salvação para esse

povo? Embora se foi não se deve agora, só porque chegou à missa, isto era o meu pensamento junto com as pessoas para que eles pudessem...Não era que a gente fosse ficar rezando ladainha toda semana, mas que a gente tivesse...Porque eu vi uma jovem lá em Santana, ela tinha 28 anos e ela sabia capitular ladainha então significa que as pessoas novas podem aprender vai depender de querer.

Líliam - e geralmente são estruturas complexas, em Currealinho e a quatro vozes e em Cachoeira do Arari era a três vozes. Então não era um tipo de musica simplória, e uma musica complexa, e em outra língua e tem um caráter sagrado também.

Liliam - padre, e quando foi que começou a não ter mais ladainha e outras musicas tradicionais aqui na festa de SSBV?

Pe Raimundo - não tenho recordação porque eu cheguei há pouco tempo. Mas tanto que começou o trabalho da catequese em 70 mesmo que levou pra frente e a ladainha foi...

Liliam - pode ter sido um marco isso, não e?

Pe Raimundo - É, o que é que acontecia, não tinha outra coisa ao qual as pessoas fossem buscar a Deus, era a ladainha. Com a chegada das CEBs, todo domingo tinha culto e ai as pessoas então iam para o culto. Houve toda uma preparação, muita gente se envolveu porque em cada localidade não muito distante foram surgindo as comunidades. E essa questão do culto foi tirando., Não houve mais a...Eu lembro que onde eu morava nos tínhamos no mês de maio, na casa de um cidadão toda noite tinha ladainha.

Liliam - onde o senhor morava -

Pe Raimundo - rio Mutuacá, no municipio de Currealinho.

Outra característica é a confraternização religiosa coletiva, uma vez que, após a reza da ladainha, é servido lanche e os fiéis podem confraternizar-se mutuamente, diante do santo. Em muitos casos, como na festividade que ocorre em Passagem Grande/Salvaterra, a ladainha confere um sinal de identidade a festa, marcando, inclusive, sua origem:

Ana Luiza: Quais as origens da festividade?

- Já existe há 72 anos, desde 1937 e seu fundador foi o senhor Jacob Benicios das Neves.(falecido). Os membros da família do seu Jacob foram os primeiros moradores de Passagem Grande e ai fizeram, serenata, batiam papos e faziam as ladainhas de São Sebastião. Veio um professor chamado Raimundo Pamplona que viu a fé do pessoal e resolveu fazer uma capela para ele e começaram a venerar São Sebastião. Nesta época começaram a realizar as festas, esse Jacob saia em todo o Marajó com a imagem de São Sebastião. A festa profana é uma semana antes do dia 20/01. No dia 20/01 é realizada a procissão, a missa e a derrubada do mastro. A festividade é no segundo sábado de janeiro.

O caráter social e de confraternização que envolve a ladainha possui, também, a marcação da fé, da estrutura familiar e da confraternização em torno da mesa. A troca simbólica também faz parte deste processo. Dona Palmira revela o significado em torno da prática da ladainha, mencionado a força de vontade com que as famílias continuam mantendo as festividades familiares e a devoção e fé que permeiam essa prática:

Líliam: sobre o significado da ladainha, o que a senhora acha que significa a ladainha pras pessoas? Por que as pessoas pedem para rezar a ladainha?

Dona Palmira: as pessoas sempre fazem um pedido, que elas chamam de promessa. Por exemplo, quando o primeiro neto da Dona Raimunda nasceu, ele tinha muitos problemas, muito doente. Ela pediu a São Sebastião que se ele intercedesse pelo neto dela, ela ia continua a fé dela mandando rezar todos os anos, até o final da vida dela. O menino foi curado da doença. Ela acha que recebeu a bênção e continuou. A mesma coisa somos nós na nossa comunidade. O papai, desde quando me entendi, ele já mandava rezar pra Nossa Senhora da Conceição. Tudo que ele quer de Deus, ele pede pra Nossa Senhora da Conceição. Todo ano meu pai manda rezar. Essa já é levantando um mastro, faz uma bandeira com a imagem da Nossa Senhora da Conceição. A levantação do mastro é no mês de novembro e derruba o mastro no dia dela, no dia 8 de dezembro. Tem a bandeira, juiz do mastro, nove noites de novena. Cada ano outras pessoas são sorteadas. Essas pessoas são responsáveis de mandar rezar a ladainha. Sou eu que rezo toda noite. A primeira noite de novena é minha. Se eu puder, eu dou janta pra todo mundo, faço bolo, qualquer coisa. Tem uma capelinha, onde acontece. Depois da ladainha tem festa.

Líliam: quem organiza? Seu pai?

Dona Palmira: eu e meu pai. Nós arcamos com todas as despesas. A última noite é sempre dele, ele mata um boi, um porco, faz leilão. Tira 10% pra cá pra paróquia, compra pistola, contrata músicos, polícia, procissão.

Líliam: por que não tem essas coisas na festa de São Sebastião?

Dona Palmira: porque é só uma família, muito custoso. Eu acho que ela era muito necessitada. Agora que ela ta estudando aquela senhora. Agora que ela já consegue ler algumas palavras. Ela tinha uma casinha muito velhinha que não dava pra acomodar todo mundo, e graças a Deus que ela conseguiu se aposentar e ta construindo. Já tem uma filha que ta começando a ajudar ela.

Ainda em Anajás, seu João Diniz, agricultor ribeirinho, conta como faz para conseguir manter a festividade de São Sebastião, herdada de seu pai:

Seu João: não, no meu tempo já tinha mudado. Meu pai organizava a festa. Comprava tudo também.

Líliam: o senhor é a mesma coisa. Todas as despesas da festa é o senhor que arca?

Seu João: é. As despesas da festa eu que arco. É gelo, é bóia, é óleo pra vim músico, óleo pra noite toda. Óleo pra agüentar o motor da luz, da energia. Pistola... esse ano eu comprei pouco, 25 caixas de pistola só. Ano retrasado eu comprei 40.

Líliam: como o senhor faz pra ter tanto dinheiro? O senhor guarda o ano todo?

Seu João: não, a gente trabalha mesmo. A gente se esforça. Não sou pescador, não sou nada...eu trabalho mesmo em roça. Tenho meu roçado e não me descuido. Ainda hoje eu fiz uma farinha. Eu tenho uns açazais aqui também pra tirar. Tiro açáí pra vender. Ajuda tudo.

Líliam: o senhor começa a comprar as coisas pra festa quando?

Seu João: de outubro em diante. A gente vai guardando, levando pra festa.

### **6.3. Caráter simbólico presente no contexto da reza da ladainha**

O sustentáculo do repertório da ladainha é o sentimento religioso e a fé coletiva. Não fosse isso, certamente esse repertório já teria sido extinto. Originalmente esse repertório ocorria sempre aos domingos e significava o único momento de confraternização religiosa das comunidades dos interiores, onde não havia padre para rezar missa e a figura do rezador se destacava enquanto liderança religiosa comunitária. O advento das Comunidades Eclesiais de Base, na década de 60, implementou uma outra estrutura litúrgica, inserindo o culto aos domingos e toda a estrutura das pastorais. Dessa forma, a ladainha passou a ter outro caráter, ligado a aspectos ancestrais reinantes no inconsciente coletivo, presentes no sentimento religioso, na fé e na percepção da dimensão sobrenatural ao redor do visível.

O momento da reza da ladainha significa, também, um contato mais próximo com o santo, um momento de intimidade com o padroeiro ou o santo do coração, caracterizando uma dimensão mais próxima do sagrado. Segundo dona Palmira, rezadora de Anajás, acerca da festividade de São Sebastião da localidade de Marinheiro do Anajás, interior daquele município, é como se fosse o “aniversário de São Sebastião”, em que os participantes são, em sua maioria, parentes e amigos mais próximos, com poucos estranhos.

Por outro lado, o momento da ladainha, juntamente com toda a carga simbólica das festividades de São Sebastião, é a culminância do relacionamento com o santo, o momento único de solicitar as graças, demonstrar a realidade íntima de cada fiel e alcançar as graças. Pensar na dualidade da cura e catarse social tem uma base na adversidade do cotidiano marajoara. O relato de dona Palmira, rezadora de Anajás, revela o caráter de gratidão e alcance de graças presente em sua vida e sua ligação com ofício de rezadora:

Líliam: como a senhora vê essa devoção a São Sebastião? A senhora acha que é forte aqui em Anajás?

Dona Palmira: eu acho que é. As pessoas que nem a Dona Raimunda, que festejam, gastam...eu vejo ela trabalhar muito pra poder dar o que ela dá pra aquelas pessoas que vão participar. Ela não cobra nada. Não faz esmolação. Tudo é fruto do trabalho dela. É pela fé. Aqui na cidade tinha um senhor que rezava ladainha e cobrava. Eu e essa outra senhora que reza também, a gente nunca cobrou. A gente faz por conta própria, mesmo quando precisa de óleo, motor. Ninguém cobra de ninguém. Só Deus que dá. Eu vejo assim, que quanto mais a gente faz esse esforço...eu tenho recebido muitas bênçãos, muitas mesmo. Eu comecei a contar pra vocês a minha história, que eu não sabia ler e estudei só 3 meses. Eu já aprendi forçada pelo meu pai, que dizia: "você já estudou, tem que levar pra frente"... Então, eu sofri muito. Depois que eu casei, com 19 anos, foi que eu comecei a estudar. Eu estudei lá minha comunidade, Bom Jesus, 1ª a 4ª série, e depois estudei de 5ª a 8ª aqui na cidade. Estudei só até aí. Depois eu vim de lá da minha comunidade trabalhar aqui, mas todo domingo eu vou fazer a celebração do culto dominical lá.

Mesmo sendo vice-prefeita, eu faço isso até hoje. Eu acho uma bênção de Deus. Eu vejo tanta gente mais competente de que eu, e Deus me escolheu. É muita bênção de Deus e ajuda desses santos que são os nossos advogados: Nossa Senhora da Conceição, Santo Expedito... por isso eu to aqui.

Líliam: então a senhora acha que essas bênçãos podem ser também fruto do seu trabalho...

Dona Palmira: do meu trabalho, da minha doação na ladainha. Se vier uma pessoa me convidar pra rezar a ladainha em tal lugar, eu vou lá. Vejo também a grande força do meu marido, que sempre vai comigo. Ele ajuda a cantar.

Tal como se sabe, a ladainha pode ser rezada para todos os santos e em torno de sua prática existem muitas histórias de castigo e milagres envolvendo as imagens e as ladainhas. Dona Palmira menciona um exemplo desses:

Líliam: existem histórias de milagres, castigos em relação ao santo?

Dona Palmira: existe. Aqui em Anajás que meu pai conta, só que não foi de São Sebastião, foi Nossa Senhora da Conceição, tinha um senhor que morava lá no Aramã que também festejava Nossa Senhora da

Conceição. Aí quando ele resolveu mudar de religião, ser protestante, ele pegou a imagem e jogou na água. O rio é muito largo lá. Quando tava com uns seis meses que ele tinha jogado a imagem dentro d'água, ele tava atravessando pra igreja dele, o barco de alagou e ele não sabia nadar. Ele ficou seguro no casco. Ele começou a pensar que ia morrer. Ele disse: "ô minha Senhora da Conceição...", nisso a imagem que jogou na água tinha 6 meses, tava rés à beira do casco. Ele pegou a imagem, colocou debaixo do braço, conseguiu desalagar o casco e passar pra dentro. Isso foi um milagre.

Outro exemplo de castigo e milagre em relação a São Sebastião e a reza de ladainhas é relatado pelo rezador de Muaná, seu Chico Bi:

Ana Luiza: Existem histórias associadas à atividade?

Chico Bi: Sim. Um rapaz sofreu uma descarga de um raio e ficou duro no chão e sem fala, aí a mãe dele pediu a São Sebastião que se ele voltasse ao normal, ela iria mandar rezar uma ladainha e no sábado nós vamos levar a imagem para rezar a ladainha.

Outra história que contam é que a Dona Leonor conversando com um pastor, ele contou a ela que havia sonhado com uma mulher e deu suas características, quando foi no outro dia ele foi à igreja católica e lá estava a mulher do sonho. Ele caiu desmaiado e quando retornou, teve a certeza que a verdadeira religião é a católica.

O processo de transmissão desse repertório se dá de forma hereditária ou familiar na maioria dos casos. Alguns rezadores herdaram o ofício diretamente de seus pais (pai ou mãe) e outros tiveram tios, avós e bisavós como exemplos e, achegando-se a eles, tomaram o exemplo e conseguiram aprender e rezar as ladainhas.

#### **6.4. Processo de transmissão desse repertório**

O aprendizado não é fácil, uma vez que se trata de um repertório que dura cerca de vinte minutos, cantado em latim ou português ou ambas, com entonações e ritmo prosódico, o que exige grande memória e capacidade vocal.

A transmissão ocorre por processo oral e escrito na maioria das vezes. Alguns rezadores que não possuíam o domínio da escrita haviam aprendido apenas ouvindo e repetindo, outros possuíam seu caderninho com toda a ladainha escrita. Dona Palmira, rezadora de Anajás, revela como aprendeu a rezar ladainha:

Líliam: como a senhora aprendeu?

Dona Palmira: olha, eu não posso nem explicar como eu aprendi... porque eu via as pessoas mais antigas rezarem, porque meu pai levava a gente pra assistir ladainha e eu tinha desejo de aprender... não sabia ler. Isso era no interior.

Líliam: em Pedras?

Dona Palmira: em Pedras eu fui umas três vezes.

Líliam: quando a senhora tinha 18 anos, que queria aprender, qual era a comunidade?

Dona Palmira: essa, onde mora a Dona Raimunda Helena.

Líliam: Marinheiro do Anajás?

Dona Palmira: isso.

Líliam: a senhora vai lá desde criança?

Dona Palmira: não. A gente morava aqui perto da cidade. Depois a gente foi morar lá pra perto, eu tinha 11 anos, e a gente ia pras ladainhas. Onde tinha ladainha de São Sebastião, a gente ia assistir. Depois, quando eu tava com uns 15 anos, eu comecei a estudar. Tive a liberdade de estudar três meses lá na casa do papai, que levou uma senhora que sabia ler, e eu estudei 3 meses. Depois ela foi embora e eu fiquei sem estudar. Aí eu comecei a ver uns livrinhos assim que tinham a ladainha, só que a ladainha rezada em latim não tinha nesse livro. Mas eu rezo ela transferindo um pouco em latim.

Líliam: naquele tempo existiam outros rezadores? Seus pais rezavam?

Dona Palmira: existiam. Meus pais não rezavam, só iam aonde sabiam que tinha ladainha.

Líliam: então, na verdade, a senhora aprendeu observando?

Dona Palmira: foi, observando os antigos.

Em outro momento de sua fala, dona Palmira relata que canta de memória da ladainha mas que precisa colocar em sua frente o papel para lembrar das palavras em latim. A tradição muitas vezes é repassada de pai para filho, tal como é possível observar no relato de dona Palmira acima, e na fala de seu Jorge, presidente e rezador da festividade de São Sebastião da Borracha, em Curralinho:

Líliam- e quem ensinou essas musicas para o senhor?

Seu Jorge - no tempo dos meus avós, que deixaram para meu pai, que já repassou pra gente.

Líliam- e tem gente aprendendo?

Seu Jorge -tem gente que já esta ajudando pra tentar aprender.

Líliam - os jovens se interessam?

Seu Jorge - tem muitos que se interessam e tem muitos que não se interessam.

Durante os momentos da ladainha, é comum os participantes também se valerem de cópias escritas da ladainha, fato que acelera o processo de transmissão entre aqueles que já tem o perfil de rezador. Segundo os rezadores entrevistados, as ladainhas não podem mudar. Tal informação é importante porque determina um valor no processo de transmissão – a não improvisação ou imutabilidade deste repertório. Essa característica é reforçada pela fala de seu Cipriano, rezador de Afuá, que afirma não ter havido mudanças na ladainha tendo esse fato contribuído ainda mais para o seu aprendizado.

Para alguns rezadores, como seu Antenor e Chico Bi, ambos de Muaná, o aprendizado das ladainhas ocorreu como autodidatas. Em seus relatos, estes rezadores mencionam a imutabilidade deste repertório e o caráter hereditário dos mesmos, que perpassa as gerações:

Ana Luíza: Quais as origens da atividade?

Chico Bi: O ofício de rezador de ladainhas vem se arrastando de geração a geração.

Ana Luíza: Como, quando, onde e porque aprendeu esta atividade?

Chico Bi: Aprendi sozinho desde rapazinho a tocar, cantar e rezar.



## **7 O processo de “patrimonialização” da Festividade de São Sebastião no Marajó**

O Levantamento Preliminar do Inventário Nacional de Referências Culturais da Ilha do Marajó teve início em julho de 2004, a partir da Microrregião do Arari, continuando em abril de 2005, com o mapeamento da Microrregião dos Furos e finalizando em 2009 com o Levantamento da Microrregião de Portel. Foi constatado que a Festividade em homenagem ao Glorioso São Sebastião, realizada em Cachoeira do Arari, constitui um bem cultural de grande expressão para a comunidade local. A importância do santo não se restringe apenas a este município, mas está presente em quatorze dos dezesseis municípios pesquisados.

Tendo em vista os resultados do levantamento preliminar onde foi identificada a relevância de São Sebastião no arquipélago do Marajó foi iniciado, em janeiro de 2007, o Inventário Nacional de Referências Culturais da Festividade do Glorioso São Sebastião no município de Cachoeira do Arari, local onde a mesma ocorre com maior expressão. O INRC – São Sebastião atendia ao pedido de registro dessa celebração como patrimônio cultural brasileiro apresentado ao IPHAN pela comunidade local em nome do Museu do Marajó.

A pesquisa do INRC – São Sebastião encerrou em julho de 2007 com a finalização do trabalho de campo e entrega dos produtos contratados. A partir da análise dos dados, a equipe de pesquisadores e os técnicos do Iphan PA identificaram a necessidade de aprofundar algumas importantes questões que se colocaram no decorrer do trabalho de pesquisa. Essas questões dizem respeito, em linhas gerais, a um melhor esclarecimento para a comunidade local sobre o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e as possíveis implicações do reconhecimento da manifestação como patrimônio cultural brasileiro. Pois apesar de colaborar com todo o processo de pesquisa e ver de forma positiva o “tombamento” da festa ainda havia muitos mal-entendidos acerca tanto do processo de pesquisa quanto de possíveis implicações sobre a festividade caso o bem venha a ser registrado.

Assim, decidiu-se promover, em Cachoeira do Arari, um seminário organizado em duas etapas, com todas as instancias ligadas a festa: devotos, foliões, festeiros, Igreja Católica e Poder Público local. Os temas discutidos foram aqueles que no processo de coleta de dados para o Inventário foram apontados pela comunidade como os mais relevantes e problemáticos:

- Organização da festividade;
- Infra-estrutura da cidade;
- Processo de transmissão do conhecimento relativo ao ofício de folião.

Esses temas serviram de mote para a organização de três oficinas, onde os convidados podiam debater acerca dos temas abordados e também propor alternativas de resolução e encaminhamentos para os problemas apontados

Os resultados das oficinas apontam para o entendimento de um bem que vive um processo de mudança nem sempre positivamente avaliado por aqueles que o vivenciam. Três pontos podem ser destacados:

O primeiro diz respeito aos sérios problemas ocasionados pela falta de infra-estrutura dos bens de acesso público como abastecimento de água, serviços de transporte, hospedagem e comunicação que são necessários para a eficiente realização da festa. Esses serviços se tornam de fundamental importância visto que sem eles é difícil receber adequadamente as centenas de pessoas que por ocasião da festa se dirigem para a cidade.

O segundo ponto diz respeito à organização da festa em si, e envolve diretamente Igreja e leigos ligados à festa. Formas diferentes de entender a celebração que envolve questões de aparente antagonismo como puro x impuro, sagrado x profano, além do histórico conflito pela gerencia dessas festas, tema que é um capítulo importante da história da Igreja na Amazônia já ressaltado por Maués (1995; 1999) em suas pesquisas na Região do Salgado paraense

O terceiro tema diz respeito mais de perto ao processo de reprodução da festa, sobretudo numa de suas partes mais ricas e específicas: as folias. As

folias passam por um processo de transmissão que não a reproduz com eficiência, mas ainda assim consegue transmitir o conhecimento para jovens que se interessam pelo ofício, através de aulas ministradas pelos próprios foliões os aprendizes dão seus primeiros passos no aprendizado. Os problemas enfrentados são falta de instrumentos, locais adequados para as aulas, e remuneração para os foliões professores.

É importante pontuar que nesse terceiro item os foliões têm propostas de soluções para seus problemas como oficinas com músicos de outras cidades para despertar o interesse dos jovens, promoção de encontros com outros grupos de foliões do Arquipélago para troca de experiência, aquisição de instrumentos via convênios com instituições de fomento a cultura.

## Considerações Finais

Como se pode ver as festas de santo não podem ser compreendidas como eventos isolados que dizem respeito apenas à esfera religiosa. Os festejos de santo são importantes ícones de identidade em todo Brasil e particularmente nessa parte da Amazônia Brasileira, por todo seu processo de constituição elas são estruturantes da vida cotidiana das pessoas que os vivenciam. Essas festividades podem ser importantes instrumentos de verificação do grau de sociabilidade, de mudança e até de desenvolvimento social como bem nos mostram os resultados da oficina que tratou das questões sobre infra-estrutura da festa, o que revela que a comunidade está atenta para questões amplas que não se restringem à esfera particular das festas, mas estão estreitamente vinculadas a estas. Evidenciando mais uma vez o papel que São Sebastião tem para essas comunidades, como “provedor”, “protetor”, “advogado”, mesmo naquelas comunidades onde a festividade não se apresenta com muita evidência. Mesmo nessas comunidades o santo se representa como um canal, através do qual essas comunidades procuram se projetar para um cenário que dificilmente poderiam alcançar, tentando acessar através desse canal (o santo) cidadania, reconhecimento e valorização.

O objeto da proposta de registro

A indicação e justificativa para o registro das Festividades de São Sebastião na Ilha do Marajó coloca-se como uma possibilidade de reforço do social/cultural e possibilidade de contemplação de muitos grupos sociais por políticas públicas que, além de reforçar e assegurar os meios de reprodução cultural, pode estar vinculado a atividades geradoras de renda e profissionalização. Como grupos formadores da sociedade brasileira, são, portanto partes legítimas para terem seu patrimônio reconhecido como nacional.

O objeto constitui-se, então, das Festividades de São Sebastião na Ilha do Marajó, considerando pertinentes para o pedido de registro, os aspectos da historicidade, recorrência, estrutura e relevância simbólica para as populações do Marajó.

## Proposições para salvaguarda

Conforme abordado ao longo do presente Dossiê, foi verificado que os repertórios musicais – folias e ladainhas - constituem o bem em maior situação de vulnerabilidade, destacando-se o processo de transmissão das folias, identificadas apenas em Cachoeira do Arari, Vila do Arapixi, em Chaves, e Ilha do Pará, em Afuá.

Tendo esses dados como ponto de partida, e as soluções propostas pelos participantes do Seminário sobre a Festividade do Glorioso São Sebastião, ocorrido em Cachoeira do Arari, no ano de 2007, apresenta-se a seguinte proposta:

1. A realização de dois seminários – que contemple as três micro-regiões – para discussão das questões e possibilidades de salvaguarda em torno das folias e ladainhas.

2. Operacionalização de oficinas de construção de instrumentos em Cachoeira do Arari, convidando artesãos de outras localidades do Marajó (Ilha do Pará ou Soure).

3. Realização de encontros entre foliões de Cachoeira do Arari, Vila do Arapixi e Ilha do Pará.

4. Realização de encontros entre rezadores de ladainhas, sendo pelo menos um representante de cada município ou festividade.

5. Realização de oficinas de folias e de ladainhas nos municípios que assim desejarem.

6. Produção de material didático relacionado com os repertórios e as festividades.

7. Produção de material em áudio para distribuição entre os foliões.

A troca constitui um elemento importante na dinâmica das festividades e no trânsito de repertórios musicais entre os municípios, por isso, o encontro entre os músicos certamente oportunizará um enriquecimento deste processo, característico das festividades.

Tais pontos apresentados constituem as propostas contidas no relatório final dos Seminários. No entanto, a partir da realização do Seminário entre foliões e rezadores do Marajó, possivelmente outras propostas serão abordadas, relacionadas com suas demandas.

## Referências Bibliográficas

AZEVEDO, João Lúcio de, Os jesuítas no Grão – Pará:suas missões e colonização. Belém-Pa: Secult, 1999.

BAENA, Antonio. L. M. *Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará*. Brasília:Senado Federal, 2004.

BARROS a, Líliam. “Música e Identidade na Festas de Santo em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas”. Diss. De Mestrado. Salvador/Bahia: UFBA, 2003a.

\_\_\_\_\_. b. “Repertórios Musicais em Trânsito: Música e Identidade indígena em São Gabriel da Cachoeira” Tese de doutorado. Salvador/Baha: UFBA, 2003b..

BETTENDORF, pe. João Felipe. 1990. *Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. 2ª edição. Belém-Pará: Secult.

BEZERRA NETO, J.osé Maia. *Escravidão Negra no Grão-Pará. Sécs. XVII-XIX*. Belém\Pará: Paka-Tatu. 2001.

IPHAN, Inventário Nacional de Rreferências Culturais: Marajó. 2004;2009.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Ação das ordens e congregações religiosas na Amazônia*: Belém, 1968.

\_\_\_\_\_. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém: Cejup, 1995.

\_\_\_\_\_. *Uma outra invenção da Amazônia*. Belém: Cejup, 1999.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva-forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas”. In *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MEDEIROS, Sebastião Tito Figuerôa. Deslocamentos em dois cortejos processionais católicos. In *Religião e Sociedade*, V 28, nº 1, 2008.

PAPAVERO, Nelson, Dante Martins Teixeira, William Leslie Overal e José Roberto Pujol-Luz. 2000. *O Novo Éden: A Fauna da Amazônia Brasileira nos Relatos de Viajantes e Cronistas desde a Descoberta do Rio Amazonas por Pinzón (1500) até o Tratado de Santo Ildefonso (1977)*. Belém- Pará: MPEG.

PEREIRA, Nunes. *O Sahiré e o Marabaixo*. Recife/Pernambuco: Massangana, 1989.

SALLES, Vicente. Quatro Séculos de Música no Pará. In *Revista Brasileira de Cultura* Ano I/out.dez, nº 2. MEC/Conselho Federal de Cultura, 1962

\_\_\_\_\_. *A Música e o tempo no Grão-Pará*. Belém – Pará: Conselho Estadual de Cultura, 1980.

\_\_\_\_\_. *O negro no Pará sob o regime da escravidão*, Brasília/Belém, Ministério da Cultura/Secretaria de Estado de Cultura, 1988.

\_\_\_\_\_. *O cantochão dos Mercedários no Grão-Pará*. In *Anais do II Simpósio Latino Americano de Musicologia*. Curitiba-Paraná: Fundação Cultural de Curitiba. 73-96, 1999

\_\_\_\_\_. *Música e Músicos do Pará*. Belém: Secult, 2002.

\_\_\_\_\_. *O negro no Pará: sob o regime da escravidão*. Belém/ Pará: IAP, 2005

VARELLA, José. Histórico da devoção na Ilha do Marajó. In Bellas, C. A; Oliveira, K. C. D. de; Pantoja, V. M. L.; Carvalho, P. P. de; Chagas Jr, E. M.; Barros, L. C. da S. *Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari. Projeto para o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade*. Belém: IPHAN, 2005.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: UNB, 1980

WALLACE, Alfred. Russel. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. São Paulo: Itatiaia, 1979.

---